

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**FEMINICÍDIOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO POLICIAL EM *O POPULAR***

UBERLÂNDIA  
2019

ELISAMA BORGES LINO

**FEMINICÍDIOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO POLICIAL EM *O POPULAR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes.

UBERLÂNDIA

2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L758 2019	<p>Lino, Elisama Borges, 1993- Feminicídios no discurso jornalístico em O Popular [recurso eletrônico] / Elisama Borges Lino. - 2019.</p> <p>Orientador: Cleudemar Alves Fernandes. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2117">http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di. 2019.2117</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arquitetura. I. Fernandes, Cleudemar Alves , 1966- (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p>	CDU: 72
--------------	---	---------

ELISAMA BORGES LINO

FEMINICÍDIOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO POLICIAL EM *O POPULAR*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Uberlândia, 28 de junho de 2019.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes, UFU/MG

---

Prof. Dr. Bruno Franceschini, UFG/GO

---

Prof. Dr. Vinicius Durval Dorne, UFU/MG

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por essa conquista, por ter me sustentado e guiado até aqui.

Agradeço especialmente a meu orientador, Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes, pela acolhida sempre carinhosa, pela oportunidade de ser sua orientanda e poder desenvolver minha dissertação em Análise de Discurso, área infinitamente especial para mim. Sou grata por ter acreditado nesse trabalho, nesse tema, por ter me conferido a oportunidade de discutir a problemática da violência contra a mulher, questão demasiadamente cara a mim, e conhecer um pouco melhor o estudioso Michel Foucault, a quem já há muito tempo admirava. Sou grata, sobretudo, por sua atenção, paciência e desvelo para que este trabalho se concretizasse e, pelos conhecimentos que pude adquirir por intermédio dessa parceria. A você professor, meu muitíssimo obrigada!

A Prof. Dra. Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto, a qual tive a oportunidade de conhecer na graduação, e que desde então nunca deixou de me motivar e aconselhar. Agradeço pelo carinho, pela paciência, pela generosidade e desprendimento, por sempre estar disposta a se doar e a ensinar o que sabe de maneira simples e despretensiosa. Sem a sua motivação, a realização desse sonho não seria possível.

Agradeço imensamente a minha família, pelo amor e apoio incondicionais, pela motivação diária, por estarem comigo a cada passo dessa árdua jornada. A você mãe, Cristina de Fátima Borges, agradeço pelas noites mal dormidas, na constante preocupação com minhas idas e vindas enquanto cursava as disciplinas do programa, por seu apoio e amor inabaláveis. Aos meus avós, José do Carmo Borges e Rosa Maria Borges, minha gratidão por tudo o que sou. Essa realização também é de vocês! A meu irmão, Caio Jessé Borges Lino, os meus mais sinceros agradecimentos por sua ternura e afeto.

A Ana Cristina de Souza, meu muito obrigada pela companhia e parceria nesses anos de pesquisa. Muito obrigada a todas as amigas (os) e companheiras (os) de trabalho que, de forma direta e indireta, me motivaram e auxiliaram no dia a dia para que eu obtivesse êxito. A todos vocês minha gratidão!

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o discurso jornalístico relativo à prática do crime de feminicídio em *O Popular* um dos noticiários de maior vulto no estado de Goiás. Sediado na capital, esse jornal reverbera fatos ocorridos nesta e em outras unidades federativas em seu volume impresso e online, do qual extraímos o *corpus* para o desenvolvimento desta pesquisa. Observando o alarmante número de casos de feminicídios e a forte tendência à espetacularização das desventuras infringidas às vítimas por uma considerável parcela da mídia jornalística de nosso país, decidimos analisar a luz da Análise de Discurso de linha francesa e verve foucaultiana os mecanismos e estratégias discursivas do qual o jornal se vale para formatar suas notícias. A facilidade para a constituição do *corpus*, seu caráter multifacetado e sua importância social também influíram de maneira decisiva para a escolha dessa temática; pois, apesar de abrangente, o tema permite recortes em diferentes áreas do saber. Nesse ínterim, encontramos em Michel Foucault, em seus estudiosos contemporâneos e em estudiosos do campo da história, da filosofia e de ciências afins suporte teórico adequado para o estudo ao qual nos propusemos. O estudo de cunho qualitativo se dedica à análise de dez notícias publicadas na versão online do jornal supracitado entre os anos de 2015 e 2017, período posterior à implementação e início de vigência das duas leis de proteção à mulher em exercício em nosso país, a Lei n 11.340/06 popularmente conhecida como lei Maria da Penha e a Lei do n 13. 104/15, que passou a incluir o feminicídio no rol de crimes hediondos. As análises estão separadas por regularidades enunciativas, a saber, *Machismo*, *Mulher-Corpo e Espetacularização* nas quais cada bloco conta com três notícias distintas, exceto a segunda análise da última regularidade, na qual para uma melhor demonstração do funcionamento discursivo serão utilizadas duas notícias. Com isto, lançando mão da teoria foucaultiana nos debruçamos sob pilares nodais de sua fase arquegenealógica, tais como, arquivo, enunciado, formação discursiva, condições de emergência, memória discursiva, poder-resistência dentre outros. A fim de melhor explicitar as malhas de poder imiscuídos ao discurso jornalístico em questão, decidimos utilizar também o portal feminino de *O Popular*, denominado *Ludovica* “LDVCA” com o intuito de promover um batimento na relação sempre dual concebida no contato dos poderes e resistências que se erigem pela posição discursiva do jornal.

**Palavras-chave:** Discurso. Feminicídio. Poder. Mídia. M. Foucault.

## RÉSUMÉ

Ce travail se propose à analyser le discours journalistique en rapport avec la pratique du crime de féminicide chez *O Popular (Le populaire)*, l'un des plus importants quotidiens dans l'état de Goiás. Siégré dans la capitale, le journal réverbère des faits survenus aussi bien dans cette unité fédérative que dans toutes les autres par voie imprimée et online, à partir duquel nous avons extrait le corpus d'étude pour le développement de cette recherche. Après avoir observé l'alarmant nombre des féminicides aussi que la forte tendance à la spectacularisation des infortunes infligés aux victimes par une partie assez considérable des médias journalistiques de notre pays, nous avons décidé d'analyser à la lumière de l'Analyse du Discours française et verve foucauldienne, les mécanismes et stratégies discursives employés par le journal dans la mise en place de ses nouvelles. La facilité pour la constitution du corpus, son caractère multifacette et son importance sociale nous ont aussi amené, de manière décisive, à faire le choix du thème, étant donné que, malgré sa dimension, il peut déboucher sur plusieurs domaines. En attendant, nous avons rencontré chez Michel Foucault, ainsi que chez d'autres spécialistes aux domaines de l'histoire, de la philosophie et des sciences communes le support théorique adéquat à l'étude ici proposée. L'étude de fond qualitatif se consacre à l'analyse de dix nouvelles publiées dans la version en ligne du journal entre les années 2015 et 2017, soit une période postérieure à l'implémentation et le début des deux lois de protection de la femme en exercice dans notre pays, soit la Loi 11.340/06, connue sous le nom populaire de loi Maria da Penha, et la loi 13. 104/15, qui a inclut le féminicide dans la liste des crimes atroces. Les analyses sont séparées par des régularités énonciatives, à savoir, *Sexisme*, *Femme-Corps* et *Spectacularisation* dans lesquelles chaque partie comporte trois nouvelles différentes, à l'exception de la deuxième analyse de la dernière régularité ; pour ce cas, afin d'atteindre une meilleure démonstration du fonctionnement discursif, deux nouvelles seront utilisées. De ce fait, tout en appliquant la théorie foucauldienne, nous nous penchons sur des points nodaux de sa phase archégénéalogique, tels que l'archive, l'énoncé, la formation discursive, les conditions d'émergence, la mémoire discursive, le pouvoir-résistance, entre autres. Afin de mieux expliciter les trames du pouvoir mêlées au discours journalistique en question, nous avons décidé d'utiliser également le portail féminin de *O Popular*, nommé *Ludovica "LDVCA"*, dans l'intérêt de promouvoir un contact dans la relation, toujours double, conçue par le contact entre les pouvoirs et les résistances qui s'érigent pour la position discursive du journal.

**Mots-clé :** Discours. Féminicide. Pouvoir. Média. M. Foucault.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	14
2 MULHER-VIDA E MORTE.....	26
<b>2.1 Breves apontamentos acerca da representação da mulher na mídia jornalística.....</b>	<b>38</b>
3 O <i>CORPUS</i> EM ANÁLISE.....	43
3.1.1 Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex- namorado em Goiânia.....	45
3.1.2 Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás .....	48
3.1.3 Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis .....	52
<b>3.2 Mulher-corpo .....</b>	<b>57</b>
3.2.1 Jovem mata companheira e deixa filha de um mês .....	57
3.2.2 Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos.....	62
3.2.3 Mulheres são executadas com tiros na cabeça.....	65
<b>3.3 Espetacularização .....</b>	<b>68</b>
3.3.1 “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou ex-namorada com 16 facadas .....	68
3.3.2 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para casamento .....	72
3.3.3 Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto em Alexânia era seu vizinho e já tinha feito ameaças .....	76
3.3.4 Portal Ludovica - Poder e Resistência no discurso jornalístico de <i>o popular</i> .....	78
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	86
REFERÊNCIAS .....	90
ANEXO .....	97

## INTRODUÇÃO

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
Em vigília atenta vigia  
a nossa memória.  
(EVARISTO, 1996).

“O mundo sempre pertenceu aos machos”, observa Beauvoir (2016, p.95). Consciente dos dilemas perpetrados pela condição feminina em um mundo exacerbadamente falocêntrico, a filósofa, nesse estudo, sustenta seus argumentos em diversas áreas do saber humano. Constituindo uma reflexão sobre a condição da mulher, descortinando os reveses femininos de eras longínquas até a contemporaneidade, a autora nos permite conhecer a trajetória da mulher, que, imaculada ou *nefasta*, pura ou *conspurcada* no mais das vezes, sucumbiu à imperiosa vontade masculina.

Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições [...] Mesmo quando os direitos lhes são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta (BEAUVOIR, 2016, p.17).

Historicamente, o momento em que a mulher se encontrou relativamente mais próxima ao pé de igualdade com o sexo oposto foi na época primitiva que antecede o advento da agricultura, momento em que os seres humanos se agrupavam em tribos nômades e o trabalho feminino era indispensável à subsistência do clã. Assim, não havia uma grande diferenciação entre atividades ditas masculinas e femininas. Segundo alguns historiadores, ambos os sexos dedicavam-se a caça, pesca e coleta de produtos oriundos da natureza.

As taxas de natalidade também não expressavam índices demasiado significativos, pois a maternidade era um encargo que diminuía drasticamente a produtividade da mulher e o quinhão que lhe cabia na manutenção tribal. Ademais, uma grei desgarrada estava sujeita a infinitas moléstias e adversidades que trucidavam os membros fisiologicamente enfraquecidos, como gestantes e bebês.

À medida que a posse e cultivo da terra se afirmaram e a agricultura se consolidou como principal forma de sobrevivência, houve uma exasperada valorização da propriedade privada e uma urgente necessidade de formulação de laços indissolúveis como o matrimônio,

a fim de garantir a herdeiros consanguíneos a posse da terra e a posteridade do grande chefe do lar. “Na caça e na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados, contribuíam com bens econômicos importantes. [...] A agricultura estabelecida, mudou isso, beneficiando o domínio masculino” (STEARNS, 2015, p. 31-32).

Incide nesse ponto a primeira grande dissensão entre os sexos e a derrocada feminina que lhe legaria séculos de subserviência. “O deslocamento da caça e da coleta para a agricultura pôs fim gradualmente a um sistema de considerável igualdade entre homens e mulheres” (STEARNS, 2015, p. 32).

Os arbitrários laços maritais que infringiam a esposa status de “mercadoria” viam no adultério um enorme risco à manutenção das famílias naturais e, por conseguinte, à propriedade privada, por intermédio de herança a rebentos do sexo masculino. Dessa forma, não eram raros os casos em que mulheres permaneciam encerradas em habitações, sofrendo humilhações e castigos físicos e morais. Cabia à fêmea engendrar filhos fortes e saudáveis ao seu senhor (preferencialmente mancebos). Em algumas culturas, houve o infanticídio em massa de indivíduos do sexo feminino.

A divinização do falo em determinadas sociedades, como a grega, conduziu a um indubitável rebaixamento<sup>1</sup> feminino. É o que pondera Hipócrates citado por Foucault (1984, p. 163) “mas de toda maneira é o ato masculino que determina, regula, atíça, domina. É ele que determina o início e o fim do prazer. É ele também que garante a saúde dos órgãos femininos assegurando seu bom funcionamento”.

O aviltamento da figura feminina é paralelo a sua deificação. Assim como a mulher é portadora da seiva divina da criação, concebendo a vida em seu cerne, também a Deusa-Mãe terra/natureza consorte de mistérios imperscrutáveis condensa em si a fertilidade e o dom da existência. Criatura excêntrica e dúbia, a mulher é “ídolo supremo nas regiões longínquas do céu e do inferno, a mulher acha-se, em terra, cercada de tabus como todos os seres sagrados; ela própria é tabu” (BEAUVOIR, 2016, p. 105).

O esboço apresentado, mais do que situar-nos acerca da extenuante trajetória feminina no percurso temporal, remonta a uma série de vozes já inscritas na história. Hodiernamente, muito presentes no discurso jornalístico de verve policial, materializando um discurso

---

<sup>1</sup> Segundo o historiador “em muitas sociedades, as mulheres eram mera propriedade dos homens, principalmente do pai, marido ou irmão. O estupro, em muitos sistemas jurídicos, era tratado como violação de propriedade - em outras palavras, a vítima não era a mulher estuprada, mas o homem a quem ela pertencia” (HARARI, 2015, p.153).

machista que tem suas bases no patriarcalismo estruturante, no qual se constitui nossa sociedade.

Logo, a presente investigação destina-se à análise de discursos jornalísticos disseminados pelo jornal online/eletrônico *O Popular* o qual supomos promover a espetacularização de feminicídios cometidos contra mulheres. Acerca do alcance midiático, Gregolin (2007, p.16) considera que “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”.

Como já exposto, dentre os jornais eletrônicos/impressos de Goiás com maior circulação, destaca-se *O Popular*, sediado na capital goiana, mas que reverbera fatos ocorridos em outras comarcas do estado, e de outras Unidades Federativas. O cerne de nosso trabalho centra-se na análise discursiva de algumas notícias propaladas por esse veículo de comunicação. Acerca dos desafios inerentes ao estudo da mídia e, em correlação, do discurso jornalístico, Navarro (2006, p.67) explicita que o analista

[...] precisa situar-se no interior de uma perspectiva linguística e, ao mesmo tempo, fora dela e fazer escolhas em relação aos conceitos e aos métodos dos quais irá lançar mão para fazer “escutas” e “deixar falar” seu objeto de análise.

De acordo com Gregolin (2003, p.11),

[...] quando adotamos o ponto de vista da Análise do Discurso, focalizamos os acontecimentos discursivos a partir do pressuposto de que há um real da língua e um real da história, e o trabalho do analista de discurso é entender a relação entre essas duas ordens, já que o sentido é criado pela relação entre sujeitos históricos e, por isso, a interpretação nasce da relação do homem com a língua e a história.

Interessa a essa pesquisa realizar uma análise do discurso sobre os crimes de feminicídio entremeado ao discurso jornalístico, trazendo a lume o legado foucaultiano que remonta a arqueologia dos saberes, a objetivação do sujeito, as relações de poder que se estruturam na sociedade, e os micro-poderes que os constituem. Para tanto, organizamos e dividimos os objetivos que nos nortearão até o término dessa pesquisa. Reiteramos que o cerne do trabalho está voltado a analisar o discurso difundido pelo jornal goiano *O Popular* no que tange a prática de feminicídio. Enfaticamente, observamos a espetacularização dos crimes cometidos contra mulheres no Brasil.

Nesse ínterim, temos o intuito de examinar, por meio das análises propostas, a possível espetacularização que poderá sobejar os discursos selecionados, as estratégias e mecanismos discursivos condensados na escrita do sujeito jornalista, que transcendem a tessitura textual, ancorando-se na história, na memória, no social, reiterando estigmas que ressurgem em novas vozes. Assim, procuramos descobrir

[...] quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter essa espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o *status* dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito de regulamentar ou tradicional, juridicamente definido e espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? (FOUCAULT, 2008, p. 56).

Especificamente, nossos objetivos consistem em: a) Descrever e analisar diferentes enunciados que constituem o discurso sobre o feminicídio; b) Mostrar como o discurso acerca dos crimes de feminicídio se corporifica pela posição enunciativa/discursiva do jornal; c) Demonstrar o funcionamento desse discurso por intermédio das análises; d) Descrever como um suposto discurso machista é difundido pelo jornal, explicitando as forças de resistência dele oriundos.

Como exposto anteriormente, a escolha da temática se baseou em seu forte cunho social e na multiplicidade de enfoques creditados ao assunto em diferentes áreas do conhecimento humano. Ademais, o grande número de casos e a facilidade para a constituição do *corpus* de pesquisa representaram fatores preponderantes para essa tomada de decisão. Todavia, vale ressaltar que apesar de multifacetada, tal temática permite recortes, possibilitando um maior aprofundamento em determinado campo do saber, no que concerne a esse trabalho, o discurso. Conforme pondera Lakatos e Marconi (2003, p. 158), “o assunto escolhido deve ser exequível e adequado em termos tanto de fatores externos quanto dos internos ou pessoais [...] O tema deve ser preciso, bem determinado e específico”.

A pesquisa, de cunho qualitativo, tem como procedimentos metodológicos o recorte de fragmentos do corpus que possam apresentar estratégias/ mecanismos discursivos que fomentem a premissa espetacularizadora e/ou formações discursivas misóginas e sexistas. O *corpus* é analisado a luz da Análise do Discurso (AD), respeitando suas bases teóricas e conceituais. Assim, afiançamos o que foi exposto por Fernandes (2012, p. 40),

Como sistema que rege e define a emergência dos enunciados, bem como suas formações e transformações, e considerando, ainda, que é no interior do arquivo que os sujeitos falam, o arquivo jamais pode ser apreendido e descrito em sua totalidade. Do lugar da Análise do Discurso, para a

constituição de um corpus para análise, é necessário proceder ao recorte de enunciados, a partir de dada especificidade, no interior do arquivo.

Dessa forma, procuramos especificar e explicitar o funcionamento discursivo que permeia os recortes destacados para análise. Enfatizando noções como formação discursiva, arquivo, enunciado e posição sujeito, almejamos revelar as estratégias discursivas. Também lançamos luz às questões históricas, jurídicas e sociais e observamos se as mesmas perpetuam determinados enunciados e formações discursivas.

Como já exposto, a coleta e a verificação de dados trata de analisar excertos de notícias do jornal eletrônico da capital goiana, *O Popular*, que reverbera casos de feminicídio ocorridos neste e em outros estados. De acordo com O mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil, desenvolvido por uma ação conjunta da Organização das Nações Unidas (ONU) e de órgãos governamentais responsáveis por fomentar políticas públicas à população feminina, a capital goiana apresenta o segundo maior índice de feminicídios na região Centro-Oeste (WAISELFISZ, 2015).

O *corpus* de pesquisa conta com excertos de dez notícias publicadas pelo jornal com um período correspondente a três anos, material recolhido de 09 casos distintos de feminicídios, do ano de 2015 a 2017. O recorte temporal do *corpus* teve o intuito de analisar publicações com um período posterior à implementação e vigência das duas leis relativas à violência praticada contra mulheres no Brasil, lei Maria da Penha nº 11.340/06 e a lei do Feminicídio nº 13.104/15.

As notícias estão segmentadas e analisadas em três categorias de análise, agrupadas por regularidades intrínsecas, a saber; *Machismo*, composto por três diferentes notícias de casos distintos, em que os mecanismos/estratégias jornalísticas tendem a se apoiar em um substrato patriarcalista, da objetificação da vítima em relação a seu agressor. Notícia 01 - Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex-namorado em Goiânia; Notícia 02 - Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás; Notícia 03 - Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis.

A segunda regularidade, também composta por excertos de 03 diferentes notícias, diz respeito à utilização de imagens que compõem o corpo da notícia e contribuem para a formulação de sentidos múltiplos, na justaposição *Mulher-Corpo*. Nesse ínterim, além dos enunciados que serão analisados nas três categorias, nos dedicaremos à análise das imagens, ancorando-nos no conceito de intericonicidade, conforme proposto por Jean-Jacques Courtine (2011). Notícia 01 - Jovem mata companheira e deixa filha de um mês; Notícia 02 -

Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos; Notícia 03 - Mulheres são executadas com tiros na cabeça.

A terceira e última categoria de análise aborda quatro notícias que têm como principal mote uma forte *Espetacularização* das tragédias perpetradas em desfavor das vítimas. Nelas os artifícios e mecanismos linguísticos encetem tons humorísticos, épicos ou teatrais, ou façam uso de vocábulos pouco usuais para a área jornalística. Ou, que supervalorizem ou façam uma exposição desnecessária dos meios pelos quais a vítima veio a óbito. Nesta regularidade, utilizaremos quatro notícias, em uma das análises para melhor demonstrar os mecanismos discursivos utilizados pelo jornal em um dos casos. Notícia 01 - “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou namorada com 16 facadas; Notícia 02 - Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para casamento; Notícia 03 - Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona; Notícia 04 - Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto em Alexânia era seu vizinho e já tinha feito ameaças.

A fim de demonstrar as forças de resistência que surgem dentro da própria instituição jornalística fizemos menção a três notícias disseminadas pelo portal Ludovica (LDVCA). Notícia 01 - Femicídio: Avanço na luta das mulheres; Notícia 02 - Lei cria semana nacional pela não violência contra a mulher; Notícia 03 - Cartilha diz como agir em caso de violência contra a mulher.

Conforme exposto, o presente trabalho está calcado em uma ótica discursiva de linha francesa, tomando de empréstimo os postulados do estudioso francês Michel Foucault, bem como de outros profissionais que se debruçam sob essa temática, desenvolvendo análises a respeito de diferentes discursos que circulam em meio social, e de comentadores estudiosos de Foucault, que em muito contribuíram para disseminação de seus estudos; como, Deleuze (2005), Fernandes (2007, 2012), Navarro (2006), Sargentini (2010) e Gregolin (2003, 2007) dentre outros.

A pesquisa está dividida em três seções principais. A primeira trata dos pressupostos teóricos que nos servem como ferramentas para analisar o discurso preconizado pelo jornal, a teoria da AD de cunho foucaultiano nos auxilia a perscrutar e trazer a lume os mecanismos e estratégias discursivas latentes no discurso jornalístico. Traçamos apontamentos acerca dessa teoria, debruçando-nos sob conceitos nodais tais como arquivo, enunciado, formação discursiva, condição de emergência, sujeito, poder/resistência, dentre outros, tendo em vistas as condições de emergência dos discursos.

A segunda seção está centrada em um breve esboço acerca das condições de emergência do discurso disseminado pelo jornal *O Popular*, em diálogo com temas que giram

em torno do estudo, mulher - vida e morte, processos de dessexualização e desigualdade de gênero. Assim, discutimos questões históricas, sociais e discursivas que permeiam a posição preconizada por *O Popular* no que tange a prática do crime de feminicídio, procurando demonstrar os dispositivos de poder que se afixam e se legitimam por intermédio dessa instituição.

Para isso, lançamos mão de questões jurídicas, históricas, sociais e filosóficas à medida que essas áreas se inter-relacionarem a nosso objeto de estudo. Para uma melhor compreensão dos sentidos e delimitação dos conceitos arrolados na seção de análise, recortamos do *corpus* de pesquisa excertos que demonstram os mecanismos discursivos dos quais se vale o sujeito jornalista. Acerca da história, Albuquerque Júnior (2007, p. 29) pondera

Nem os objetos, nem os sujeitos preexistem à história que os constitui. A história possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e as suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventam.

A terceira e última seção, com respaldo nas questões teóricas apresentadas na segunda seção, é dedicada às análises discursivas propriamente. Mostramos, então, como as publicações do jornal integram um arquivo sobre o tema, inscrevem-se em uma memória discursiva, como os enunciados formam uma rede e compõem formações discursivas; explicitamos como esses enunciados mostram a constituição dos sujeitos e como esses sujeitos encontram-se em relações de poder, marcadas por embates.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

À luz da AD de verve foucaultiana, o discurso não pode ser tomado como simples suporte da realidade. Não se trata, pois, de uma ingênua, rasa e despreziosa idealização gráfica daquilo que os homens produziram verbalmente ou por intermédio da escrita. Tampouco pode ser confundido com um simples lampejo oriundo do contato da história com a memória, apesar de não ser alheio a nenhuma delas. Também não se configura como simples signo linguístico conforme preconiza a linguística saussureana do século XIX. Foucault (2008, p. 54, 55) afirma que

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência, gostaria de mostrar, por meio, de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras próprias da prática discursiva.

É o lugar do já dito, com suas próprias regras de formação e modificação, instância ambígua que utiliza a linguagem e o sujeito como suporte sem jamais submeter-se a nenhum jugo. Ilusão fundante de todos aqueles que dele fazem uso, o discurso; objeto de poder, fonte de resistências, lutas, embates, limiares, rupturas, descontinuidades. Lugar de possibilidades múltiplas, infindas, mas, constantemente limitadas pelo arquivo de suas diferentes épocas.

Todo discurso manifesto repousa secretamente sobre um já dito; mas que este já dito não é simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um 'jamais dito' um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escritura que é apenas o oco de seu próprio traço (FOUCAULT, 1971, p. 21).

Quanto ao sujeito, pode-se afirmar posição social e politicamente demarcada, avesso à exasperação cartesiana de um supra-homem, um ultra ser, detentor de suas vontades e origem fundante e indiscutível de todo o dizer. Não se pode confundi-lo como sendo um ser inscrito e enclausurado na figura de um simples indivíduo, muito menos consubstanciado por suas vontades. Trata-se de um lugar no próprio ser do discurso, um espaço de alternância a ser preenchido conforme se desenrola o jogo discursivo.

O campo discursivo está sempre em interstício entre uma memória e um acontecimento que faz ressurgir toda uma série de enunciados e formações discursivas possíveis para dado período histórico. Ou seja, não se pode dizer tudo acerca de qualquer

assunto em qualquer época. O arquivo<sup>2</sup> é sempre limitado, por mais intensa e fluida que seja a atividade discursiva de dado período de tempo e sempre regido por regras próprias de formulação e dispersão. Para Foucault (2008, p. 30),

[...] o campo dos acontecimentos discursivos em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Importa rememorar a conceituação de *arquivo* para Foucault, que se instaura como instância imanente e fundamental de todo discurso já proferido, um dia materializado, que, apesar de depositar todo o já-dito, não se resume a ações passadas. Tendo-se em vista que o discurso não se trata de uma unidade estanque, mas em constante devir, o arquivo é aquilo que possibilita a organização de enunciados que, aliados a novos acontecimentos, se efetivam em novos discursos. Foucault (2008, p. 146) explicita que “são todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo”.

Conforme preconiza Foucault, (1971, p. 22), “uma língua sempre constitui um sistema para enunciados possíveis: é um conjunto de regras que autoriza um número infinito de performances”. Assim como o próprio discurso, os enunciados não podem ser tomados em um plano estritamente linguístico e nem se confundir com os caracteres gramaticais das frases.

Todavia, uma frase pode configurar-se como um enunciado, desde que obedeça a um preceito. Por ela deve-se perceber uma série de intrincadas relações corporificadas pela linguagem, mas, que extravasam o plano meramente linguístico, encontrando lugar no terreno discursivo. É o que salienta Foucault (2008, p. 93),

Sempre que existe uma frase gramaticalmente isolável, pode-se reconhecer a existência de um enunciado independente; mas, em compensação, não se pode mais falar de enunciado quando, sob a própria frase, chega-se ao nível de seus constituintes.

Em Fernandes (2012, p.24)<sup>3</sup>, está posto que “em uma acepção foucaultiana, todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem e caracteriza-se pela

---

<sup>2</sup> “Chamarei arquivo não a totalidade dos textos que tenham sido conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que se pôde salvar de seu desastre, mas o jogo das regras que determinam em uma cultura a aparição e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e sua supressão, sua existência paradoxal de acontecimentos e coisas” (FOUCAULT, 1971, p. 25).

dispersão” . Enunciados são constitutivos do acontecimento discursivo, assim como o discurso, não se configura como unidades estagnadas, podendo sempre transmutar-se em outros, diferentes de si mesmos. Foucault (2008, p. 112) explicita que não existem enunciados dotados de neutralidade,

Não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação por ligeira e ínfima que seja (FOUCAULT, 2008, p. 112).

Todos os enunciados estão inseridos em uma série e desempenham uma função no mecanismo enunciativo. Acerca de sua constituição, o Foucault argumenta que eles, os enunciados, não estão meramente em um plano linguístico assim como as frases e “não parece possível, assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase” (FOUCAULT, 2008, p. 93).

No campo discursivo, não existem enunciados neutros ou vazios, todos são simbólica e historicamente demarcados, delimitados. Entretanto, tal delimitação não implica necessariamente uma separação total e definitiva, haja vista que todo enunciado e formação discursiva possuem em seus pares que o antecederam e sucederam, redes de contato, seja para neles se apoiarem ou deles tornarem-se antagonistas.

No que diz respeito às formações discursivas, doravante denominadas FDs, são substrato da história e da memória, fonte inesgotável de rupturas e contradições. Formam com outras FDs relações complexas de afastamento ou atração, ou seja, recebem diretamente a determinação de outras FDs que lhe são correlatas. Para Foucault,

[...] as formações discursivas não são, pois, nem ciências atuais em vias de gestação, nem ciências outrora reconhecidas enquanto tais, depois caídas em desuso e abandonadas em função das exigências novas de nossos critérios. São unidades diferentes daquilo que se chama hoje (ou do que se pôde chamar outrora) ciência. Para caracterizá-las, a distinção do científico e não-científico não é pertinente: elas são epistemologicamente neutras (FOUCAULT, 1971, p.42).

As formações discursivas, como dito anteriormente, são constituídas por enunciados que formam sua unidade. Porém, nem sempre tais enunciados têm o intuito de legitimá-las.

---

<sup>3</sup> Em sua obra introdutória à AD, Fernandes (2007, p.58) pondera que “uma formação discursiva caracteriza-se pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto do discurso tem nela, o seu lugar e sua regra de aparição”.

Quando oriundos de uma FD distinta, eles podem rechaçá-la. Por isso, estão eivadas pela *contradição*. Outra característica importante diz respeito a seu aparecimento e dispersão. Como provêm do arquivo, embasam-se em enunciados e FDs já existentes, em contrapartida, por possuírem caráter reiterável, continuam no percurso temporal a embasar outras FDs.

Também cabe ponderar que elas não se tratam de unidades estanques. Tampouco, têm o poder de definir um conceito unívoco de verdade para dada época, são entidades que determinam, pressupõem uma regularidade, formando correlações entre si, que ora se atraem, ora se repelem. Estão sempre em um processo de transformação, assim como o discurso.

Foucault defende que

[...] uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais, coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos, transformações, mutações e processos (FOUCAULT, 2008, p. 83).

São produções históricas por se configurarem como frutos dos contextos de emergência de dada época, por esse mesmo motivo são sempre finitas, fadadas a certo número de ocorrências. A língua permite combinações infinitas. Todavia, por mais extenso que seja o arquivo de dada época, nunca se pode dizer tudo a respeito de determinado assunto. Com base em suas leituras em Foucault, Fernandes (2012) pondera que

[...] uma formação discursiva dada apresenta elementos vindos de outras formações discursivas que por vezes, contradizem, refutam-na. Em uma acepção foucaultiana, todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem e caracteriza-se pela contradição. Uma formação discursiva implica regras e regularidades, que não serão observadas pelo uso de uma metodologia descritiva quantitativa, pois, por existir em um tempo espaço físico-social, envolve a história. Esse conjunto de elementos, cuja presença é constitutiva de toda formação discursiva, reflete o que se denomina condições de produção do discurso (FERNANDES, 2012, p. 23, 24).

As FDs que tomam forma sob novo acontecimento não nascem da poeira do jamais dito; mas sim do que de fato foi produzido em determinado período. Por mais estratificada que seja sua posição na arena discursiva, nenhum sujeito pode crer-se detentor de seu dizer, não há absolutamente nada de novo, autêntico ou genuíno que faça frente à grande autocracia do discurso. O que de fato existe são reelaborações, novos acontecimentos que evocam do arquivo FDs que se revestirão de nova roupagem para ressurgir do silêncio de vozes uma vez ecoadas.

De acordo com Gregolin (2003, p.09), “o assombro banalizou-se”. Ao tecer tal afirmação, a autora faz menção à espetacularização massiva disseminada pelas mídias jornalísticas na atualidade. Sobretudo, ao jornalismo policial, que em vários casos promove uma encenação épica frente a tragédias de grande vulto. Mediante tais circunstâncias, o leitor/telespectador queda-se impassível, como que possuído por um torpor. Consumido pelo espalhafato diário, inerte frente ao suplício alheio, por mais que possa resistir a tamanha apelação, parece não indagar a pertinência daquele discurso que, pela recorrência, soa-lhe tão familiar.

Todavia, para compreender essa intrincada rede ideológico-histórico-social que se corporifica no discurso, ora *para*, e por vezes, *por* poder, é necessário não nos atermos à busca de meras representações de sensacionalismo condensadas na escrita. Mas, compreendermos que o discurso não está apenas na instância do *linguístico*, pois há atividade discursiva e produção de sentidos até mesmo em gravuras e demais gêneros que não utilizam símbolos gráficos sistematizados para sua concretude.

Está em sua especificidade própria de suscitar múltiplos sentidos, por seu caráter reiterável e, por vezes, simultâneo de reinvenção e reelaborações. De acordo com Foucault (2008, p. 132), “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”. De acordo com Fernandes (2007),

Para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana (FERNANDES, 2007, p. 20).

É a instância em que a história, o social e a memória entram em confluência formando um único e indissociável elo. O lugar do poder, do qual ninguém consegue ou almeja escapar, do equívoco, dos entraves, das contradições, dos sentidos. Nesse intermeio, o sujeito é aquele que possibilita, corporifica os discursos em sua voz, possibilitando-lhes existência. Se por um lado, ele está inerte frente à autocracia do discurso, que o atravessa inteiramente; por outro lado lhe é necessário como suporte. Segundo Revel, “O pensamento de Foucault apresenta-se, desde o início, como uma crítica radical do sujeito tal como ele é entendido pela filosofia ‘de Descartes a Sartre’, isto é, como consciência solipsista e a-histórica, auto constituída e absolutamente livre” (2008, p.84).

Dessa forma, por sua inerente capacidade de reinvenção, por nunca achar-se pronto, sendo continuamente trespassado pelo influxo de blocos distintos de formações discursivas

que se atraem e repelem-se num movimento infindo, o sujeito constitui-se por uma série de vozes e posições historicamente demarcadas. Assim, o sujeito imbuído do discurso jornalístico, ao qual nos dedicamos nesta análise, posiciona-se em um lugar social estratificado, condensando em sua voz a *verdade* de dado período histórico. Logo, por tornar-se o arauto dessa verdade, condensa em si, em sua capacidade de persuasão, o poder. De acordo com Navarro (2006, p.84),

Por ser uma prática discursiva legitimada pela sociedade como produtora e difusora da cultura, o discurso jornalístico construiu ao longo do tempo, uma imagem de confiança [...]. Assim, por produzir a verdade amparada no poder, o jornalista tem o estatuto de dizer o que funciona como o verdadeiro de uma época.

O poder pode ser compreendido não apenas como um determinado nível de prestígio e aceitação no meio social; mas, como disciplinador, formador de opiniões e criador de conceitos, no mais das vezes, estereotipados. “O poder é um exercício, *um modo de ação de alguns sobre outros* [...] uma maneira de agir sobre a ação dos outros para conduzir condutas” (FERNANDES, 2012, p. 57).

Nesse contexto, o poder não está materializado em uma única instância, em apenas um sujeito-jornalista, ele é legitimado por uma instituição dotada de grande importância social, a jornalística. Em *O sujeito e o poder*, Foucault (1984, p. 241) discorre acerca das macro instâncias de poder, as quais possuem sistemas organizados e autônomos: “há também ‘blocos’ nos quais o ajuste das capacidades, os feixes de comunicação e as relações de poder constituem sistemas regulados e concordes”<sup>4</sup>. Em *A ordem do discurso* Foucault reitera que

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (2014, p.10).

Todavia, é necessário salientar que esses discursos são oriundos de enunciados já existentes no arquivo, que inter-relacionados por vínculos característicos, “*afinidades*”, produzem novas formações discursivas, posto que o sujeito, apesar de crer-se detentor e criador daquilo que diz, tão somente rememora enunciados *esquecidos*, a luz de um novo

---

<sup>4</sup> Na obra *Vontade de Potência*, Nietzsche (1988, p. 116) afirma que, “somente os indivíduos sentem-se responsáveis. As coletividades foram criadas para realizar aquilo que o indivíduo não tinha coragem de fazer [...] A ‘sociedade’ jamais considerou outro modo de virtude senão como meio para atingir a força, a potência, a ordem”.

acontecimento que os fazem ressurgir. Assim, “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2008, p. 147).

Diante do exposto, torna-se evidente a importância para o analista de discurso de situar-se de maneira pertinente frente ao arquivo, analisando de maneira minuciosa os enunciados e as formações discursivas que dele emergem. Os sentidos e atravessamentos se corporificam pela linguagem, entretanto, não estão em sua pura opacidade. Apenas uma análise responsável e ciosa desses mecanismos pode chegar a seu cerne demonstrando seu funcionamento.

Ele conduz a um retrospecto histórico, nuançando o percurso e as modificações que se insurgiram nesse terreno. Se outrora cabia à história zelar pelas continuidades reprimindo as contradições, como fiel guardiã das tradições, num processo ininterrupto de valoração de documentos, agora cabe a ela tornar-se o lugar dos entraves, das rupturas, fazendo dos documentos, monumentos, fomentando assim, uma história social, um lugar simbólico, repleto de memórias e discursos múltiplos em perpétuo devir. Acerca dessa transição, Foucault pondera que:

Ora, por uma mutação que não data de hoje, mas que sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é identifica elementos, define unidades, descreve relações (FOUCAULT, 2008, p.07).

Descortinando uma arqueologia do saber, Foucault propõe um novo olhar para a história, para o documento, para a obra e o autor. De acordo com Le Goff (1990, p. 536), “o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”.

Nesse ínterim, passa-se a valorar os documentos de uma maneira diversa do que se fazia outrora, eles não são mais a corporeidade estagnada e opaca de um passado distante ao qual é preciso conservar, simples prova documental de uma época, suporte material de um período. Conforme propõe Foucault,

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido

documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2008, p. 07).

A partir dessa perspectiva, em que o valor do documento é modificado e passa-se a não pensá-lo como simples matéria abrupta a ser examinada e interpretada. Mas como monumento, não como algo já dado, pronto a ser apreendido e interpretado. Mas, como desafio cuja densidade natural se deve transpor para chegar ao cerne do que está posto em seu entremeio.

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como *documento*, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de *monumento*. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro discurso” mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica” (FOUCAULT, 2008, p. 157).

Conforme propõe Burke (2011), sob essa nova perspectiva, a história deixa de ser tão somente uma narrativa de acontecimentos e ocorre o deslocamento das atenções de estudiosos para as estruturas. “Em segundo lugar, os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas” (BURKE, 2011, p. 03). Com isso, a história desloca-se de uma pseudo-objetividade, conforme acreditavam os vanguardistas dessa disciplina.

A *nova história* volta seu olhar para as minorias, já não importa tanto eternizar, emoldurar o que pessoas ou instituições ilustres fizeram ou disseram. Interessa a história viva, os acontecimentos, discursos, fatos e memórias que ininterruptamente modificam a sociedade. Para Nora (1993, p.25), “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos”. Esses lugares são histórica e simbolicamente demarcados.

O objeto de estudo deste trabalho pode ser tomado sob essa perspectiva, o discurso jornalístico, imbuído de todo o seu prestígio social, estratificado pelo suposto “lugar de verdade” inerente ao sujeito jornalista. O mesmo acontece com os discursos que circulam em meio social referentes à condição feminina; eles foram simbolizados e instaurados por uma memória, na medida em que os acontecimentos os faziam emergir. A respeito dessa simbolização, Pierre Bourdieu considera que,

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sob a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou do mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos” (BOURDIEU, p. 24, 2017).

Na faina empreendida enquanto analistas do discurso, somos interpelados pela história, não em sua forma incipiente e tradicional, na qual, de maneira simplória e linear, prestava-se a analisar e valorar documentos e a creditar neles um valor positivo ou negativo<sup>5</sup>, conforme lhe aprouvesse, mas, de uma história que não cessa em demonstrar rupturas, limiares, relações infindas; que não vê nos dados escritos simples provas documentais, matéria inerte e amorfa. É, todavia, o desdobramento de uma teia de enunciados vivos e pungentes sempre prontos à insurreição. Nessa perspectiva, Sargentini (2010) preconiza a singularidade do fato histórico sob a óptica da AD

O objeto de análise em sua materialidade não está separado dos quadros formais dos quais emerge. Entretanto, todo fato histórico é uma singularidade. É sempre um risco apoiar-se nas ideias gerais, nas generalizações que banalizam e racionalizam a história. [...] É, portanto, a análise do que Foucault nomeia discurso, práticas discursivas, dispositivos que nos mostram ser tudo singular na história universal, havendo exatamente aí um espaço de trabalho para o analista do discurso (SARGENTINI, 2010, p. 100).

É a história com sua contínua produção de acontecimentos que permite ao discurso manter em funcionamento sua maquinaria. “A base filosófica da *nova história* é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída” (BURKE, 2011, p. 02). Engrenagem complexa, que se constitui em macro e micro instâncias a imanar poder e resistências, em um equilíbrio de forças que permite que o poder possa ser mantido e não substituído por mera violência e/ou coação. De acordo com Fernandes (2012, p. 39),

[...] mediante a historicidade que atesta e possibilita o discurso e considerando que ele resulta de uma dispersão de enunciados regidos por um mesmo princípio de regularidade, a prática discursiva é marcada por uma

---

<sup>5</sup> Para Foucault (2008, p.07), “o documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações”.

positividade, no sentido de que, em sua relação com o sujeito, o discurso incita, provoca, faz deslocar enfim.

Nenhum discurso está isento de ceder às investidas das regras e regularidades fundantes do discurso, todos são regidos por suas práticas e neles se podem ver os mecanismos próprios que fazem falar antigas vozes já silenciadas, que ressurgem sob novo acontecimento. Discursos das mais diversificadas áreas científicas, das artes e cultura, do senso comum, todos seguem regras próprias de formulação e ressurgem mediante os acontecimentos evocados pela história e memória, nenhum está imune a seus efeitos.

Da mesma forma, o discurso jornalístico, com suas regras próprias, seu arquivo finito e formulado pelas demandas de seu tempo, seus enunciados e formações discursivas múltiplas, mas, ao mesmo tempo limitadas, está condicionado à soberania do discurso. Assim como o sujeito jornalista, donatário de elevada estima social, ocupa um lugar historicamente demarcado.

Este esboço acerca de alguns dos principais preceitos teóricos preconizados pela Análise do Discurso teve como intuito situar o trabalho neste campo disciplinar demonstrando o arcabouço que sustentará as análises instadas na última seção. Assim, apresentamos as bases teóricas e conceituais do estudo. Partimos de um vasto campo do saber, a fim de recortar aquilo que nos servirá como sustentáculo na faina de apreender os sentidos, que não são dados a priori.

Como já foi apontado, o discurso responde às demandas das condições de produção/emergência de seu tempo, assim, fatores sociais, culturais e históricos serão arrolados para que consigamos fazer o imbricamento das formações discursivas que povoam de sentidos o que é dito atualmente a respeito do assunto estudado.

Também interessa a este estudo, com algumas ressalvas, a noção sobre a constituição dos sentidos afiançada por Authier-Revuz (2004, p. 26) “O sentido de um texto não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis”. Em outro estudo, a linguista salienta a profunda influência das concepções foucaultianas e althusserianas para os estudos relacionados ao discurso e à análise do discurso.

É à problemática do discurso como produto do interdiscurso, tal como foi desenvolvida num conjunto de trabalhos consagrados ao discurso e à análise do discurso que estou me referindo. Baseadas ao mesmo tempo na reflexão de Foucault e na de Althusser, tais análises postulam um funcionamento regulado do exterior, do interdiscurso, para dar conta da produção do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27).

Seguindo um dos princípios foucaultianos relativos à análise discursiva, tem-se que “quatro noções devem servir, portanto, de princípio regulador para a análise: a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade” (FOUCAULT, 1996, p.54). Ao elencá-las Foucault menciona o reverso de cada preceito, *significação, originalidade, unidade, criação*, sublinhando a referência nodal de tais concepções na conceituação clássica oriunda do campo da história tradicional das ideias, em que se pretendia encontrar o cerne da originalidade e das significações incógnitas. Visão destoante da exterioridade e regularidade fundantes da prática discursiva e seu caráter reiterável.

Os mecanismos discursivos e metodológicos arrolados nesta seção e, embasados em sua quase totalidade pelos estudos foucaultianos, enfaticamente na fase arqueológica e genealógica, assim como outros, que serão reiterados nas análises seguintes, auxiliam o analista do discurso em seu afã de apreender os sentidos, os quais ultrapassam o plano meramente linguístico, instaurando-se em um terreno onde poucos ousam perscrutar.

É este o lugar do discurso, da história, em processo ininterrupto de reinvenção e *acontecimentalização*. A noção de dispositivo também nos é demasiadamente cara. Tomaremos de Foucault citado por Fernandes (2012, p. 66), algumas contribuições acerca dessa noção.

O termo dispositivo refere-se a um conjunto heterogêneo que envolve discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; ou seja, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. [...] O funcionamento do dispositivo, por sua vez, como mostra Foucault (1981), integra as relações de força visando a conduzi-las em certa direção, ou bloqueá-las, estabilizá-las.

Segundo Foucault (1984, p.244), “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’ enquanto ‘livres’- entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades”. Nessa faina, além de estudos no campo da Análise do Discurso e de Michel Foucault, utilizaremos algumas obras de autoras que se dedicaram ao combate à opressão ao feminino, como Simone de Beauvoir (2016).

Resta salientar que, com este trabalho, não tencionamos nos insurgir como arautos da justiça mediante a forte espetacularização disseminada em nossos dias. Nem tampouco, promover uma perseguição à categoria, pois estamos ciosos da qualidade do trabalho e importância do profissional jornalista para a sociedade. Dessa forma, explicitaremos por meio das análises que compõem a última seção deste trabalho o funcionamento discursivo que

permeia dez notícias disseminadas pelo jornal goiano *O Popular*, trazendo a lume os mecanismos, dispositivos e estratégias discursivas que as circundam.



ao patriarcado, corporificado pela figura do pai e irmãos. Em equivalência, estavam cotidianamente sob o jugo da igreja<sup>6</sup> e seus mecanismos de coação<sup>7</sup> física e psíquica. “A todopoderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior” (DEL PRIORE, 2004, p. 45, 46).

Toldada por moldes tradicionalistas, a nódoa do patriarcado sempre eivou a sociedade Ocidental com toda sorte de vilipêndios. É o que explicita Stearns (2015, p. 32): “nas sociedades patriarcais, os homens eram considerados criaturas superiores. Tinham direitos legais que as mulheres não possuíam”. No mundo hodierno, as lutas empreendidas por frentes de resistência vêm alterando drasticamente esse quadro. Em *Microfísica do poder*, Foucault (1984, p.234) objeta que

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘Vocês são apenas o seu sexo’, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. ‘Vocês são a doença do homem’. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se o objeto médico por excelência. [...] Ora, os movimentos feministas aceitaram o desafio. Somos sexo por natureza? Muito bem, sejamos sexo mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis. Tiremos disto as consequências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural... Sempre o mesmo movimento: partir desta sexualidade na qual se procura colonizá-la e atravessá-la para ir em direção a outras afirmações.

Entretanto, parte desse passado tão díspar permanece intocado. Exemplos atuais podem ser suscitados sem grandes dificuldades: a desigualdade salarial<sup>8</sup> mediada por “novos setores produtivos excluem as mulheres através de vários mecanismos [...] relegando as

---

<sup>6</sup> Em *A verdade e as formas jurídicas* (2005, p. 50,51), Foucault ao rememorar o mito de Édipo Rei, discorre sobre como o misticismo e a influência das religiões está incrustado no ideário Ocidental “O Ocidente vai ser dominado pelo grande mito de que a verdade nunca pertence ao poder político, de que o poder político é cego, de que o verdadeiro saber é o que se possui quando se está em contacto com os deuses”.

<sup>7</sup> Na polêmica obra *O anticristo* (1997), Nietzsche demonstra uma postura veemente acerca do cristianismo, “[...] eu condeno o cristianismo; lanço contra a Igreja cristã a mais terrível acusação que um acusador já teve em sua boca. Para mim ela é a maior corrupção imaginável; busca perpetrar a última, a pior espécie de corrupção. A Igreja cristã não deixou nada intocado pela sua depravação; transformou todo valor em indignidade, toda verdade em mentira e toda integridade em baixeza de alma”.

<sup>8</sup> A respeito dessa latente desigualdade, Beauvoir (2016, 169) faz o seguinte apontamento: “Na América do Norte em 1918, a mulher recebia apenas metade do salário masculino. Nessa mesma época, por igual quantidade de carvão extraído das minas alemãs, a mulher ganhava 25% menos do que o homem. Entre 1911 e 1943, os salários femininos, na França, se elevaram um pouco mais rapidamente do que os dos homens, mas permaneceram nitidamente inferiores”.

mesmas, a postos de menor remuneração e, muitas vezes, sujeitas ao assédio sexual” (BLAY, 2008, p.218). Adita-se a isso a ínfima participação política das mulheres em cargos do poder legislativo e executivo, além dos tabus que cerceiam a mulher no domínio sobre o próprio corpo.

Padrões como estes podem ser arrolados quando se reflete acerca das posições assumidas pela mulher brasileira nos dias de hoje. A respeito de um dos maiores interditos que recaem sobre a classe feminina, Beauvoir (2016, p.280) tece um comentário que em nada destoava da realidade encontrada no Brasil do século XXI.

Há poucos assuntos a cujo respeito a sociedade burguesa demonstre maior hipocrisia: o aborto é um crime repugnante a que é indecente aludir. [...] A sociedade tão encarniçada na defesa dos direitos do embrião se desinteressa da criança a partir do nascimento; perseguem as praticantes do aborto em vez de procurarem reformar essa escandalosa instituição que chamam Assistência Pública [...] se recusam a admitir que o feto pertence à mulher que o traz no ventre e, asseguram por outro lado que o filho é coisa dos pais.

E, principalmente, como essas *pequenas* repressões, aliadas à percepção da mulher como corpo dócil, *domesticado*, a serviço da espécie, culmina em atos violentos, fulminando seus direitos e legitimando condutas que atingem sua dignidade. Nesse contexto, vale ressaltar a soberania de todo o corpo social, em engrenagens de poder que ultrapassam grupamentos de pessoas, um poder engendrado por mecanismos de controle muito mais amplos. É o que salienta Foucault (1988, p. 152).

A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida [...] técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações.

Considerando o exposto como realidade tangível, temos no Brasil, desde a época colonial, enunciados misóginos que materializam e legitimam a violência que se perpetua até nossos dias. Eluf (2007, p. 164) explicita que “no tempo do Brasil-colônia, a lei portuguesa admitia que um homem matasse a mulher e seu amante se surpreendidos em adultério. O mesmo não valia para a mulher traída”.

Em 1985 foi criada no estado de São Paulo a primeira Delegacia de defesa da mulher (DDM), com o intuito de oferecer às vítimas de violência doméstica um atendimento mais humanitário e especializado, pois, o serviço prestado em delegacias de polícia comum era ineficiente, e os funcionários não possuíam o suporte e preparo necessários para lidar com tais situações. Atualmente, existem várias unidades de delegacias especializadas no país, que

apesar de todos os percalços<sup>9</sup>, dirimiram em parte, algumas das vicissitudes atreladas à condição da mulher.

No ano de 1995, então gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, foi sancionada a lei 9.099 dentre outras diretrizes, tratava a violência da mulher como crime *de menor potencial ofensivo*. Assim, mediante violência física, a ofendida poderia *retirar* a queixa contra seu algoz e o juiz tinha a possibilidade de aplicar ao agressor uma *pena alternativa*. Nesse contexto, *murros, chutes e esganaduras* poderiam ser negociados por cestas básicas e multas, a serem estipuladas pelo magistrado. Blay (2009, p.231) explicita que,

Embora a intenção do legislador tenha sido a de agilizar o julgamento destas agressões, através da lei 9.099, ela acabou por fortalecer o velho preconceito de que estas queixas não podem ser levadas a sério. [...] *Para evitar outras Severinas* é preciso excluir a violência contra a mulher no âmbito da Lei 9.099.

Atualmente duas leis têm se destacado no combate à violência contra a mulher: a lei nº 11.340/06 e a lei nº 13.104/15. No ano de 2006, foi sancionada a lei nº 11.340, conhecida como lei Maria da Penha, com o intuito de coibir a violência praticada contra mulheres em nosso país. Uma justa homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, biofarmacêutica cearense que por mais de duas décadas lutou incansavelmente para que seu ex-marido agressor, um professor universitário colombiano, recebesse condenação pelos crimes de agressões físicas e duas tentativas de assassinato contra ela. A primeira tentativa de assassinato aconteceu em 1983, quando a vítima foi alvejada com um tiro nas costas enquanto dormia. Na ocasião, Marco Antônio Herredia Viveros, o agressor, defendeu-se com o pretexto de que ambos haviam sofrido uma tentativa de assalto. O disparo de arma de fogo ocasionou a paraplegia de Maria da Penha.

Após alguns meses, Viveros tornou a colocar em prática seus intentos feminicidas, empurrou a então esposa da cadeira de rodas e tentou eletrocutá-la no chuveiro. Legitimado pela negligência da justiça brasileira mediante situações extremas de violência contra a mulher, o caso arrastou-se em tribunais por mais de quinze anos. Nesse período, intermediada

---

<sup>9</sup> Villela (2011 p. 117, 118) realizou um estudo minucioso acerca do atendimento prestado em algumas DDMs na cidade de São Paulo, e constatou que, “As DDM estão abertas de segunda à sexta-feira das 9 h às 19 h. Isso significa que, caso a mulher seja violentada às 20 h da sexta-feira, precisa esperar até as 9 h da segunda-feira para dar queixa, a não ser que faça a ocorrência numa delegacia comum [...] os serviços de segurança pública também não estão adequados para acolher uma mulher que vivenciou uma situação de violência. Ambientes impessoais e sem privacidade não contribuem para que a mulher possa refletir sobre a sua experiência de modo a elaborar o ocorrido e a não se sentir culpada ou tornar-se vítima, e conseguir romper com o círculo de violência”.

por instituições não governamentais, Maria da Penha conseguiu apresentar denúncia a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA) que julgou e condenou o Brasil<sup>10</sup> por omissão e negligência frente à violência doméstica contra a mulher. Quanto a Viveros, foi indiciado em 2002 e cumpriu pena irrisória.

Parte da condenação imputada a nosso país consistiu na implementação de uma legislação específica que protegesse mulheres em situação de vulnerabilidade frente à violência doméstica. Importa salientar que nenhuma resposta estatal foi dada de maneira espontânea. A instituição dessa lei foi conquistada a duras penas, após forte intimidação de órgãos internacionais, que condenaram a postura complacente do Brasil frente ao martírio perpetrado em desfavor das mulheres vítimas de violência doméstica.

Outra importante conquista, refere-se à aplicação dessa lei a transgêneros e mulheres em relações homo afetivas. Desde que foi sancionada, juristas têm sido unânimes quanto à interpretação dos seguintes artigos.

Art.2 - Toda mulher, independentemente da classe, raça, etnia, *orientação sexual*, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social [...] Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de *orientação sexual*. (Grifo nosso)

A partir de março de 2015, passou a vigorar a lei nº 13.104 que incluiu o feminicídio no rol de crimes hediondos, assim denominado por se tratar de crime repulsivo e cometido por motivo torpe, como a própria lei explicita em seu artigo 1º, praticado “VI - contra a mulher por razões da condição<sup>11</sup> de sexo feminino”. São considerados *feminicídios*, entre outros, crimes cometidos em âmbito doméstico, quando é praticado em caráter discriminatório, ou que envolvam tortura e mutilação de regiões do corpo tipicamente femininas, como os seios ou a vulva.

Não obstante, o que interessa não é tão somente perscrutar os veios sexistas que conspiram o corpo social, mas refletir como os mesmos se materializaram em discursos,

---

<sup>10</sup> Vale salientar que em 1994, o Brasil havia ratificado um acordo firmado pela OEA, é o que reitera Bandeira (2008, p.403), “a Convenção Interamericana, ratificada pelo Brasil em 1994, se constituiu no marco que teve papel fundamental para pressionar o Estado a lograr mudanças legislativas, demandando políticas públicas de prevenção e atenção às mulheres”.

<sup>11</sup> A palavra *gênero* foi eliminada da versão final da nova lei, sendo substituída por *condição de sexo feminino*, pois havia o *temor* de que tal vocábulo pudesse suscitar dúvidas e ambiguidades. Cabe salientar que tal ação foi maquinada por parlamentares da bancada religiosa.

como estes ascendem e se mantêm modelando condutas por intermédio de uma memória gregária. Ao refletir acerca dos discursos, Fernandes (2007, p. 25) pondera que os mesmos “devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de constituição”.

Também, configuram-se com teor relevante, os fatores socioeconômicos e culturais, que instigam e potencializam situações de abuso e coação em diferentes âmbitos, e, em inúmeras ocasiões, culminando em atitudes violentas extremas. Para Blay (2009, p.97), o ápice da vileza contra a mulher, consubstanciado pelo assassinato “é antes uma questão de valores culturais hierárquicos de gênero”.

Nesse âmbito, avultam-se uma série de instituições disciplinadoras e irradiadoras de preceitos e valores solidamente convencionados no que concerne à mulher, “a hierarquia dos sexos manifesta-se a ela primeiramente na experiência familiar; compreende pouco a pouco que se a autoridade do pai não é a que se faz sentir mais cotidianamente, é entretanto a mais soberana” (BEAUVOIR, 2016, p.32). Enfaticamente a mais comum dessas organizações, a *família nuclear* muitas vezes é a encarregada por enredar seus partícipes em uma aura androcêntrica, promovendo a formação de futuros opressores.

Perceber essas intrincadas relações de poder que se estabelecem em âmbito macro e micro, no que tange a situação da classe feminina em nossa sociedade, é de importância ímpar, para que se compreenda de forma acurada as opressões e cerceamentos a que as mulheres estão fadadas diariamente. É o que acentua Camargo, (2017, p. 20), quando afirma que “na medida em que seu corpo é tomado como responsabilidade política da coletividade, os direitos individuais da mulher sofrem diversas formas de obstrução”.

Um enunciado que não cessa em embasar novas FDs pode ser encontrado em Freyre (2003, p. 36), que relembra um adágio corrente nos séculos XVIII E XVX, a saber, a “mulher branca para casar, mulata para fornicar, preta para trabalhar”. Esse dito serve como importante indicador das formações discursivas misóginas e sexistas que têm suas bases assentadas no período colonial e que, mesmo na contemporaneidade, não cessam em embasar novos discursos, reiterando estigmas e preconceitos relacionados a questões de gênero e etnia. Esse panorama nuança a situação a que estão expostas as mulheres brasileiras, sobretudo aquelas que pertencem a setores sociais desprestigiados pelo poder público ou estigmatizados socialmente. De acordo com Alcântara (2016, p.01), “a mulher negra é a principal vítima e quanto a todas elas, atuais e ex-parceiros são os maiores algozes. Trabalhadoras rurais igualmente são vítimas em crescimento”.

Segundo o *Mapa da violência no Brasil*, estudo realizado em 2015 pela *Entidade das nações unidas para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres - ONU*

*mulheres*, na tabela destinada a porcentagem de assassinatos femininos por Unidade Federativa, o estado de Goiás liderou o ranking da região Centro-Oeste de 2006<sup>12</sup> a 2013 com 89,5% das ocorrências, contra 59,27% do DF, 28,6% do Mato Grosso e 34,4% do Mato Grosso do Sul.

Na pesquisa por capitais, enquanto a taxa do Rio de Janeiro,<sup>13</sup> no mesmo período, apresentou índice de queda de -27,4% para cada 100 mil habitantes do sexo feminino, Goiânia ocupou a sétima posição no ranking de crescimento da violência contra a mulher, com índice de 73,9%. Essas estatísticas apenas reforçam a latente necessidade de políticas públicas de qualidade que protejam e acolham mulheres em situação de vulnerabilidade frente à violência, perpetrada nos lares e em espaços públicos.

Ao se deparar com índices regionais tão discrepantes, o pesquisador salienta que, “é difícil indicar uma tendência nacional. As oscilações prendem-se a circunstâncias locais, que devem ser estudadas, mais que a fatores globais” (WAISELFISZ, 2015, p.18). Tal afirmação corrobora a necessidade de pesquisas que se debrucem sob vieses diversificados, acerca dos mecanismos e fatores que favorecem índices alarmantes de assassinatos contra mulheres nesse estado.

Dentre os 100 municípios goianos com maiores taxas de homicídios femininos, estão Alexânia, ocupando o segundo lugar no ranking *nacional*, com uma população estimada em 11.947 habitantes; em 13º posição Cristalina, com 23.067 moradores; em 29º lugar Planaltina, com 41.383 habitantes e em 48º posição, Luziânia, com população média de 88.732 moradores. Waiselfisz (2015, p. 18), a respeito dos índices de feminicídio, expõe que, “já a partir da vigência da Lei Maria da Penha, apenas em cinco Unidades da Federação foram registradas quedas nas taxas: Rondônia, Espírito Santo, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro”.

Outra questão crucial explicitada por este estudo concerne aos altos índices de assassinatos femininos praticados em cidades pequenas, como é o caso de Alexânia e Cristalina. Em municípios desse porte, a falta de estrutura e a ausência de órgãos que se dediquem à proteção das mulheres em situação de risco são potencialmente favorecedoras de tais práticas e da sensação de impunidade de que gozam os agressores. O fato de esses crimes assolarem principalmente lugares caracterizados por fortes padrões patriarcalistas denota a influência de uma cultura sangrenta, que não cessa em se perpetuar.

---

<sup>12</sup> Ano da implementação da lei nº 13.340 - Maria da Penha.

<sup>13</sup> Capital com menor taxa de crescimento de homicídios contra a mulher (para cada 100 mil habitantes).

No entanto, não são apenas os fatores históricos e culturais que contribuem para a culminância de crimes contra mulheres. O Estado, ao agir de maneira omissa e negligente tem parte nesse quinhão, por não resguardar e fazer valer os direitos estabelecidos na legislação. Se na maioria das Unidades Federativas a sanção da lei Maria da Penha não alterou a alta da violência e de assassinatos contra as mulheres, isso aponta para uma constatação desanimadora: o poder público não tem sido eficiente em cumprir suas funções, conforme estipulados no terceiro artigo da lei nº 11.340/06.

Art. 3º. §1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. §2º Cabe à família, à sociedade e ao poder público criar as condições necessárias para o efetivo exercício dos direitos enunciados no caput.

Em uma pesquisa recente, publicada no ano de 2018, intitulada *Práticas inovadoras de enfrentamento à violência contra as mulheres: experiências desenvolvidas pelos profissionais de segurança pública*, produzida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, há uma série de iniciativas desenvolvidas em alguns estados do país com vistas a diminuir os constantes ataques dirigidos contra as mulheres em âmbito doméstico.

Dentre essas medidas, as rondas extensivas de patrulhamento merecem especial destaque, assim como, as casas e centros de acolhimento à mulher vítima de violência doméstica. Nesses lugares as mulheres encontram o suporte necessário para sua proteção, manutenção de seus direitos pessoais e resgate de sua cidadania com trabalhos voltados para sua valorização e recuperação de sua autoestima. O trabalho apresenta dez projetos de proteção e combate à violência contra o público feminino, desenvolvido em nove estados e no Distrito Federal; a saber, Núcleo de Estudo e Pesquisa em Violência de Gênero e Núcleo Policial Investigativo de Femicídio – Teresina (PI).

Patrulha Maria da Penha BMRS - Porto Alegre (RS); Ronda para homens da ronda Maria da Penha PMBA- Salvador (BA); Baby: Espetáculo de Cena Fórum-Brasília (DF); Rede de Enfrentamento à violência doméstica contra a mulher - Barra do Garças e Pontal do Araguaia (MT); Projeto Mulher Segura MS - Amanbai (MS); Comissão de violência doméstica do Hospital Militar- Belo Horizonte (MG); Ronda Maria da Penha PMAM - Manaus (AM); Núcleo de atendimento especial à mulher, criança e adolescente (NAMCA) - Fortaleza (CE); Patrulha Maria da Penha GCM e Casa da mulher brasileira - Campo Grande (MS).

Nesse contexto, as vítimas e, em alguns casos, os agressores, continuam sendo assistidos pelas instituições estatais (polícia, hospitais e centros de acolhimento) mesmo após a prática do delito e a confecção do boletim de ocorrência nas delegacias de proteção a mulher. Existe nesses projetos o intento de que a mulher e/ ou o agressor possam continuar sendo assistidos/ monitorados quando retornam para o espaço social, quando usualmente voltam a acontecer novos ataques, no mais das vezes, fatais.

Nesses monitoramentos extensivos, como é o caso das rondas e patrulhas, a entidade policial pode acompanhar o processo de reintegração da vítima a suas atividades cotidianas e averiguar o cumprimento das medidas protetivas por parte do agressor, minimizando assim as possibilidades de reincidência e promovendo a sensação de maior segurança para a vítima e vigilância para o agressor, que se sabendo observado, provavelmente não voltará a colocar em prática seus intentos feminicidas.

Apesar de todos esses avanços com o fomento e implantação de políticas públicas leis e aparatos que visam a minimizar e suprimir a violência contra a mulher, há ainda muito a ser feito, pois geralmente e como foi explicitado pela pesquisa em questão, essas redes de apoio e organizações de proteção são implantadas e funcionam de fato apenas em grandes centros urbanos. Onde geralmente as mulheres possuem mais acesso à informação, são instruídas por essas iniciativas e têm mais possibilidades de serem atingidas por campanhas de conscientização, além de poderem contar com essas organizações de maneira mais eficiente.

Quanto às áreas periféricas e regiões interioranas, ainda estão propensas a maior ausência dessas iniciativas e maior descaso por parte do Estado, o que somado à sensação de impunidade da qual se valem os agressores, culminam em taxas altíssimas de feminicídios, conforme foi apontado no início desta seção.

A desigualdade de gênero e as questões de gênero de modo geral, são assuntos em voga na contemporaneidade, valorizados e debatidos tanto por forças de militância e por frentes feministas, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs), quanto pela sociedade de modo geral. O tema, é claro, perpassa toda uma série de mecanismos e interditos sociais, mas, é antes de tudo uma questão de sexualidade. Foucault (2014, p. 252) discorre a respeito dos avanços nesse campo, angariados sobretudo, a partir da década de 1970 por movimentos de liberação de organizações LGBTs.

Por mais que nesse âmbito não se faça menção diretamente a causa feminina a sua valorização e luta por igualdade em meio social, essa causa dialoga com as questões enfrentadas pelos homossexuais. Trata-se antes de qualquer coisa de um rompimento com a

mentalidade falocêntrica reinante, em que, tudo aquilo que destoa do tradicional, do convencional, tende a ser rechaçado e perseguido. O poder perpassa todas essas relações, ele está personificado pelo próprio corpo, por seu uso, pelas formas como o sujeito o torna objeto de prazeres, lutas e resistências.

Veja, se não houvesse resistência, não haveria relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. Do instante em que o indivíduo está em situação de não fazer o que ele quer, ele deve utilizar relações de poder. A resistência vem, então em primeiro lugar, e ela fica superior a todas as forças do processo; ela obriga, sob seu efeito, as relações de poder a mudar. Eu considero, então, que o termo ‘resistência’ é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica (FOUCAULT, 2014, p. 257).

Nesse ínterim, tendo o corpo como principal mote e ponto de partida para pensarmos as desigualdades de gênero, poderíamos recortar uma série de enunciados que corroboram e legitimam padrões patriarcalistas que veem no corpo da mulher apenas fragilidade, docilidade, fraqueza e subserviência. Tais preceitos, em casos extremos, somados à certeza de superioridade da casta masculina preconizada em nossa sociedade, conduzem a violência de gênero, nesse estudo entendida como

o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio (SAFFIOTI, 2001, p. 115).

Todavia, a desigualdade de gênero não se encontra exposta apenas no binômio corpo-sociedade, nem tampouco pode ser delimitada apenas a um espaço de disciplinarização e confinamento, seja o ambiente doméstico ou a própria escola. Sobretudo, aquelas destinadas ao ensino de dotes “femininos” como as prendas do lar, em que as meninas têm seu ânimo voltado ao recato e as finesses que se espera de uma “boa” moça, ao passo que, aos homens é dada a oportunidade de liberdade de escolhas e procedimentos, sem o peso das exigências que são feitas as mulheres.

No mais das vezes, o único interdito que pode recair sobre o homem é o da masculinidade, preceito solidamente inculcado na mentalidade dos meninos desde a primeira infância. Geralmente, os maiores reveses são destinados às meninas. Inclusive a vergonha por seu corpo, por sua anatomia, por sua biologia, por seu menstruo; cabe a ela dissimular e esconder seus humores e se responsabilizar por qualquer violência sofrida.

Apesar do número reduzido de parlamentares do sexo feminino e de sua pouca influência na tomada de decisões sob o rumo das políticas sociais, nas últimas décadas as poucas mulheres que ousaram perscrutar esse campo majoritariamente masculino, ousaram não apenas por sua simples presença, destoando da maioria reinante nesses espaços. Mas, pelas temáticas e causas defendidas, por um novo olhar para as minorias; enfim, por um novo modo de ação política.

As mulheres invadem o campo da política, não apenas ampliando o conceito de política, mas mostrando que é indispensável a introdução das discussões da subjetividade, do corpo, da sexualidade e da ética nesse campo, que, aliás, deve se constituir no cotidiano da vida social (RAGO, 2013, p.195).

Entretanto, para uma problematização consciente da questão à luz da teoria foucaultiana não há espaço para vitimismos agregada a ideia de um destino imutável. É o que pondera Saffioti, na 16 ed. Dos *Cadernos Pagu* dedicado aos *Desdobramentos do Feminismo*

na posição vitimista não há espaço para se ressignificarem as relações de poder. Isto revela um conceito rígido de gênero. Em outros termos, a postura vitimista é também essencialista social, uma vez que **o gênero é o destino**. Na concepção flexível aqui exposta não há lugar para qualquer essencialismo, seja biológico ou social. Cabe frisar que a categoria histórica **gênero** não constitui uma camisa de força, não prescrevendo, por conseguinte, um destino inexorável (SAFFIOTI, 2001, p. 125).

Assim, pensar as desigualdades de gênero sob um viés fatalista, tornou-se por demasiado antiquado. As mulheres são sim vítimas do patriarcado e os homens que se assenhoram da conduta machista e patriarcal, agem, por conseguinte como algozes. Mas, essa relação dual não é estanque, não se pode cerrar os olhos as diferenças fazendo-as invisíveis. Tampouco podemos crer-nos em um eterno círculo vicioso, onde as situações se sucedem sem um fim determinado, e em que nada possa ser feito. Dessa forma a autora continua,

É lógico que o gênero traz em si um destino. Todavia, cada ser humano-homem ou mulher- desfruta de certa liberdade para escolher a trajetória a descrever. O gênero, assim, apresenta sim um caráter determinante, mas deixando sempre espaço para o imponderável, um grau variável de liberdade de opção, determinada margem de manobra. Isto não equivale a afirmar que a mulher é responsável pela ordem patriarcal de gênero e por seus resultados, dentre os quais se situa a violência. Ao contrário, ao longo da história da humanidade, as mulheres têm oferecido muita resistência ao domínio masculino desde sua implantação há cerca de 7.000-6.500 anos ou, em outro sistema de datação, há 5.100-2.500 anos (SAFFIOTI, 2001, p.125,126).

Assim, cabe as mulheres se insurgirem como força de resistência, fazendo valer seus direitos na criação de redes de apoio e cooperação. Não se deixar levar pelos modismos e

críticas de governos totalitários e neoliberalistas que seguindo o ritmo avassalador da globalização, enodoam o passado de nosso país e, sobretudo, tentam minar nossas forças de resistência. O discurso desse bloco hegemônico do poder faz parecer ridículo e/ou anormal ser resistência, faz com que as lutas e as causas sociais pareçam vãs. É o que pondera Rago (2013, p. 313).

Dizer que o Brasil é um país sem consciência histórica não é novidade. Em nossos tempos, muitas jovens, não importa se brancas, negras, indígenas, pobres ou ricas, insistem em recusar o termo feminista, considerado pejorativamente, negando qualquer vínculo com o passado das lutas feministas, mas também com os movimentos de resistência contra a ditadura militar e contra outras formas de dominação que se sofisticam com os avanços da globalização neoliberal.

A desigualdade de gênero desempenha papel preponderante no que tange à violência física e psicológica que conduz a desfechos trágicos, tendo como derradeira instância o feminicídio. Os fatores são múltiplos, desde a coisificação do corpo da mulher e o legado do patriarcalismo reinante que jamais cessou em rememorar enunciados e estereótipos machistas. A desvalorização da vida, da mão de obra e da importância econômica, política e social da mulher, dentre outros.

Na sociedade normalizadora na qual vivemos, o poder sob o corpo e a conduta das mulheres incide das mais diversas e variadas formas, se imiscui ao cotidiano em suas mais diferentes vertentes e intensidades e está condensada em macro e micro poderes. Em inúmeras ocasiões manifesta-se de forma muito arguta tendendo a uma normalização de abusos e coações.

## 2.1 Breves apontamentos acerca da representação da mulher na mídia jornalística

Cellie és uma árvore,  
digo comigo mesma.  
É assim que descubro que  
as árvores têm medo dos homens.  
(WALKER, 2016, p.12).

No que concerne ao papel da mídia no fomento ao processo de acontecimentalização e consequentemente na retomada e repaginação de enunciados de cunho patriarcais e machistas, temos, antes de tudo, uma forte tendência de categorização e construção de estereótipos gerais que, no mais das vezes, não contemplam os processos sócio históricos e culturais que contribuem para a constituição e disseminação da perspectiva feminina sexista da qual se vale grande parte da mídia jornalística e televisiva brasileira. Para Coulomb- Gully (2014, p.150),

A representação das mulheres nas mídias deu lugar a um número incalculável de trabalhos, todos globalmente convergentes: eles mostram a fraca visibilidade delas em relação à sua posição efetiva na sociedade e à persistência de funções estereotipadas para falar delas.

As construções discursivas produzidas pela mídia, sobretudo relacionadas à noção de gênero tendem a constituição de lugares comuns de fala, melhor dizendo, de um senso comum acerca de determinados aspectos inerentes ao assunto. No caso de *O Popular*, uma das maiores premissas assumidas pela posição discursiva do jornal tende ao apagamento da responsabilidade pelo crime praticado em nome de um pseudo-amor, da inconformidade diante do rompimento do relacionamento. Acerca da mídia enquanto tecnologia de poder, Coulomb-Gully (2014, p. 149) afiança que

Como sucede com todas as ‘tecnologias do poder’ de que fala Michel Foucault, as mídias participam diretamente da imposição das normas que estruturam o Gênero, atuando, assim, senão como um reflexo. O discurso desses espelhos, que são as mídias, é, na realidade, tanto prescritivo quanto descritivo [...]. As mídias produzem significações comuns, e pelos efeitos de intertextualidade, de retomadas e de citações que caracterizam o universo midiático, contribuem para forjar o que se poderia chamar de senso comum midiático, uma espécie de vulgata que, apesar das críticas apontadas, confere-lhe um *status* de objetividade mais ou menos assumida.

Temos, assim, a reiteração de enunciados que justificavam a violência perpetrada em desfavor da vítima em nome da honra, de sentimentos dissonantes que teriam levado o assassino a um desfecho fatal. A barbárie, o machismo, o ciúme ignóbil em certa instância é

justificado é pelo excessivo “amor”, sentimento de posse que unia o agressor à vítima. Ao utilizar tais enunciados, o jornal banaliza a violência praticada, em certa instância tentando justificar a conduta do assassino e desabonar a gravidade dos fatos. É o que se pode observar nos excertos abaixo, retirados de uma notícia publicada pelo jornal,

1) “Inconformado com fim do namoro, jovem mata ex em borracharia de Anápolis”.<sup>14</sup>

A *justificativa* para o crime praticado é marcada pelo primeiro vocábulo com valor de adjetivo que aparece no título da notícia, “Inconformado”, como se o agressor tivesse o direito de praticar um assassinato por não concordar com o rompimento do relacionamento. Outro vocábulo sugestivo diz respeito à designação do indivíduo, “Jovem”. Lembremo-nos de que os sentidos não são dados *a priori*, não estão visíveis na simples materialidade do texto, apesar de aflorar por intermédio dele. Por que este vocábulo e não outro em seu lugar? Por que o jornal em vez de usar a palavra “jovem” dotada de toda a carga de sentidos e significados que ela gera, não fez uso da palavra “homem”, “assassino”, “suspeito” ou mencionou apenas o nome do responsável pelo crime? Por que essa palavra e não outra em seu lugar?

A designação da vítima por intermédio da partícula “ex” também sugere uma supressão, um apagamento da mulher. Volatilizando sua condição de vítima, a objetificando única e exclusivamente em detrimento de sua antiga relação com o assassino. Por esse enunciado, torna-se latente a tentativa de atenuação da responsabilidade pelo crime cometido em favor do assassino “inconformado”.

Em nossa concepção, pautando-nos na teoria foucaultiana para análise do discurso, esta palavra traz consigo uma série de enunciados que tendem a encarar a juventude como uma fase de dúvidas, medos, aprendizados, questionamentos, em que se erra para aprender com o erro. Dessa forma, o jornal encarna em sua posição o papel de defesa do acusado, que tende a justificar, ou ao menos minimizar, a gravidade de seu ato. Seja por sua idade, sua juventude e inexperiência com a vida e o amor, quer seja, pelo inconformismo que o conduziu a este desfecho. Assim, entram em confluência dizeres e práticas antigas que ressurgem sob

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/inconformado-com-fim-do-namoro-jovem-mata-ex-em-borracharia-de-an%C3%A1polis-ele-j%C3%A1-est%C3%A1-presos-1.1254922>>. Acesso em: 17 nov.2017.

novo acontecimento, a trama discursiva, em correlação com a história e a memória, traz à tona a antiga premissa da “Honra banhada com sangue, da legítima defesa do honra”.

No período Imperial, foi promulgado um novo Código Penal, que, de acordo com Eluf (2007), não considerava como crime homicídios praticados *sob forte emoção*, aqueles que poderiam alterar os sentimentos do agressor *privando-lhe* da razão. Em 1940, o Código foi novamente modificado. Dessa feita, o assassino passional não ficaria impune pela “suspensão momentânea do juízo”. Todavia, a aplicação da pena era levíssima, o chamado “homicídio privilegiado”, que possibilitava ao réu cumprir um tempo de reclusão inferior ao homicídio simples. Entretanto, ainda de acordo com a autora, permanecia na mentalidade da população a ideia de que o marido ofendido poderia tirar a desforra de sua honra banhando-se no sangue da companheira.

Segundo Eluf (2007), em júris populares, até a década de 1970, os advogados de defesa, visando uma absolvição completa de seus clientes, utilizavam argumentos embasados na tese de *legítima defesa da honra* e, em vários processos conseguiam êxito, ao convencer os jurados da *paixão incontrolável* que havia guiado aqueles homens a um desfecho trágico. Essa tese era engendrada por eles, pois não havia e não há na legislação brasileira menção a tal argumento, e surtia maior efeito quando o réu era primário. Eluf (2007, p. 222) menciona que “o acusado não ia para a cadeia e, em dois anos, estava livre de qualquer dívida para com a Justiça”.

Na linha fina dessa mesma notícia, enfatizam o nome completo da vítima, sua idade e o caráter sanguinário das agressões que a vitimaram.

2) “Rayane Araújo da Silva, de 25 anos, foi atingida por seis disparos de arma de fogo; ela havia parado no local para consertar o pneu da moto”.<sup>15</sup>

Diante disso, intuímos que há, operando nessa notícia, uma formação discursiva que tende a culpabilizar a vítima e atenuar seu assassinato pela própria disposição das informações que se materializam na tessitura textual. Mas, extravasam o plano meramente linguístico buscando subsídios em um passado que não cessa em se renovar. Por algum motivo, todo o destaque é dado ao “jovem inconformado” que assassinou Rayane, quanto a vítima é

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/inconformado-com-fim-do-namoro-jovem-mata-ex-em-borracharia-de-an%C3%A1polis-ele-j%C3%A1-est%C3%A1-presos-1.1254922>>. Acesso em: 17 nov.2017.

mencionada apenas a partir da linha fina da notícia, tem seu nome exposto, sua idade enfim, sua identidade, dados pessoais explicitados.

A agressão que lhe privou da vida também é explorada pelo jornal como forma de atizar o leitor para mais uma barbárie que acabara de acontecer. De outra maneira, porque seria tão importante destacar que a vítima fora atingida por *seis disparos* de arma de fogo? Para informar o leitor de maneira coerente, responsável e principalmente respeitar a memória da vítima e de seus familiares, bastaria tão somente mencionar que a jovem teve sua vida ceifada por disparos de arma de fogo. Nesse excerto, a banalização da vida e a forte espetacularização de uma tragédia, são exploradas pela torpeza e pelo grande número de disparos sofridos pela vítima evidenciados no subtítulo da notícia, como forma de prender a atenção do leitor.

Ao promover a espetacularização do infortúnio dessa jovem, a mídia, corporificada por *O Popular*, fere não apenas o Código de Ética que regulamenta a profissão; mas, enfaticamente o artigo 8º da lei nº 11.340/06 que, além de coibir a violência doméstica contra a mulher, estipula medidas integradas de prevenção a episódios de violência dessa natureza, conforme podemos ler: “Art. 8º III- o respeito, nos meios de comunicação social, dos valores éticos e sociais da pessoa e da família, de forma a coibir os papéis estereotipados que legitimem ou exacerbem a violência doméstica e familiar”.

O esboço apresentado até o momento esclarece e nos ajuda a delimitar nosso corpus, fragmentos de discurso do jornal *O Popular*, excertos retirados de notícias que tratam da prática de feminicídio. Nesse ínterim, examinaremos nas análises que se seguem a forte espetacularização que sobeja os fragmentos selecionados, as estratégias e mecanismos discursivos condensados na escrita do sujeito jornalista, mas, que transcendem a tessitura textual, ancorando-se na história, na memória, no social, reiterando velhos estigmas que ressurgem em novas vozes.

Cientes de que todo poder carrega em seu bojo forças de resistência que lhe fazem frente e ao mesmo tempo permitem sua manutenção, decidimos observar esse contra-poder dentro da própria instituição jornalística, no que concerne a este trabalho, o jornal *O Popular*. Nele o portal *Ludovica (LDVCA)* funciona como uma área destinada ao público feminino dentro da versão online do jornal, onde notícias violentas, feminicídios e demais crimes outrora valorizados por um forte tom espetacularizador, cedem espaço para um entretenimento ameno e “sadio” para as mulheres.

A plataforma traz informações de moda, as últimas e mais comentadas notícias dos famosos, artistas e personalidades em destaque na grande mídia, assuntos relacionados a

moda, bem-estar (saúde), maternidade, dentre outros assuntos, os quais o senso comum definiu como tópicos relacionados ao universo feminino na contemporaneidade. Esse espaço não traria nenhuma novidade ou nada de proveitoso para pensar a violência contra a mulher em um viés discursivo se destinasse suas pautas a apenas tais assuntos triviais, sem inter-relacioná-los e pensá-los a luz da crescente onda de violência que assola as mulheres em todas as esferas sociais.

Nesse contexto, o que chama a atenção é que entremeado a editoriais de moda e fofocas de famosos, o tema *feminicídio* e seus afins, como, violência doméstica contra a mulher e formas de como coibi-los, por algum motivo, tornaram-se comuns em um jornal que em suas colunas e notícias dedicadas a vertente policial e investigativa não demonstra grande preocupação de conscientização e denúncia dessa natureza criminal.

Ao contrário, conforme estará exposto adiante nas análises, em suas notícias o jornal, no mais das vezes, tende ao apagamento da culpa do agressor, imputando a responsabilidade do crime praticado à vítima por alguma conduta que a tenha desabonado aos olhos do feminicida.

No portal Ludovica, uma situação antagônica se desenrolara aos olhos do leitor, de maneira inédita, os temas acima mencionados, relativos à violência contra a mulher serão mencionados e descritos com riqueza de detalhes. Expição da culpa pela valorização de tragédias alheias e total descrédito a violência a qual as mulheres estão expostas, ou, pura e simples estratégia mercadológica. Na seção de análise, voltaremos a esse tema examinando excertos que compõem o portal LDVCA.

Em sua definição mais simples, o editorial representa a opinião da empresa produtora do jornal. Se, como vimos, o jornalismo nasceu de um projeto eminentemente opinativo, mesmo ao render-se às exigências mercadológicas conservou seu prestígio de definidor da opinião, ainda que confinando-a a pontos isolados (MARTINO, 2003, p. 64).

Conforme o parecer do autor, independentemente da posição assumida e preconizada pelo jornal ele é sempre um formatador de opinião. Portanto, responsável por tudo aquilo que expressa e veicula a sua imagem enquanto instituição. Na seção de análise, nos dedicaremos ao comentário de três notícias do portal LDVCA, 1) Feminicídio: Avanço na luta das mulheres; 2) Lei cria semana nacional pela não violência contra a mulher e, 3) Cartilha diz como agir em caso de violência contra a mulher.

### 3 O CORPUS EM ANÁLISE

Nesta seção, procederemos às análises dos excertos que compõem as notícias disseminadas em meio eletrônico pelo jornal *O Popular* sediado no estado de Goiás. Essas notícias foram produzidas entre os anos de 2015 a 2017. Serão analisados excertos de dez notícias diferentes, dos quais dois fazem menção ao mesmo acontecimento, ou seja, tratam da prática do crime de feminicídio de uma única vítima. As demais análises são compostas cada uma por excertos de uma única notícia.

As análises estão agrupadas por eixos de regularidades, laços de afinidade no que concerne aos mecanismos e/ou estratégias discursivas utilizadas para sua composição. As três primeiras versam a respeito do **Machismo**, Notícia 01 - Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex-namorado em Goiânia- Homem, que não aceitava o fim do relacionamento, foi preso e encaminhado com a arma à Central de Flagrantes; Notícia 02 - Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás; Notícia 03 - Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis.

As três seguintes fazem menção à relação **Mulher-Corpo** e a maneira como o jornal explora esses elementos, tanto em nível discursivo, quanto iconográfico. Notícia 01 - Jovem mata companheira e deixa filha de um mês; Notícia 02 - Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos; Notícia 03 - Mulheres são executadas com tiros na cabeça.

As quatro últimas notícias têm como mote a premissa espetacularizadora, **Espetacularização**. Notícia 01 - “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou namorada com 16 facadas; Notícia 02 - Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para casamento; Notícia 03 - Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona; Notícia 04 - Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto em Alexânia era seu vizinho e já tinha feito ameaças.

Além disso, analisaremos excertos de 03 notícias do portal Ludovica (LDVCA), plataforma do jornal *O Popular* dedicada ao público feminino que trata de temas correspondentes a este universo, como, moda, culinária, entretenimento, dentre outros. Nas notícias em análise a temática versa a respeito da violência contra a mulher, questões relacionadas à legislação específica e as forças de enfrentamento a este tipo de violência.

Com isto, temos o intuito de promover um batimento entre as forças de poder e resistência que se erigem pela posição discursiva do jornal em questão, demonstrando o posicionamento dos sujeitos e sua implicação para a constituição de um arquivo sobre o tema.

Notícia 01 - “Feminicídio: Avanço na luta das mulheres”; Notícia 02 - “Lei cria semana nacional pela não violência contra a mulher”; Notícia 03 - “Cartilha diz como agir em caso de violência contra a mulher”.

Para tal, nos respaldaremos no aporte teórico apresentado nas seções anteriores que encontram subsídio necessário nos estudos desenvolvidos por Michel Foucault e seus estudiosos contemporâneos. Sem, é claro, deixar de buscar nas referências secundárias que versam acerca da história, memória, legislação dentre outras áreas do saber, sustentação teórica a fim de enriquecer e esclarecer questões vinculadas às análises.

A seção está topicalizada por enumeração, sendo que cada tópico destina-se à análise de uma notícia jornalística. Exceto o primeiro tópico, no qual, para uma melhor apresentação do caso e exposição do funcionamento discursivo, foram tomados fragmentos de duas notícias distintas, que fazem menção ao mesmo crime. Os análises foram nomeadas conforme o título das notícias que tomamos como corpus.

### 3.1 Machismo

Nesta regularidade, observamos pelos mecanismos e estratégias discursivas utilizadas pelo jornal, enunciados e formações discursivas que se estruturam em um viés machista, onde haja apagamentos ou supressões de responsabilidade por parte do agressor e consequente culpabilização da vítima pela violência sofrida, excertos em que o jornal demonstre esse posicionamento, fazendo falar uma memória coletiva de um substrato muito mais denso e antigo.

Enunciados que confirmam a mulher status de mercadoria, a coisificando em detrimento a relação que mantinha com o agressor também serão analisadas a luz da Análise de Discurso. Sobretudo àquelas que possam demonstrar o sentimento de posse que ligava o assassino a vítima e que de alguma forma tenham corroborado para a prática do crime de feminicídio.

#### 3.1.1 Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex- namorado em Goiânia

Essa notícia se inicia com a idade da vítima e o número de golpes que a feriram mortalmente em destaque, trata-se de mais um caso de feminicídio ocorrido na capital goiana. Duas informações são enfatizadas no corpo e na linha fina da notícia, o fato do agressor não “aceitar” o término do relacionamento e os detalhes da natureza violenta do ataque que vitimaram a jovem.

A primeira descrição do ataque está expresso no título da notícia,

- 1) “Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex-namorado em Goiânia”.<sup>16</sup>

Neste enunciado, os numerais cardinais saltam aos olhos, inicialmente a pouca idade da vítima (15 anos) e logo em seguida, a imensa quantidade de golpes de arma branca que lhe foram desferidos, dezesseis (16) no total. Com o grande destaque dado a esses números pelo jornal e à luz da análise de discurso, devemos despirmo-nos de um olhar simplista para compreender o jogo discursivo que ganha fôlego sob este acontecimento. Segundo Fernandes (2007, p. 39), “os enunciados apreendidos em dada materialidade linguística explicitam que o

---

<sup>16</sup> Disponível em: Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformaram e modificam-se”.

Assim, o jornal, de maneira aparentemente despretensiosa, nuança a pouca idade da vítima e a selvageria que lhe privou da vida, número de golpes superior inclusive, ao total de anos que a vítima viveu. O jornal explora de maneira tão arguta tal enunciado a fim de promover uma latente espetacularização que, no corpo da notícia ele é reafirmado,

2) “Uma adolescente de 15 anos morreu após ser atingida por 16 golpes de faca, em várias partes do corpo [...]”.<sup>17</sup>

Mais uma vez o jornal reitera e dá mais detalhes da maneira com a qual a vítima veio a óbito. A estrutura frasal quase não sofre alterações do título ao corpo da notícia, mas, os dois números continuam em evidência, a pouca idade da vítima e o número de golpes que ela sofreu. Para entreter, escancarar a rudeza das agressões aos olhos do leitor, o jornal faz uso desse recurso de descrição das agressões mais uma vez.

3) “A menina foi atingida no tórax, braço e rosto, chegou a ser socorrida por pessoas que passam pelo local e encaminhada a UPA do Jardim Curitiba, mas não resistiu aos ferimentos e morreu”.<sup>18</sup>

Nesse trecho o jornal designa as partes do corpo da vítima que foram perfuradas, a terceira ocorrência na mesma notícia dos golpes de arma branca que feriram mortalmente a vítima. Outra questão que resta salientar trata-se da utilização dos vocábulos “menina” e “adolescente” para fazer menção à vítima, por um lado sua imagem é infantilizada por intermédio desses termos, por meio deles sua pouca idade é enfatizada.

O tom machista é expresso pelo reiterado uso do verbo aceitar no pretérito imperfeito do modo indicativo “aceitava”, como se coubesse à vítima acatar o desejo do agressor de continuar a relação a fim de não perder a vida. E, como se o agressor tivesse algum direito sob o corpo, a conduta, as decisões e sentimentos da vítima. A primeira ocorrência encontra-se na linha fina dessa notícia,

4) “Homem, que não aceitava o fim do relacionamento”.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Disponível em: Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

Tal enunciado reativa uma memória gregária que não cessa em ressurgir a luz de novos acontecimentos, faz parte de um substrato antigo que se renova constantemente, um arquivo relativo ao tema, que revive sob um novo incidente, nesse caso a prática do crime do feminicídio. Faz parte de uma formação discursiva machista e patriarcalista que vê na conduta da mulher motivo para a desaprovação e conseqüente retaliação por parte do homem. Como se o homem tivesse direito à vida de sua companheira e por esse motivo estivesse legitimado a banhar-se em seu sangue. Ainda de acordo com Fernandes,

Esse espaço de memória como condição de funcionamento discursivo constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência (FERNANDES, 2007, p. 45).

O fato do criminoso não aceitar o término do relacionamento também é explorado no corpo da notícia,

5) “De acordo com a Polícia Militar (PM), a jovem foi morta pelo ex-namorado, que não aceitava o fim do relacionamento”.<sup>20</sup>

Dessa forma, o discurso machista é disseminado e ratificado pela instituição jornalística que se vale da fala de uma instituição social de grande prestígio com um discurso contíguo ao seu. Nenhuma menção é feita a tipificação penal do delito praticado nem a pena imputada ao criminoso.

Na próxima análise continuaremos a tratar da regularidade *machismo* recortando enunciados que demonstrem e explicitem o funcionamento discursivo do jornal, que na maior parte das vezes tende a supressão ou apagamento de responsabilidade em relação ao agressor e a conseqüente culpabilização da mulher.

---

<sup>19</sup> Disponível em: Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>20</sup> Disponível em: Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

### 3.1.2 Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás

O primeiro posicionamento do jornal que chama a atenção, é a suspeita em relação à autoria do crime, sendo que o caso já havia sido elucidado,

1) “A morte se deu pelo gênero mulher, pela questão da violência doméstica. É o típico feminicídio’, explica o delegado”.<sup>21</sup>

Tendo sido, inclusive recortada a fala de uma autoridade policial que confirma o ex-marido da vítima como o responsável por sua morte.

2) <sup>22</sup> “Para o delegado responsável pelo inquérito, Jandson Bernardo da Silva, de Formosa, não há dúvidas sobre a autoria. ‘Já está provado que foi o marido em processo de separação’.

E o fato do criminoso ter praticado o crime na presença de algumas testemunhas, tendo inclusive agredido fisicamente uma senhora e tentado desferir um disparo de arma de fogo na amiga da vítima que tentou contê-lo a fim de que não praticasse o delito.

3) “Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás”.<sup>23</sup>

4) “[...] é suspeito de balear e matar sua mulher [...]”.<sup>24</sup>

Nesses trechos, é possível observar a dúvida criada pelo jornal em relação a autoria do crime que àquela altura já havia sido elucidado, tanto pelas testemunhas quanto pelo delegado responsável pela investigação do crime.

5) “Testemunhas dizem ter visto quando José Fernando baleou e matou a dona de casa”.<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

- 6) “Para o delegado responsável pelo inquérito [...] não há dúvidas sobre a autoria. ‘Já está provado que foi o marido em processo de separação’.<sup>26</sup>
- 7) “Depois de baleiar a mulher, José Fernando ainda teria agredido uma amiga da vítima, que tentou controlá-lo. ‘Ele jogou essa senhora no chão, engatilhou e disparou, mas a arma falhou porque não tinha mais munição’, relata o delegado Jandson”.<sup>27</sup>

A partir desses enunciados pode-se levantar uma série de questões a respeito da inserção desses dizeres no discurso, podemos questionar quais sentidos podem produzir, como funcionam e fazem falar vozes já silenciadas. A recusa, ou a negação de nominar o ex-marido da vítima como assassino, mesmo diante de provas, do testemunho das pessoas que presenciaram a agressão e da própria autoridade policial que após investigação é unânime em confirmar a autoria do crime, denota uma forte tendência ao apagamento, supressão ou atenuação da culpa ao agressor.

A carência de políticas públicas e instituições governamentais de apoio, suporte e investigação dos crimes relacionados a violência contra a mulher são explicitados em um trecho da notícia,

- 8) <sup>28</sup>“A 2ª Delegacia de Polícia de Formosa, que responde por Flores de Goiás, fica mais de 100 km de distância da cidade e só funciona meio período. Uma vez por semana, um delegado de Formosa vai até o município realizar oitivas”.

Tal fato aumenta o sentimento de impunidade por parte dos agressores e de vulnerabilidade e desamparo por parte das vítimas, que em regiões interioranas encontram-se ainda mais expostas ao descaso do poder público. Além disso, neste caso, as testemunhas depuseram apenas por iniciativa dos filhos da vítima, o que indica uma falta de cuidado na apuração do caso por parte da instituição militar na elucidação do crime e de sua autoria,

- 9) <sup>29</sup> “As testemunhas que presenciaram o homicídio foram ouvidas nesta terça-feira (19) por iniciativa dos filhos de Marli,

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-goi%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

que entraram em contato com o promotor de Flores e levaram as testemunhas até a delegacia de Formosa. Como a vítima foi retirada do local do crime, não houve perícia”.

Os enunciados são passíveis de análise. Todavia, nem todos os sentidos produzidos por eles podem ser apreendidos, pois, vinculam-se a uma completa rede discursiva com outros enunciados que o precedem e sucedem,

Os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos suscetíveis de serem analisados considerando a continuidade, a descontinuidade, a dispersão, a formação e a transformação. A unidade do enunciado obedece a princípios de regularidade, mas seus sentidos são incompletamente alcançados. Os enunciados inscrevem-se nas situações que os provocam e, por sua vez, provocam consequências, mas, vinculam-se, também, a enunciados que os precedem e os sucedem; para analisá-los, busca-se compreender as relações que os engendram na produção e funcionamento dos discursos (FERNANDES, 2012, p.26).

Outra questão apontada pelo jornal como dúvida, trata-se da prisão e do indiciamento do acusado, tendo em vista que o mesmo na época do crime já respondia por outro homicídio e estava em liberdade. Assim, cria-se a dúvida sobre eficácia da polícia em cumprir seu papel e da justiça em promover o cumprimento das leis.

- 10) “Ele pode responder por feminicídio”.<sup>30</sup>
- 11) “Se capturado, o motorista pode responder por feminicídio”.<sup>31</sup>
- 12) “se condenado pelo tipo penal do feminicídio, José Fernando pode pegar de 12 a 30 anos de prisão”.<sup>32</sup>

Em todos esses enunciados há a presença de vocábulos que exprimem incerteza quanto à prisão e condenação do acusado. Com isto, há a legitimação da certeza de impunidade da qual gozam os feminicidas que, por omissão da justiça, e/ou pela misoginia e desrespeito ao feminino na qual se estrutura nossa sociedade continuam a atentar livremente contra a vida das mulheres.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-go%C3%AAs-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-go%C3%AAs-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-go%C3%AAs-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

A fala recortada pelo jornal enunciada por um familiar da vítima traz à tona a velha premissa machista, como se coubesse ao agressor “aceitar” a decisão da vítima de romper a relação, podendo matá-la em caso de uma negativa quanto à reconciliação.

- 13) “Ele sempre foi um cara com muitas relações extraconjugais. No momento que ela deu basta e falou que não queria mais ele, ele falou que não aceitaria a separação”.<sup>33</sup>

Por fim, resta salientar a menção à tipificação penal do crime de feminicídio, o que não é comum nas notícias disseminadas pelo jornal acerca desse tema, e está expresso nos excertos 6, 7 e 8 e em outros fragmentos da notícia. Essa alusão é benéfica no sentido de popularizar e explicitar a lei aos leitores, em um sentido de conscientização. Porém, essa ação torna-se questionável pela dúvida gerada quanto à prisão e condenação do assassino e a impunidade reinante em nossa sociedade.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-go%C3%AAs-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

### 3.1.3 Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis

A vítima Gerlândia Maria da S. Costa foi mais uma vítima de feminicídio no Estado de Goiás; por temer a concretização das ameaças proferidas pelo antigo companheiro, resolveu registrar um boletim de ocorrência, julgando se resguardar de possível violência. Contudo, apenas um dia após a denúncia, a vítima acabou sendo brutalmente assassinada, ao que tudo indica pelo denunciado, com vários golpes de arma branca, enquanto trafegava em sua motocicleta em uma via da cidade de Anápolis. Nessa notícia produzida pelo jornal *O Popular*, aparece em destaque o enunciado,

1) “Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis”.<sup>34</sup>

Um enunciado aparentemente comum, propalado aos milhares todos os dias, em vários lugares do país, por jornais distintos, mas, lançado à luz da AD e interpretado<sup>35</sup> por seus mecanismos e aparatos metodológicos próprios, ele adquire outro aspecto. Inicialmente, porque faz parte de um discurso que remete a uma memória coletiva: “os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos” (FERNANDES, 2007, p. 59-60).

O acontecimento que o motivou é inteiramente excepcional, único, nasceu com o assassinato da vítima. Mas, os enunciados e formações discursivas estavam no arquivo, prontas para retornarem em outro contexto. Enunciados dessa natureza se tornaram comuns em um jornalismo especulativo e espetacularizador como o policial. Tal fato é inegável pelo simples fato de que, ao se deparar com o mesmo, o leitor automaticamente já se identifica em face de uma notícia jornalística/espetacularizadora, por mais que não diferencie pontualmente os gêneros textuais, a experiência cotidiana, uma memória coletiva o conduz a esse desfecho.

Em notícias dessa ordem, não basta apenas informar que a violência contra a mulher fez mais uma vítima pelo não cumprimento da lei, pela carência de políticas públicas destinadas a esse sujeito, pela truculência e machismo do agressor. Ao contrário, é necessário escancarar a *verdade dos fatos* por intermédio de uma forte espetacularização. É necessário alardear que a vítima, uma *mulher*, foi perfurada com uma *faca* por 11 vezes, e, que o

<sup>34</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/mulher-%C3%A9-assassinada-com-11-facadas-em-an%C3%A1polis-1.925701>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>35</sup> Para Foucault (2008, p.137), “Interpretar é uma maneira de reagir a pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido, pesar o ‘valor dos enunciados’”.

2) “Principal suspeito é o ex-namorado que não aceitava o fim do relacionamento”.<sup>36</sup>

Com isto, temos que, por algum motivo, o assassino teve tempo de se evadir e as forças policiais não conseguiram ou se empenharam em capturá-lo até o momento em que a notícia foi divulgada. Mas, antes mesmo da prisão do agressor ser efetuada, o jornal, baseado em um discurso tradicionalista, trata de justificar a conduta do criminoso, que investido de seu *direito* de macho não *aceitava* o término do relacionamento. Como se tal argumento fosse plausível ou aceitável, ou ele tivesse direito de posse sobre o corpo, a vida, e as decisões da ex-companheira.

O jornal se dá ao direito de fazer o recorte de uma de suas últimas postagens em uma rede social, na qual ela comenta a *dificuldade* do antigo companheiro em compreender o fim da relação e de sua ação difamatória contra ela, como apenas mais um artifício para enredar o leitor, o entreter com um novo capítulo de uma tragédia anunciada. O Código de conduta que regulamenta a profissão defende uma atitude antagônica àquela empreendida pelo jornal. Segundo esse documento, o jornalista deve “VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

Como é recorrente, a prática do feminicídio é o ápice de uma série de violências às quais a vítima esteve subordinada durante a vida. Agressões sofridas de maneira muito arguta, que se entremeiam gradativamente e, em inúmeros casos, acabam culminando em atos extremos de violência. “A humilhação e o constrangimento são dois exemplos que podem ser destacados como violência sutil, ou seja, aquela que não deixa marcas no corpo físico, mas magoa e transforma o interior da vítima” (NADER e LIMA, 2007, p. 12).

O caso de Gerlândia não diverge do que está posto, o agressor chegou ao extremo de invadir uma rede social da ex-companheira expondo-a a uma situação constrangedora e humilhante, pela qual ela se desculpa com seus contatos. Nesse ato, é possível compreender como o ideário machista encontra-se arraigado em nossa cultura, em ambos os discursos, tanto o da vítima, como o do jornal, tenta-se justificar a conduta do agressor,

3) “Eu terminei recentemente com o meu Ex. Ai ele nao quer aceitar o fim do nosso Namoro então ele veio na Mha (sic) conta e compartilhou tudo isso, pois não quer aceitar que terminamos”.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/mulher-%C3%A9-assassinada-com-11-facadas-em-an%C3%A1polis-1.925701>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

A prática de procedimento vexatório também é criminalizada pela lei nº 11.340/06.

Art. 7º.III- a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição costuma, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Ao final da reportagem aparece outro enunciado que, de modo muito sutil, instiga a memória coletiva, fazendo suscitar uma série de sentidos que lhe são correlatos.

4) “Gerlândia deixa duas filhas gêmeas de sete anos, de outro relacionamento”.<sup>38</sup>

O jornal, de maneira bastante perspicaz, não promove nenhuma conscientização acerca da violência contra a mulher, muito menos da prática do feminicídio, esquivando-se de promover qualquer ação ética que vise a reduzir tais práticas hediondas. Todavia, não deixa de mencionar as duas crianças que ficaram órfãs pela ausência da mãe, que as *deixou*.

Como a AD não concebe o sujeito como entidade autônoma, independente e consciente dos discursos que o atravessam, não cabe aqui considerar quais *intenções* levaram o redator da notícia a utilizar tal enunciado. Segundo Fernandes (2012, p.41), “os sujeitos são marcados por determinações sócio históricas e são atravessados por discursos de outrem, com os quais se unem, e dos quais se diferenciam e/ou distanciam”. Os sentidos são múltiplos, ultrapassam a materialidade linguística e podem suscitar as mais variadas interpretações. Conforme propõe Foucault (2008, p.135), “o discurso é ao mesmo tempo, plenitude e riqueza indefinida”.

Tal enunciado remete a imagem da mãe provedora, que deve anular-se como mulher e viver exclusivamente para os filhos. Nada é mencionado a respeito da carreira, dos estudos empreendidos pela vítima, de seus sonhos e da impossibilidade da mesma de viver, de

---

<sup>37</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/mulher-%C3%A9-assassinada-com-11-facadas-em-an%C3%A1polis-1.925701>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>38</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/mulher-%C3%A9-assassinada-com-11-facadas-em-an%C3%A1polis-1.925701>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

construir sua própria história, de voltar a se relacionar com outro companheiro, e dos demais familiares que sentirão sua ausência.

Na concepção do jornal, importa a mulher imbuída de suas obrigações de mãe, a provedora de duas crianças ainda tão pequenas, ambas de apenas sete anos de idade, crianças que nem são do último parceiro, visto que são fruto de um relacionamento anterior. Assim, cria-se a *dúvida*: será que Gerlândia era uma mulher *íntegra*? *Fiel*? Haja vista que tem até duas crianças de *outro relacionamento*. De outro modo, por que seria tão importante frisar essa informação?

A última frase inicia-se com uma conjunção subordinativa adverbial condicional,

5) “Caso seja preso” [...].<sup>39</sup>

O jornal, além de não afiançar um discurso de conscientização mediante tal tragédia, ainda cogita a possibilidade de impunidade diante do ocorrido. Sabe-se que o principal suspeito está foragido, mas pode ser que a polícia nunca consiga prendê-lo, e se assim acontecer, será uma lástima para a jovem Gerlândia e para as duas filhas gêmeas de sete anos que ela *deixa*.

O machismo, enquanto formação discursiva se faz presente nos mais variados discursos da atualidade, sobretudo, naqueles em que a conduta do indivíduo está fortemente ancorada em uma visão patriarcalista e tradicionalista das relações e supremacia de um gênero sobre o outro. No que diz respeito a este termo nos discursos, nota-se uma relação dissimétrica e preconceituosa e da prevalência de regalias e prestígio do gênero masculino em detrimento do feminino. Sendo uma conduta, um modo de ação mais comum e utilizada por homens, mas, também utilizado, legitimado e disseminado por mulheres que podem também apresentar e se apossar da conduta machista.

Dentre os discursos com maior incidência dessas ideias machistas, encontram-se aqueles em que há a prevalência do menosprezo, da violência e do vilipêndio a condição feminina de ser e estar no mundo e todas as implicações que isto acarreta. Tais discursos, como exposto anteriormente não se restringem a uma área ou contexto social, mas, impregna-se a cada estrato da sociedade com menor ou maior incidência. No que concerne a este trabalho, o recortamos e observamos em notícias jornalísticas de vertente policial, as quais

---

<sup>39</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/mulher-%C3%A9-assassinada-com-11-facadas-em-an%C3%A1polis-1.925701>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

nos servirão a partir de agora para deslindar e demonstrar o funcionamento, estratégias e mecanismos operados pelo jornal *O Popular*.

Decidimos nomear e delimitar o machismo, ou melhor dizendo, a ocorrência discursiva de enunciados e formações discursivas de cunho machista e/ ou misóginos, como uma das principais regularidades encontradas no corpus, justamente pelo grande volume de ocorrência dessas práticas condensadas na escrita jornalística de *O Popular*, principalmente por intermédio de uma tentativa de apagamento ou atenuação da culpa relativa ao agressor e a consequente e imediata tendência à culpabilização da vítima.

Adita-se a isso o uso exacerbado de termos que tendem a encarar a vítima como objeto de seu agressor, coisificando-a mediante vocábulos que parecem sugerir a relação de posse entre o algoz e a ofendida e, como se coubesse ao assassino o direito de aceitar ou não determinada conduta de sua companheira, podendo banhar-se no sangue da mesma em caso de recusa insistente ou de um rompimento sem volta.

### 3.2 Mulher-corpo

A relação que se estabelece no batimento mulher-corpo e a maneira pela qual o jornal se apropria dessa materialidade nos serviram como mote para a discussão do corpus e proposição da segunda regularidade de análise. Não apenas pela grande ocorrência, mas, principalmente pelas escolhas imagéticas empreendidas pelo jornal. Diante disso nos questionamos sob os possíveis caminhos e motivos que culminaram nessas escolhas que logo se apresentarão.

Pretendemos aqui, realizar não uma pura e simples análise de imagens, mas, pensar em toda a carga discursiva e de memória que se deposita nos excertos, tanto em nível imagético quanto em nível linguístico. Para isto, nos debruçaremos sob a noção de iconografia, tal qual, definida por Jean Jacques-Courtine e as contribuições de Foucault para pensarmos a respeito de uma ética do corpo, do corpo como irradiador de poderes e resistências e como instância máxima do uso dos prazeres.

Assim, procuramos refletir em como tais associações mulher-corpo reativam enunciados e memórias discursivas, e em como essa memória permite a composição de arquivo sobre o tema. E, principalmente, como isto participa da composição, legitimação e disseminação de discursos que circundam essa temática. Ressaltamos que as análises que se seguem não estarão calcadas apenas em um nível imagético, mas em contato e correlação com os excertos linguísticos afim de uma melhor explicação e entendimento sobre o tema.

#### 3.2.1 Jovem mata companheira e deixa filha de um mês

Nesta e nas duas próximas análises tomaremos de empréstimo as contribuições de Jean Jacques Courtine acerca da intersecção do pensamento de Foucault no que tange a constituição e formatação do corpo para este campo disciplinar; o da Análise de Discurso e, suas implicações para a constituição de técnicas de poderes e resistências sobre a instância corpórea e a questão das técnicas e uso prazeres. Em qualquer direção que voltemos nossos olhares o corpo e o uso dos prazeres é sempre território de poderes e resistências.

O apelo de Foucault por corpos e prazeres como um ponto de resistência se fundamenta em algum momento utópico fora do discurso, instituições e práticas? Parece não haver razão para interpretar a promoção de corpos e prazeres de Foucault como utópica, baseada em alguma noção de um corpo natural. Para o filósofo, resistência coincide com poder (McLaren, 2016, p. 145).

Conhecendo a importância de Michel Foucault para as ciências humanas e para a jovem ciência denominada AD, continuaremos lançando mão de alguns de seus conceitos para demonstrar os mecanismos discursivos utilizados pelo jornal, com o intuito de demonstrar o funcionamento, sentidos e atravessamentos desse discurso. E para analisar as imagens carregadas de sentidos múltiplos que fazem parte do corpo da notícia, encontraremos em Courtine (2013, p.17), aporte teórico necessário para um olhar iconográfico dessas fotos. Para o autor,

É, portanto, em grande parte à obra foucaultiana que se deve o enraizamento inicial do corpo no discurso das ciências humanas. O primeiro mérito de Foucault, que o subscrevemos ou não à sua concepção de coerções que se exercem sobre a carne, é o de ter firmemente inscrito estas coerções no horizonte histórico de longa duração.

Ao tomar a intericonicidade como mote para essas análises poderíamos nos deparar com um empecilho inesperado, nas palavras de Courtine (2013, p. 41), “a imagem não obedece em nada a um modelo da língua”. Além disso,

A noção de intericonicidade é assim uma noção complexa, porque ela supõe colocar em relação imagens externas, mas igualmente imagens internas, imagens da lembrança, imagens da memorização, imagens das impressões visuais estocadas pelo indivíduo. Não existe imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vistas ou simplesmente imaginadas.

Todavia, para o autor há uma *genealogia das imagens*, um grupamento de imagens significantes para dada cultura, onde os sentidos podem ser então apreendidos. Imagens que fazem parte de um substrato e se ligam umas às outras, assim, como os enunciados e suas (re)formulações. São imagens reais ou imaginadas de todos os indivíduos que partilham de uma mesma cultura.

A intericonicidade supõe, portanto, relacionar conexões de imagens: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita numa série de imagens, uma arqueologia, à maneira do enunciado numa rede de formulações junto a Foucault; mas também imagens externas, que supõem a consideração de todo o catálogo memorial da imagem junto ao indivíduo, e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou até fantasiadas, que assombram o imaginário. Como articular estas imagens umas as outras, como reconstituir estes vínculos que dão seu sentido aos ícones de uma cultura para os indivíduos que compartilham de sua memória? Pelo ajustamento, pela detecção no material significativo da imagem, pelos indícios, pelos rastros que outras imagens ali depositaram, e pela reconstrução, a partir destes rastros, da genealogia das imagens de nossa cultura (COURTINE, 2013, p.44).

No mesmo texto, o autor também salienta seus propósitos ao trabalhar com esse conceito de intericonidade,

O que eu quis fazer, ao introduzir a noção de intericonidade, foi primeiramente sublinhar o caráter discursivo da iconicidade: eu pensei que, antes que a um modelo da língua, era a um modelo do discurso que urgia referir a imagem. Mas ao discurso no sentido de Foucault, isto é, em um sentido onde o discurso tanto pode ser um fragmento de imagem quanto uma centelha de linguagem (COURTINE, 2013, p. 42).

Assim, tomaremos nas análises que se seguem o conceito de intericonicidade tal qual definido por Courtine (2013), pensando a iconicidade enquanto imagem e enquanto discurso, como instância dual em que se entrecruzam múltiplos sentidos.

Na notícia em análise, logo abaixo do título não há linha fina, mas uma grande fotografia da arma que feriu mortalmente a vítima, uma faca de cozinha rústica, que pelos detalhes da imagem, parece ter cabo de madeira e plástico e em sua lâmina conta com algumas inscrições e aparentes marcas de ferrugem no corte. Tais detalhes se aparentemente banais tornam-se relevantes quando pensamos a respeito das motivações que levaram o jornal a trazer um objeto perfuro-cortante com tamanha ênfase e destaque em se tratando de um caso de feminicídio, onde a vítima não teve ao menos chance de defesa.

A fotografia nesse sentido, carrega consigo a capacidade de transmitir o horror, de impressionar o leitor que torna-se em certo sentido um voyeur do assassinato. Olhando o artefato que causou a morte da vítima ele pode fantasiar todo o sofrimento e desespero que cercaram o cenário do crime e a agonia sentida pela vítima, utilizada quase como um tele transporte para a cena do assassinato olhando o objeto cortante reluzindo seu metal e suas inscrições, ele imagina o sangue que até pouco tempo repousava em sua superfície.

Em suma, são fotografias previsíveis. Esta forma de espetáculo, que constitui seu horizonte de expectativa, é uma das modalidades que podemos hoje considerar ‘clássica’ da formação do olhar do (tele)espectador contemporâneo: a observação à distância do sofrimento do outro (COURTINE, 2013, p. 150).

Na notícia os aspectos/ características linguísticas utilizadas pelo jornal não destoam em nada dos excertos apresentados na regularidade *machismo*. O próprio título da notícia que nomeia o assassino como *jovem*, ao utilizar tal vocábulo para se referir ao agressor faz falar uma série de vozes já silenciadas que ressurgem sob este novo acontecimento. Colocando a juventude como uma fase de instabilidade em que atitudes equivocadas e impensadas acontecem naturalmente.

- 1) <sup>40</sup>“Jovem mata companheira e deixa filha de um mês”.

Dessa forma, ao designar o assassino com este vocábulo carregado de sentidos expiatórios, o jornal tende a atenuar ao menos em parte a culpa pela assassinato. No corpo da notícia tal designação volta a aparecer,

- 2) <sup>41</sup>“Um jovem matou sua companheira”.

Outro vocábulo que chama a atenção pelo contexto em que aparece e pela recorrência, é a palavra *companheira*. Utilizada nesse contexto, a palavra confere aos enunciados destacados um tom de serenidade e companheirismo ao casal, o que destoa da realidade, tendo em vista o desenlace do relacionamento que culminou em morte. Além disso, o título da notícia apresenta ambiguidade, que pode ser ou não proposital, “Jovem mata companheira e deixa filha de um mês”, a construção frasal não permite antevermos quem deixa filha de um mês, se o assassino, a vítima ou os dois.

Outra questão recorrente no posicionamento discursivo do jornal, diz respeito a valorização e repetição da forma pela qual a vítima perde a vida. Nesse caso, o teor linguístico é apenas mais um aditivo a imensa foto da arma branca utilizada para assassinar a mulher.

- 3) “três golpes de faca nas costas, depois de uma discussão na casa onde viviam”. <sup>42</sup>

- 4) “discutiu com Nayara por volta das 3 horas da manhã e depois acertou as facadas na jovem”. <sup>43</sup>

Nesta notícia o jornal traz duas informações que não costumam aparecer em outras notícias com o mesmo teor veiculadas pela própria instituição. A primeira diz respeito ao histórico de criminalidade do assassino e sua conduta violenta em relação a vítima, a segunda traz um link para acesso que informa de uma reportagem veiculada pelo jornal com o intuito de identificar e prevenir atos futuros de violência contra a mulher.

---

<sup>40</sup>Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

- 5) <sup>44</sup>“Izaak tem passagem na polícia por furto e tráfico de drogas. A mãe do suspeito disse que ele tinha problemas com bebidas alcoólicas. Já a mãe de Nayara confirmou que sua filha já havia sido vítima de agressões outras vezes”.
- 6) <sup>45</sup>“Reportagem publicada no domingo pelo POPULAR mostrou como as mulheres podem identificar os sinais de que o relacionamento conturbado com o parceiro correr risco de resultar em tragédias, como aconteceu no caso de Nayara”.

A notícia se encerra com uma imagem do rosto da vítima, na foto a mulher aparece sorrindo, está maquiada, usa adereços valorizando sua feminilidade. A imagem da arma branca no início da notícia acrescida a imagem sorridente da vítima cria um paradoxo entre vida e morte,

O paradoxo de tais imagens pretende que a necessidade do distanciamento seja proporcional à intensidade do sofrimento encenado, e à proximidade inicialmente ressentida em face deste: quanto maior o sofrimento mostrado, mais vive a compaixão, mais radical o distanciamento. A usura compassiva: parece-me que este dispositivo psíquico tende hoje a alargar sua soberania ao reino das emoções induzidas junto ao (tele)espectador obrigado ao sofrimento longínquo, ao qual somos todos submetidos. Ele ali coexiste com respostas emocionais mais ‘clássicas’, quer ser trate da indignação em relação aos carrascos, quer seja em relação à simpatia com as vítimas (COURTINE, 2013, p. 152, 153).

O assassino foi preso e a criança a época com menos de um mês de vida, entregue ao Conselho Tutelar.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>45</sup> Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

### 3.2.2 Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos

A tese da *legítima defesa da honra*, apesar de infundada, permanece intocada entre nós. Não faltam correligionários para apoiar e legitimar a prática de crimes hediondos ancorando-se neste postulado. Ela foi inclusive romantizada e imortalizada por Shakespeare, que, ao dar vida a Otelo, condensou em seu personagem o um exemplo do homem possuído pelo *ciúme* que não *suporta* ver sua honra maculada, preferindo fulminar seu *objeto* de desejo. “Sufoca-a covardemente e pretextando sua atrocidade em nome da *honra* ele afirma: ‘Dizei, se o quereis, que sou um assassino, mas por honra, porque fiz tudo pela honra e nada por ódio’ (SHAKESPEARE citado por ELUF, 2007, p.159). A *honra* nesse contexto pode ser apreendida como o sentimento de posse que liga o assassino a sua vítima, do rancor, do ódio que move a conduta ignóbil. Nesta notícia, ocorre uma situação contígua.

Assim como Desdêmona, a jovem Michelle Fernanda P. Rocha foi sufocada pelo companheiro. Os acontecimentos que evocam os discursos e com eles as produções de sentidos são distintos, mas possuem alguns traços em comum. Foucault (2014, p. 25) pondera que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Assim, alguns componentes e características do acontecimento dialogam entre si. Inicialmente, os dois casais formavam um polo estigmatizado socialmente, Desdêmona e Otelo. Ela uma jovem branca, europeia, da alta aristocracia. E ele negro e oriundo da Mauritània, um país localizado na região noroeste da África, *inferior* frente às nações do velho continente.

Michelle era jovem, ainda menor de idade e mantinha uma relação amorosa com um senhor 56 anos mais velho. Tal situação evoca uma série de FDs que povoam o discurso que descredibiliza relações entre pessoas com idades exacerbadamente dessemelhantes, neste caso, uma adolescente e um idoso. De acordo com esses enunciados, relações dessa natureza são movidas por alguma espécie de interesse, geralmente financeiro, sem nenhum vínculo fidedigno de carinho e afeto.

Este é o posicionamento do jornal, que explicita essa disparidade de idades no título da notícia,

1) “Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos - De acordo com a polícia, o crime foi motivado por ciúme”.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/adolescente-morre-ap%C3%B3s-ser-enforcada-por-namorado-de-73-anos-1.1201273>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Tudo isso como forma de traçar o perfil moral da vítima e do agressor e em certa instância dirimir parte da culpa do assassino, que nessa altura da vida entregou-se a sentimento tão intenso a ponto de privar-lhe da razão; deixando-se mover pelo ciúme excessivo que sentia da jovem, acabou sendo impelido a tamanho desatino.

Abaixo desse enunciado aparece a imagem da vítima posando para uma fotografia. Aparentemente ela está feliz, pois sua feição demonstra contentamento e satisfação. Na imagem ela aparece com uma blusa rosa que permite ver parte de seu colo, seios, braços, costas e parte do abdômen, também está usando uma calça jeans aparentemente apertada. De acordo com Fernandes (2012, p. 45), “assim como a noção de enunciado proposta por Foucault, a imagem se inscreve na história, tem um eco, integra uma memória e atesta a produção e o funcionamento de discursos, ao mesmo tempo em que os materializa”.

Dentro dessa trama, a imagem funciona como um aditivo à tese de que a jovem poderia sim ser uma mulher promíscua, vulgar e adúltera, legitimando a conduta do assassino. Encarnando o papel da mulher fatal, que atrai homens, *senhores indefesos* para causar-lhes algum dano ou prejuízo. Todas essas impressões reativam uma memória imagética que não deixa de suscitar sentidos.

Lá está o fundamento mesmo da intericonicidade, isto é, a rede de reminiscências pessoais e de memórias coletivas que religam as imagens umas às outras. É deste modo que toda fotografia suscita outra, que toda imagem estende ramificações genealógicas na memória das imagens (COURTINE, 2013, p. 157).

No primeiro parágrafo que compõe o corpo da notícia tem-se que a jovem,

2) “morreu após ser enforcada pelo namorado de 73 anos” [...].<sup>47</sup>

Abaixo, ao referir-se ao assassino, diz-se que,

3) “O idoso desconfiava que a adolescente estivesse com outro rapaz”.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Disponível em: < <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/adolescente-morre-ap%C3%B3s-ser-enforcada-por-namorado-de-73-anos-1.1201273>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Inicialmente, observamos a oscilação da voz passiva para referir-se a jovem e da voz ativa para fazer menção ao agressor, aqui, *carinhosamente* chamado de *idoso*. A utilização da voz passiva, sutilmente imputa a vítima à responsabilização pela violência sofrida: Foi enforcada por quê? Lembremo-nos de que toda ação gera uma reação, parece ser essa a mensagem que o jornal tenta transmitir ao leitor.

A voz ativa que fala do *idoso desconfiado* tenta, em poucas palavras, justificá-lo. Em dado momento, a agressão que vitimou Michelle é satirizada,

4) “ao ser golpeada com uma ‘gravata’. A vítima teve uma parada cardiorrespiratória”.<sup>49</sup>

O jornal utiliza um termo muito comum no meio das artes marciais, para definir o enforcamento sofrido pela vítima. Conforme propõe o Código de ética dos jornalistas brasileiros, tal profissional não pode divulgar informações “II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”.

A notícia termina informando acerca da acusação que recai sobre o réu. Pela primeira vez, aparecerá no texto o vocábulo *feminicídio*. A autoria e materialidade do crime foram elucidadas e as qualificadoras apontadas. Resta à família sepultar o corpo da jovem e esperar que se faça justiça a sua memória.

---

<sup>48</sup> Disponível em:< <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/adolescente-morre-ap%C3%B3s-ser-enforcada-por-namorado-de-73-anos-1.1201273>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>49</sup> Disponível em:< <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/adolescente-morre-ap%C3%B3s-ser-enforcada-por-namorado-de-73-anos-1.1201273>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

### 3.2.3 Mulheres são executadas com tiros na cabeça

A notícia em questão trata da prática de dois assassinatos de duas vítimas na capital Goiana com um intervalo de apenas doze horas, as mulheres em questão não se conheciam e tinham vivências cotidianas distintas. A primeira, uma manicure, tinha uma filha e foi executada enquanto visitava a casa de uma amiga. A segunda mulher cumpria pena por tráfico de drogas, e, pelo que é apresentado pela notícia estava no regime semi-aberto pois, durante o dia saía para trabalhar e ao entardecer voltava ao albergue para cumprir pena. Por este motivo, o uso constante do vocábulo “albergada”.

O que as une é o fato de ambas terem sido exterminadas de maneira similar, com tiros na cabeça, como o próprio título da notícia indica,

- 1) “Mulheres são executadas com tiros na cabeça”.<sup>50</sup>

Outros fatores em comum dizem respeito a localização dos assassinatos, os dois ocorridos na região sudoeste da capital e a autoria desconhecida dos dois delitos, que até o momento de escrita da notícia ainda não haviam sido elucidados.

- 2) “Crimes aconteceram em um intervalo de 12 horas, ambos na região sudoeste da capital”.<sup>51</sup>
- 3) “Os autores ainda não foram identificados”.<sup>52</sup>

Iconograficamente o que une os dois acontecimentos e a maneira como operam os mecanismos discursivos utilizados pelo jornal diz respeito a grande quantidade de disparos de arma de fogo que atingiram as vítimas. Mais do que isso, os detalhes são descritos e valorizados pelo jornal, desde a quantidade de disparos de armas de fogo descritas como duas pistolas de calibre 380 e calibre 9 milímetros, e principalmente a parte do corpo atingidas pelos disparos, rosto e cabeça respectivamente, fatos que a todo o momento são rememorados pelo jornal. Enunciados que aparecem muitas vezes mesmo em uma notícia tão diminuta.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

- 4) “Andreia Oliveira Araújo foi executada com 10 tiros na cabeça”.<sup>53</sup>
- 5) “Duas mulheres são executadas com dezenas de tiros na cabeça em Goiânia”.<sup>54</sup>
- 6) “foi morta com pelo menos nove tiros no rosto dos 13 disparados contra ela”.<sup>55</sup>
- 7) “o homem entrou no quintal e a alcançou, disparando os tiros de curta distância e fugindo em seguida. O executor usava uma pistola calibre 380”.<sup>56</sup>
- 8) “O homem deu 10 tiros na cabeça da vítima, usando uma pistola calibre 9 milímetros”.<sup>57</sup>

Como pode-se observar pelo recorte dos enunciados, o número exorbitante de disparos, o local onde os disparos acertaram as vítimas e os calibres das armas recebem grande ênfase do jornal. A maneira como acontece a descrição dos infortúnios dessas mulheres, os detalhes e requintes de crueldade descritos pelo noticiário e até o pormenor do calibre dessas armas contribuem para a aproximação do leitor da cena do crime.

Com isto, por exemplo, ele pode intuir a partir da leitura do enunciado 7 que, se apenas um tiro de uma arma 380 no rosto já se faz um grande ferimento, que, com toda certeza levará a óbito. Então ele poderá imaginar a desfiguração do rosto da vítima, do enterro em caixão aberto que provavelmente a família não fará, do rosto da mãe que a filha nunca mais verá e não poderá ao menos despedir-se.

Pelos enunciados e a descrição das agruras que sofreram essas mulheres ele também entrará em conexão com a agonia que tomou conta dessa mulher do recorte 7 que vendo a proximidade da morte tentou empreender fuga em vão sendo interpelada por seu assassino. Lembremo-nos que a luz da AD os sentidos que emergem de um enunciado são múltiplos, não podendo o jornal, restringi-los a um processo de significação e entendimento unívocos. Para Fernandes (2007, p. 15),

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos

---

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. [...] Essas reflexões permitem afirmar que a língua se insere na história (também a construindo) para produzir sentidos.

No recorte 8, algo similar acontece, é necessário mais uma vez escancarar a ferocidade do ataque que retirou a vida da vítima, dizer que ela sofreu dez disparos de arma de fogo na cabeça, mas, não de qualquer arma, mas uma pistola de calibre 9 milímetros. No enunciado 5 é notável a postura do jornal que esforça-se para impressionar o leitor a todo custo, não basta informar que as vítimas vieram a óbito por disparos de arma de fogo, a quantidade exacerbada de disparos tem de ganhar ênfase pelo vocábulo “dezenas” acrescido de “tiros na cabeça”.

Todavia, o que mais desperta atenção nessa notícia não concerne tão somente ao conteúdo linguístico. Mas, sobretudo a seu conteúdo visual. Trata-se de uma imagem forte destacada pelo jornal em que aparecem no asfalto parte do fluído corporal da vítima, da segunda mulher assassinada, e logo abaixo da imagem o enunciado 04 acima descrito, no qual menciona-se que a mulher foi atingida por 10 disparos de arma de fogo.

A imagem permite ver uma grande poça de sangue no asfalto que seca á luz do sol, no meio do sangue há um material viscoso de cor clara que pode tanto ser apenas uma sujidade do asfalto ou parte da massa cerebral da vítima, que provavelmente teve o crânio dilacerado. O aditivo linguístico a imagem visual permitem-nos antever esse desenlace. De acordo com Courtine (2013, p. 152),

A proximidade ressentida em relação ao sofrimento humano, imerso assim no fluxo das imagens carreadas pelas mídias líquidas, rogadas a ceder lugar ao desembarque de novas levas de ícones da desgraça, entra em um conflito insolúvel com a lembrança constante de seu distanciamento: a espessura tecnológicam do processo que se interpõe entre o acontecimento e o espectador, esquecida em um instante de transparência, ressurgem a estranheza dos atores, o distanciamento do lugar e das circunstâncias, e, finalmente, o próprio distanciamento das residências humanas da dor.

Assim, como já dito, tem-se a impressão de aproximação do cenário do crime e de todo o horror desse momento. Não em um sentido humanizado de compaixão, mas como a própria imagem da dor e de seu limiar extremos.

### 3.3 Espetacularização

A última regularidade fornecida por nosso corpus versa a respeito da latente espetacularização de tragédias atualmente muito correntes no meio jornalístico policial. E, justamente por ser muito comum, trata-se da regularidade mais encontrada em nosso corpus. Não são raros enunciados que banalizam os infortúnios perpetrados em desfavor das vítimas, isto quando, não há uma encenação e/ou valorização épica dos martírios sofridos pela vítima antes que essa viesse a óbito.

Em momentos extremos, como a análise apontará, o sujeito- jornalista mostra-se empedernido mediante tamanha tragédia. Seja por estratégia mercadológica ou, para entreter um público de leitores que já não se espanta ou se surpreende facilmente tamanho o espalhafato e carnificinas diárias, o jornal parece esforçar-se para entreter o consumidor com mais um capítulo de uma tragédia anunciada.

Usualmente, a instituição jornalística não fornece em notícias dessa natureza informações de relevância social. Quando muito é feita menção a tipificação penal de homicídios praticados contra mulheres em decorrência da condição de sexo feminino, o feminicídio. Também não é raro um tom fatalista e a quase certeza de impunidade da qual gozam os agressores mediante uma justiça que falha na manutenção e proteção da integridade física e psicológica de suas mulheres.

#### 3.3.1 “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou ex-namorada com 16 facadas

Se o lar não é um espaço seguro para a mulher, muito menos tem o sido o espaço público, já que incontáveis feminicídios são praticados às claras, nas ruas; sob tutela do Estado e debaixo da vistas de beneméritos cidadãos. Conforme ponderam Nader e Lima (2007, p. 57, 59), “la referencia a la oscuridad, a la soledad en el espacio público y a un cuerpo masculino amenazante [...] [e a depredação] [...] Del cuerpo femenino por un varón y que constituyen los emergentes empíricos del simbólico patriarcal”<sup>58</sup>, tais excertos são amostras profícuas da misoginia e do domínio masculino disseminados em nossa sociedade ocidental.

---

<sup>58</sup> “[...] a referência à escuridão, à solidão no espaço público e a um corpo masculino ameaçador [...] (e à depredação) [...] Do corpo feminino por um homem e que constituem as emergências empíricas do símbolo patriarcal” (Tradução nossa).

Nesta notícia, mais um feminicídio com requintes de crueldade foi imputado à capital goiana, recordista no que concerne à violência de gênero nesse estado. Na notícia produzida pelo jornal *O Popular*, um dos jornais de maior circulação e visitação em Goiás, a espetacularização do assassinato de uma menina de 15 anos atinge um alto nível de espetacularização. Acerca dessa espetacularização Debord (1997, p.17) explicita que “o caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre do simples fato dos seus meios serem ao mesmo tempo a sua finalidade. Ele é o sol que não tem poente no império da passividade moderna”.

A notícia inicia-se com a *justificativa* do assassino em destaque,

1) “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva, diz homem que matou ex-namorada com 16 facadas”.<sup>59</sup>

Tal enunciado está eivado pela misoginia que conduz a tese de legítima defesa da *honra*, o verbo *aceitar* no presente do indicativo traduz a ideia do assassino que coloca-se numa posição superior à mulher como se lhe coubesse aceitar, aprovar ou permitir determinada conduta da companheira. A *raiva* que ele utiliza como argumento para a prática de tal delito também corrobora o velho discurso machista que teima em se perpetuar, do sentimento *incontrolável* que estimula a conduta assassina.

Apesar dos esforços de frentes feministas, de órgãos não governamentais e instituições públicas que fomentam a ampliação de mecanismos para a proteção das mulheres, interdiscursos com bases patriarcalistas e sexistas continuam a ganhar adeptos em pleno século XXI.

Nesse sentido, Orlandi (2013, p. 33) baseando-se nos postulados de Michel Pêcheux, pondera que “o interdiscurso é todo um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido”. Assim, o sujeito assassino vale-se de um discurso alheio, muito corrente em nossa sociedade e inconscientemente, mediante um novo acontecimento, o retoma como se fosse a origem do que diz.

O jornal também faz questão de destrinchar os meios pelos quais a jovem foi vitimada:

---

<sup>59</sup> Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/eu-n%C3%A3o-aceito-trai%C3%A7%C3%A3o-fiquei-cego-de-raiva-diz-homem-que-matou-ex-namorada-com-16-facadas-1.1225242>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

2) “Adolescente foi atingida no tórax, braço e rosto, chegou a ser socorrida, mas não resistiu aos ferimentos”.<sup>60</sup>

Como se quisesse levar um maior número de informações ao leitor, o sujeito jornalista faz uso dos requintes de crueldade utilizados pelo agressor para promover uma suntuosa espetacularização. Tal fato é constatável pela recorrência de vezes em que os detalhes do crime são descritos, três vezes pelo redator da notícia<sup>61</sup> e uma vez pelo assassino confesso, na notícia designado como *suspeito*.

3) “Entreguei as roupas para ela, quando ela viu a faca ficou desesperada e tentou correr e eu acertei a primeira”.<sup>62</sup>

Na notícia é feita menção a autoridade policial,

4) “O suspeito foi preso, a faca apreendida e encaminhados para a Central de flagrantes de Goiânia”.<sup>63</sup>

Notoriamente a alusão à instituição policial tem o intuito de prover a notícia de credibilidade, indicar as fontes, pois, apesar do descrédito atual da corporação militar, devido a ações corruptas e truculentas, esse órgão repressor e disciplinador de condutas, ainda possui forte influência em nossa sociedade. A esse respeito Fernandes (2012, p.63) expõe que “O poder disciplinar recai sobre todos os sujeitos, vigilantes e vigiados, e integra jogos de luta socialmente produzidos, e historicamente modificados”.

Ademais, conforme salienta Foucault (2013, p.293), “o assassinato ronda nos confins da lei, ou além da lei, acima ou abaixo; ele gira ao redor do poder ora contra ele, ora com ele”.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/eu-n%C3%A3o-aceito-trai%C3%A7%C3%A3o-fiquei-cego-de-raiva-diz-homem-que-matou-ex-namorada-com-16-facadas-1.1225242>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>61</sup> A primeira ocorrência como já mencionado, acontece no título da notícia, a segunda, um pouco abaixo da foto do acusado. O enunciado aparece inclusive, em negrito e sublinhado “**Matasse a ex-namorada de 15 anos com 16 facadas**”. A última menção é feita ao final da notícia “A adolescente foi atingida por 16 facadas no tórax, braço e rosto”.

<sup>62</sup> Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/eu-n%C3%A3o-aceito-trai%C3%A7%C3%A3o-fiquei-cego-de-raiva-diz-homem-que-matou-ex-namorada-com-16-facadas-1.1225242>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/eu-n%C3%A3o-aceito-trai%C3%A7%C3%A3o-fiquei-cego-de-raiva-diz-homem-que-matou-ex-namorada-com-16-facadas-1.1225242>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Em casos extremos em que se espera a condenação efetiva desses agressores, o não cumprimento da lei alimenta o sentimento de impunidade e falibilidade dessas instituições. Blay (2009, p.194) afirma que, “quando a justiça não alcança os criminosos e eles ficam impunes, a imagem da instituição é de fraqueza. Arquivar um processo significa, muitas vezes, que o agressor permanecerá livre e nem será indiciado”.

### 3.3.2 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para casamento

Quando deixou a cidade de Guapiaçu, município próximo a São José do Rio Preto- SP com destino a Itapagipe - MG, a jovem Kelly Cadamuro de 22 anos, não dimensionava o trágico desenlace que ceifaria sua vida, muito menos a triste exposição *post mortem* que fariam de seu nome e imagem. Para muitos, uma tragédia que poderia ter sido evitada pela *prudência* da vítima.

Enunciados que culpabilizam a vítima, não se materializaram apenas em discursos do senso comum, pois o jornalismo/policial também tem seu quinhão na perpetuação desses dizeres, eivados pelo sexismo reinante; dizeres que nada mais fazem do que rememorar os estigmas e preconceitos de uma sociedade acometida machismo e patriarcado incólumes. Nas palavras Certeau (2002, p.92), “a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro”.

Tais enunciados não fazem menção apenas a esse acontecimento, apesar de aflorarem por intermédio dele, pertencem a um substrato muito mais denso e antigo, um arquivo donde provêm enunciados constitutivos das formações discursivas (FDs) que se repelem e/ou se atraem na arena discursiva. O acontecimento recente funciona como estopim para que enunciados ditos outrora emerjam do arquivo e sejam reformulados. É o que reitera Foucault (2014, p.175): “um acontecimento é sempre uma dispersão uma multiplicidade. É o que passa aqui e ali; é policéfalo”.

Lembre-mos de que os sentidos e as verdades não são dados *a priori*, são produzidos e valorados por esses processos de retomada, no jogo do já dito, que o meio social interfere imensamente no processo de subjetivação do sujeito, e que por essa instância tais enunciados não são correlatos apenas à jovem Kelly Cadamuro, mas a todas outras mulheres que se colocarem (ou forem postas) em semelhante posição.

Ao refletir acerca do *lugar* do enunciado, Foucault (2008, p.108) explicita que “é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”. De acordo com Fernandes (2007, p. 19), “importa o sujeito inserido [...] em uma conjuntura social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes”.

Em uma notícia divulgada no dia 04 de novembro de 2017, o jornal *O Popular* inicia a pauta com o seguinte enunciado,

- 1) “Jovem morta ao dar carona por Whatsapp economizava dinheiro para casamento”<sup>64</sup>.

Logo abaixo, outro enunciado bastante sugestivo emerge,

- 2) “morta ao dar carona para um desconhecido”<sup>65</sup>.

Nesse ponto, vemos a pujante confluência de dizeres que corporifica vozes já silenciadas e as que ecoam agora, mediante novo acontecimento. O acontecimento discursivo é sempre dual, por ser simultaneamente produto do instante, nascendo a cada novo fato, acontecimento, mas, ao mesmo tempo, preso a um passado que o antecede, rememorando, fazendo com que formações discursivas já proferidas ganhem novo fôlego sob seu estatuto. Conforme explicita Foucault (2014), não está fadado, subjugado a instância textual, mas, corporificado em uma complexa rede de instituições e poderes.

Não entendo um acontecimento que ocorresse num discurso, num texto. Mas é um acontecimento que se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas e reações. Multiplicidade que podemos reconhecer e caracterizar como acontecimento discursivo na medida em que tem como efeito definir: - o lugar e o papel de um tipo de discurso, - a qualificação daquele que deve fazê-lo, - o âmbito de objetos ao qual ele se dirige, - o tipo de enunciados que ocasiona. Em suma, o acontecimento discursivo nunca é textual. Não é num texto que o encontramos (FOUCAULT. 2014, p. 175).

Utilizando-se de um discurso, fortemente arraigado socialmente, o jornal materializa a voz do senso comum, legitimando as bases colonialistas da família nuclear, em que uma moça de *boa família* jamais deveria se quedar diante da companhia de um homem, desacompanhada. E como se a moça, no caso, a vítima, devesse receber todo o ônus por uma possível violação ou agressão.

Outro enunciado, destacado pelo jornal e baseado na fala de um familiar, corrobora essa valorização do que é próprio, inerente à tradição cristã e familiar e que de certa forma torna a agressão inaceitável.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-morta-ao-dar-carona-por-whatsapp-economizava-dinheiro-para-casamento-1.1385689>>. Acesso em: 17 nov.2017.

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-morta-ao-dar-carona-por-whatsapp-economizava-dinheiro-para-casamento-1.1385689>>. Acesso em: 17 nov.2017.

3) “a jovem era dedicada ao trabalho e fazia economia porque planejava ter filhos e formar família [...] Segundo ele, a jovem era muito apegada à família”<sup>66</sup>.

Por se tratar de algo muito arguto, do qual não há possibilidade de escapar, o discurso se entremeia ao sujeito sem que esse possa lhe fazer frente,

O discurso, assim concebido, não é a manifestação majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa que conhece e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas, a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 61).

De maneira minuciosa, o sujeito jornalista parece querer instigar a avidez do leitor para mais uma barbárie fresca, que acabara de acontecer. Assim, ele fornece detalhes que em nada enriquecem o caráter informativo a que se presta o jornal. Pormenores que escancaram a rudeza e a torpeza das agressões, um verdadeiro acinte à memória da vítima e aos sentimentos daqueles a quem ela dedicava afeto

4) “O corpo de Kelly foi encontrado no dia seguinte, seminu, com as mãos amarradas e sinais de estrangulamento, e com a cabeça mergulhada num córrego” [...].<sup>67</sup>

Inscrito nessa mesma posição sujeito, no mesmo dia, o jornal divulga outra notícia com o seguinte título.

5) “Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona”<sup>68</sup>.

Mais uma vez é preciso escancarar a brutalidade do ataque, logo em seguida, para dar mais detalhes acerca da violência perpetrada em desfavor do corpo da vítima, *O Popular* cita um trecho divulgado pelo site de notícias G1:

6) “Ele diz que ela reagiu e que houve luta corporal forte. Ela tentou fugir e até chegou a abrir a porta do carro, mas ficou presa pelo cinto de segurança. Após isso, ele a estrangulou, amarrou os braços dela com uma corda que já

---

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-morta-ao-dar-carona-por-whatsapp-economizava-dinheiro-para-casamento-1.1385689>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-morta-ao-dar-carona-por-whatsapp-economizava-dinheiro-para-casamento-1.1385689>>. Acesso em: 17 nov.2017.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidade/homem-afirma-ter-estrangulado-e-arrastado-jovem-morta-durante-carona-1.1385677>>. Acesso em: 17. Nov. 2017.

estava na mochila dele, abandonou o corpo e fugiu com o veículo e os pertences dela”.<sup>69</sup>

Os mecanismos discursivos utilizados ultrapassam a materialidade do texto, são atravessados pela história e pelo social, mas o próprio encadeamento textual, a tessitura narrativa, sequenciada, em forma de *resumo*, como se equivalesse a uma sinopse de filme ou novela, é um mecanismo que funciona como artifício para enredar o leitor.

Em outra matéria propalada na mesma data, o jornal esforça-se para mencionar mais alguns detalhes do crime, a partir da suspeita de abuso sexual. *O Popular* passa a detalhar a maneira pela qual a jovem foi asfixiada e por quais movimentos perdeu a calça jeans que trajava antes de ter seu corpo atirado a um córrego.

7) “Ele afirmou que parte da roupa da jovem saiu enquanto o corpo era arrastado. A calça da jovem foi localizada a 3 km do local onde o corpo foi localizado”<sup>70</sup>.

Em nenhuma dessas notícias aparece o vocábulo *feminicídio*. Agindo assim, o jornal não presta nenhum serviço social relevante, nada é mencionado a respeito da legislação, dos direitos femininos, das estratégias de prevenção e denúncia de qualquer forma de violência em desfavor de mulheres. A respeito do assassino, diz-se que já era citado em vários outros boletins policiais, estava foragido e que já possui uma advogada para cuidar de sua defesa. Afinal,

Se o crime é um dano social, se o criminoso é o inimigo da sociedade, como a lei penal deve tratar esse criminoso ou deve reagir a esse crime? Se o crime é uma perturbação para a sociedade; [...] A lei penal deve apenas permitir a reparação da perturbação causada à sociedade. A lei penal deve ser feita de tal maneira que o dano causado pelo indivíduo à sociedade seja apagado; se isso não for possível, é preciso que o dano não possa mais ser recommençado pelo indivíduo em questão ou por outro. A lei penal deve reparar o mal ou impedir que males semelhantes possam ser cometidos contra o corpo social (FOUCAULT, 2013, p.83).

A violência é naturalizada, assim como o descrédito da instituição policial que não foi eficiente para mantê-lo atrás das grades pagando por seus delitos pregressos e que, provavelmente falhará ao puni-lo, por ter assassinado uma mulher, que *poderia ter evitado a própria morte*. Parece ser esse o posicionamento do jornal, responsabilizar a vítima, culpá-la pela violência padecida.

---

<sup>69</sup> Notícia disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidade/homem-afirma-ter-estrangulado-e-arrastado-jovem-morta-durante-carona-1.1385677>>. Acesso em: 17 nov.2017.

<sup>70</sup> Notícia disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidade/homem-afirma-ter-estrangulado-e-arrastado-jovem-morta-durante-carona-1.1385677>>. Acesso em: 17 nov.2017.

### 3.3.3 Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto em Alexânia era seu vizinho e já tinha feito ameaças

“Ciúmes, dominação e relações de poder, disfarçados em amor, pretendem justificar os comportamentos fatais” (BLAY, 2008, p.213). A tríade mencionada pela referida autora caracteriza mais uma vítima fatal no estado de Goiás. Dessa vez, uma jovem de apenas 16 anos que assistia aula em uma escola pública na cidade de Alexânia foi atingida por uma série de disparos de arma de fogo que acabaram lhe ferindo mortalmente.

O acusado, Misael Pereira, de 19 anos, gozava de certa reputação entre seus pares que consideravam-no um *bom rapaz* antes que se afigurasse o desenlace fatal. O crime, segundo a delegada que apurou o caso, foi planejado e executado com requintes de crueldade. Ainda de acordo com ela, o indiciado

1) “*pode ter agido passionalmente* [...] Há indícios de crime passional”.<sup>71</sup>

Neste enunciado,<sup>72</sup> recortado pelo jornal, vê-se a criação de suspeita em uma questão que está explícita. Misael destituiu de Raphaella seu direito à vida por motivos passionais, oriundo não de um sentimento terno e calmo, mas de um turbilhão de ressentimento, ódio e ciúmes. O jornal recorta uma fala de uma autoridade policial e de maneira descuidada perpetua a velha premissa, da morte motivada por amor. Rememoremos a colocação de Eluf (2007, p.156) acerca da noção de passionalidade em crimes de sangue: “paixão não é sinônimo de amor. Pode decorrer do amor e, então, será doce e terna, apesar de intensa e perturbadora; mas a paixão também resulta do sofrimento, de uma grande mágoa, da cólera”. Em outro enunciado,

2) “Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto” [...].<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Disponível: < <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-que-matou-garota-com-11-tiros-no-rosto-em-alex%C3%A2nia-era-seu-vizinho-e-j%C3%A1-tinha-feito-amea%C3%A7as-1.1386767>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<sup>72</sup> “Começemos pelos enunciados: eles nunca estão ocultos, e no entanto não são diretamente legíveis, sequer dizíveis” Deleuze (2005, p. 62).

<sup>73</sup> Disponível: < <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-que-matou-garota-com-11-tiros-no-rosto-em-alex%C3%A2nia-era-seu-vizinho-e-j%C3%A1-tinha-feito-amea%C3%A7as-1.1386767>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

O sujeito jornalista outorga ares teatrais a um suplício concatenado em desfavor de uma vítima ainda menor de idade, ferindo, assim, um preceito definido pelo código de ética que regulamenta a profissão, o de “VIII- Respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e a imagem do cidadão”. Neste e em outros enunciados relativos à cobertura do caso, feita pelo jornal *O Popular*, “valoriza-se” o caráter sanguinário do assassinato, sua barbárie e a impossibilidade de defesa por parte da vítima.

Por tratar-se de uma instituição de prestígio e estima social, o discurso do jornalista concentra um status de indubitável verdade, sob sua pena são instados fatos e partejadas verdades. Para Albuquerque Júnior (2013, p.26), “documento não diz nada que não seja através de uma outra voz, a voz de quem os consulta, os lê, os analisa, os recorta, os atribui sentido e significado”. Assim, “a função autor é portanto característica de modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2001, p.247).

O assassinato de Raphaella Novinski reativa uma memória coletiva gregária, não apenas no que tange à prática do feminicídio em si, largamente escancarada nos noticiários diário; mas por sua ligação com episódios semelhantes em contextos de emergência/produção muito próximos. A idade da vítima, sua condição financeira, suas relações sociais e familiares fazem um retrospecto com o caso *Eloá Pimentel*, jovem de Santo André-SP, sequestrada e exterminada por seu então namorado Lindemberg Alves, em 2008. Outra triste e curiosa similitude diz respeito à profissão de seus pais, ambos pertencentes à categoria militar.

Para Nora (1993, p.27), “o lugar da memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”. O acontecimento em Alexânia também estabelece elos com outros acontecimentos por intermédio dessa memória múltipla e rica em sentidos e dos mecanismos discursivos; relacionando-se intimamente com essa crescente onda de violência nas escolas e creches nos últimos meses. A partir disso nos questionamos acerca da influência dos jornais televisivos/impressos/eletrônicos na formatação desses acontecimentos.

### 3.3.4 Portal Ludovica - Poder e Resistência no discurso jornalístico de *o popular*

Nesta seção discorreremos acerca dos poderes e resistências que se erigem pela posição discursiva assumida pelo jornal *O Popular* em relação à prática dos crimes de feminicídio. Entendemos esse discurso como integrante de um arquivo e de um saber nessa área, subsidiado por seu lugar de prestígio e verdade, materializado pela posição social ocupada pelo sujeito jornalista. A partir disso, mencionamos alguns micro-poderes que incidem sob o corpo e conduta da mulher.

Para isso, conforme anunciamos, tomaremos como suporte teórico os postulados de Michel Foucault acerca do poder. Utilizamos, como referência nesta subseção, dois livros de Foucault, *A Sociedade Punitiva* (2015) e *O poder psiquiátrico* (2006) os dos quais tratam de aulas ministradas no Collège de France e, posteriormente compiladas nos volumes mencionados. Além dessas obras, nos respaldaremos em resultados de algumas pesquisas recentes e estudos de autoras feministas. No campo jornalístico, lançamos mão das contribuições de Bahia (1972), Martino (2003) e Bourdieu (2014).

Cientes de que o poder nunca é polarizado e jamais está a serviço de um único sujeito ou instituição, utilizaremos alguns excertos do portal *Ludovica (LDVCA)* do jornal *O Popular*, a fim de demonstrar uma força de resistência dentro da própria instituição jornalística. Conforme ponderou Foucault (2015, p. 2018) o poder “nunca é inteiramente controlado de certo ponto de vista por certo número de pessoas. A cada instante, ele se desenrola em pequenas disputas singulares, com inversões locais, derrotas, vitórias regionais, desforras provisórias”.

Dentre os enunciados que constituem o discurso de *O Popular* a respeito da prática do crime de feminicídio, são comuns aqueles que tendem a imputação de culpa a vítima, o que pode ser observado na última seção deste trabalho a qual se dedicou à análise do corpus. Recortamos aqui apenas quatro enunciados para melhor exemplificar e lembrar a posição discursiva assumida pelo jornal. Na última seção explanamos mais detalhadamente a respeito dessa tendência.

- 1) “Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido na cadeia”.<sup>74</sup>
- 2) “Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por Whatsapp”.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/acusado-de-matar-jovem-durante-carona-combinada-por-whatsapp-%C3%A9-agredido-na-cadeia-1.1386134>

- 3) “Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após<sup>76</sup> assassinato de jovem em MG”.
- 4) “O caso de Kelly Cristina Cadamuro, de 22 anos, que foi assassinada em<sup>77</sup> Minas Gerais após dar carona a um homem na última quarta-feira (1)”.

Nas notícias que fazem menção a esse crime, a todo instante é reiterado o fato da jovem ter oferecido carona a um desconhecido, com o qual havia travado contato prévio apenas por um aplicativo de mensagens. Como os sentidos não são dados *a priori*, tampouco se escondem na simples materialidade linguística, tais enunciados parecem instigar o leitor a responsabilizar a vítima por uma possível conduta impensada. Segundo Bahia,

Com o duplo papel que desempenha na sociedade moderna- como órgão de informação e veículo de opinião- o jornalismo, de modo geral, não pode prescindir das obrigações éticas, dos deveres morais básicos que estão implícitos na natureza das comunicações sociais, da função informativa e formativa. A opinião pública- e ainda mesmo que o público, somente- se orienta, muitas vezes decide e sempre raciocina, não pelas coisas em si mesmas, mas evidentemente pela feição que lhes damos, pelas imagens que os veículos da comunicação lhe atribuem (BAHIA, 1972,p. 74).

Todavia, enunciados que simplesmente banalizam e vitimizam a mulher em situação de opressão física, psíquica ou social, sem considerar-lhes os mecanismos de resistência, tornaram-se chavões obsoletos. Conforme propõe Deleuze (2005, p.79), “O poder de ser afetado é como uma matéria da força, e o poder de afetar é como uma função da força”. Sem resistência, não há poder, apenas coação, violência<sup>78</sup>.

Diante do exposto, tem-se que relações de poder são perpetradas apenas no contato de mecanismos de resistência que lhe façam frente, é o que explicita Blay (2008, p.45,46): “em 1979, o movimento feminista – semelhante ao dos anos 20 – não admitia mais que se matasse ‘por amor’ ou que a honra do homem estivesse no comportamento sexual da mulher”.

<sup>75</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/jovem-de-22-anos-desaparece-depois-de-dar-carona-que-combinou-por-whatsapp-1.1384356>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://qa.opopular.com.br/editorias/cidades/grupos-de-carona-de-goias-estabelecem-regras-de-seguranca-7a-apos-3s-assassinato-de-jovem-em-mg-1.1385316>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://qa.opopular.com.br/editorias/cidades/grupos-de-carona-de-goias-estabelecem-regras-de-seguranca-7a-apos-3s-assassinato-de-jovem-em-mg-1.1385316>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<sup>78</sup> Arendt (2009, p.44) afirma que “A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, ela conduz à desaparecimento do poder”.

Segundo uma pesquisa realizada nos últimos dois anos, a culpabilização da vítima se configura como um dos principais mecanismos que culminam no aumento da tolerância à violência em desfavor das mulheres. Para os autores

A tolerância social à violência contra as mulheres é manifestada pela culpabilização da vítima, pela desconfiança com relação ao seu relato de violência e pela eufemização e neutralização do comportamento agressor. [...] A naturalização da violência em seu cotidiano impede que as mulheres se percebam vítima da agressão, fazendo com que o resultado de mulheres que se reconhecem vítimas seja subdimensionado (VIEGAS et al. 2017, p.26).

Outra curiosa informação apontada pela pesquisa faz menção à falta de ação das pessoas que presenciam cenas de violência e não tomam qualquer atitude: “uma justificativa comum para a falta de ação de pessoas que presenciam violência doméstica e familiar contra mulheres é que se trata de um assunto íntimo e privado” (VIEGAS et al. 2017, p. 27). É a reiteração da velha máxima muito corrente nos meios populares de que “em briga de marido e mulher, ninguém põe a colher”.

No discurso jornalístico de *O Popular*, é muito comum a “coisificação” da mulher. Conforme foi apontado nas análises que se seguiram, é recorrente a objetivação do corpo da mulher enquanto propriedade do homem. E como tal, é reiterado o direito do macho que não *aceita* o término do relacionamento e num momento de ciúmes e raiva acaba cometendo o feminicídio. A título de exemplificação, recortaremos dois excertos do corpus a fim de evidenciar tal mecanismo, que na seção de análise foram expostos com maior apuro.

5) “Homem que não aceitava o fim do relacionamento”.<sup>79</sup>

6) “A jovem foi morta pelo ex-namorado, que não aceitava o fim do relacionamento”.<sup>80</sup>

Nestes fragmentos, é perceptível pela ocorrência e repetição do verbo aceitar, a suposta *posse* que detém o agressor em relação à vítima, não apenas em instância corpórea, mas de um monopólio em relação aos sentimentos e direitos de escolha da vítima. Nesse ínterim, o poder é, sobretudo, formulado em uma instância simbólica, sendo materializado pelo discurso jornalístico. A respeito das desigualdades que incidem sob a perspectiva social e

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-goi%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

o tradicionalismo que permeia a educação de meninas em pleno século XXI, Adichie argumenta que

Ensinamos as meninas que elas não podem agir como seres sexuais, do modo como agem os meninos [...] Ensinamos as meninas a sentir vergonha. ‘Fecha as pernas, olha o decote’. Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina; elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte (ADICHIE, 2015, p.34, 36).

De acordo com a autora as mulheres carregam consigo uma série de interditos que lhe são impostos desde a mais tenra idade, que consistem, sobretudo, na disciplinarização de suas condutas, seus corpos e desejos. Foucault (2006, p. 18, 19) pondera que “o que há de essencial em todo poder é que seu ponto de aplicação é sempre, em última instância, o corpo”; um corpo a ser disciplinado, marcado, objetivado. Corpo este, tomado não apenas enquanto um emaranhado e complexo organismo fisiológico, mas, principalmente como lugar de representações múltiplas, palco de poderes e resistências. As técnicas de poder que incidem sob essa corporeidade feminina são infindas, desde dietas, regras de etiqueta, dicas para relacionamentos (como atrair companheiros e manter relacionamentos), editoriais de moda e beleza, dentre tantos outros mecanismos de manipulação, contenção e disciplinarização dos corpos.

Importa destacar que materiais da mesma natureza dedicados ao público masculino são raros, assim como, são incipientes blogs, revistas, editoriais etc., que utilizem como artilharia para a conquista do sexo feminino os atributos sexuais masculinos, assim como acontece quando se trata de táticas “ensinadas” às mulheres para atrair o sexo oposto. Ou seja, esses poderes relativos ao corpo em instância sexual incidem de maneira distinta sob o sujeito, a depender de seu sexo. De acordo com Foucault (1988, p. 114), “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.”

Refletir acerca desses micro poderes que permeiam a sociedade e incidem na constituição de padrões, estratégias e regras de comportamento para o cerceamento e adestramento dos corpos e condutas das mulheres é de importância ímpar para que possamos compreender como a mídia se utiliza desses ardis a fim de constituir seus discursos. Entretanto, resta salientar que o poder exercido pela mídia não é estanque, nem tampouco,

linear e estável; em seu escopo, em seu entremeio encontra-se a outra face do poder, a resistência.

Fonte de enfrentamentos, batimentos ininterruptos, o discurso em seu funcionamento permite uma constante fluidez de enfoques e posicionamentos e, ao mostrar-se permite que o poder circule, se fortifique e se legitime. O poder promove frentes de enfrentamento e resistência pois, sem resistência há a dissolução do poder. Conforme salienta Foucault (1988, p. 112) “O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”.

Essa exposição concisa permitiu-nos tecer uma breve introdução da problemática do poder e contigua a ele, a resistência. Nos parágrafos subsequentes nos dedicaremos a analisar as forças de resistência que se erigem na própria instituição jornalística, O popular, personificada pelo portal *Ludovica*. Com isto, apresentaremos duas faces, duas forças que emergem de um mesmo tema e possuem o mesmo arquivo, o feminicídio, e as maneiras como o jornal o explora e o discursiviza.

Para essa exposição selecionamos três notícias distintas do portal supracitado, duas do ano de 2015 e uma de 2017. Nelas, há um alto teor de conteúdo informativo, inclusive sobre a da legislação consonante a causa feminina, dicas e procedimentos para a prevenção e denúncia de crimes praticados em âmbito doméstico, há também a divulgação de uma cartilha de prevenção à violência contra a mulher desenvolvida pela polícia civil do estado do Rio de Janeiro. As notícias que serão mencionadas possuem os seguintes títulos,

- 7) “Feminicídio: Avanço na luta das mulheres”<sup>81</sup>
- 8) “Lei cria semana nacional pela não violência contra a mulher”<sup>82</sup>
- 9) “Cartilha diz como agir em caso de violência contra a mulher”<sup>83</sup>

Na notícia de número 7, é feita menção à Lei nº 13.104/15 conhecida popularmente como a lei do feminicídio, a qual inclui a prática desse delito no rol de crimes hediondos. No corpo da notícia, salienta-se que esta é uma importante conquista para as mulheres e para a luta contra a violência na América Latina e destaca-se as principais mudanças na antiga legislação possibilitadas pelo novo decreto. A imagem anexa é bastante representativa em um

---

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/lazer/femicid%C3%ADio-avan%C3%A7o-na-luta-das-mulheres-1.817370>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/lei-cria-semana-nacional-pela-n%C3%A3o-viol%C3%Aancia-contra-a-mulher-1.1248485>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>83</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/cartilha-diz-como-agir-em-caso-de-viol%C3%Aancia-contra-a-mulher-1.818372>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

momento histórico de intensos e acalorados debates e manifestações em torno dos direitos femininos.

Na figura está exposta uma jovem de aproximadamente 25 anos, vestindo negro, ela segura e eleva um cartaz rosa acima da cabeça com os seguintes dizeres,

9) “Seu machismo mata!!! Violência não mais”<sup>84</sup>.

Nas bordas do cartaz há manchas representando mãos com a cor vermelha, assim como o vocábulo “Mata!!!” que aparece centralizado na imagem representado pela mesma cor; na palavra “Não” a letra *o* é representada por um espelho de Vênus, símbolo usualmente utilizado para a indicação daquilo que é feminino.

Tendo em vista que os sentidos nunca são dados *a priori*, são constituídos por discursos em um batimento ininterrupto com a história e o social, podemos inferir que o tom escarlate que salpica o cartaz simbolicamente pode representar o sangue vertido pelas vítimas, haja vista ter a mesma cor do verbo “Matar”. O tom rubro também é conhecido como a cor representativa das grandes revoluções e regimes, assim como a bandeira e demais símbolos soviéticos agregados à imagem da foice e do martelo.

Em um contexto de passeata e/ou manifestação na qual se encontra o sujeito da imagem, cercado de pessoas que compartilham dos mesmos anseios e desejos, o caráter simbólico dos dizeres e cores contidos na cartolina empunhada pela mulher extravasa o plano linguístico trazendo a lume uma série de eventos e vozes já inscritas na história, que ressurgem mediante um novo acontecimento. O tom revolucionário das cores e tudo aquilo o que elas simbolizam se ressignificam sob uma nova perspectiva.

Nesse íterim, vemos surgir as forças de resistência dentro da própria instituição jornalística, ao passo que, em outros enunciados, principalmente naquelas notícias que tratavam da prática de crimes de feminicídio contra vítimas específicas, o machismo não era denunciado, era legitimado por vocábulos misóginos com o uso exacerbado do verbo “aceitar”, para justificar ou minimizar a responsabilidade e condutas do assassino.

Nessa amostra, intermediada tanto pela imagem quanto pela materialidade linguística, a palavra feminicídio será explicitada e caracterizada em suas vertentes e tipificação penal. O poder personificado pela imputação de culpa à vítima e do pseudodireito que alguns agressores acreditam ter sob a conduta e corpo das vítimas e que é rememorado e

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/lazer/femicidio-advan%C3%A7o-na-luta-das-mulheres-1.817370>>. Acesso em: 04 abr. 2017

legitimado pelo jornal em determinadas passagens, dará lugar no portal Ludovica a um discurso de resistência e conscientização. Para Foucault (2015, p. 209), “há sistemas de poder muito mais amplos que o poder político em seu funcionamento estrito: todo um conjunto de focos de poder que podem ser as relações sexuais, a família, o emprego, a moradia”.

A notícia 02 se inicia com o seguinte título

10) “Lei cria semana nacional pela não violência contra a mulher”.<sup>85</sup>

E discorre a respeito dessa lei salientando seu caráter de conscientização e mobilização, ficando a cargo do setor público criar meios e mecanismos de ação a fim de tornar latente o assunto e, por intermédio dessas atividades, como, palestras e congressos, possibilitar uma maior conscientização social sobre o tema.

Abaixo do título há a imagem de uma mulher jovem com feições tristes e rosto repleto de escuriações que ergue o punho esquerdo com a mão espalmada como se pedisse calma e/ou, em sinal de negação, para a imediata interrupção da violência praticada como se parasse com a força de seu membro a truculência do ataque. A emblemática imagem vai de encontro às manifestações linguísticas que permeiam a notícia ressaltando as falas recortadas pelo veículo de comunicação retiradas de fragmentos de uma nota disseminada pela Secretaria de comunicação social da presidência da república.

A notícia 03 se inicia com o título

11) “Cartilha diz como agir em caso de violência contra a mulher”.<sup>86</sup>

Nela há um alto teor didático, inclusive, na capa da cartilha está grafado,

12) “Violência contra a mulher- Saiba como a polícia civil pode prestar auxílio quando houver risco ou prática de violência doméstica e familiar”.<sup>87</sup>

Assim, a instituição policial toma para si o caráter instrutivo de supressão e combate à violência contra a mulher. Dotada de um caráter punitivo e moralizante, a instituição policial com essa iniciativa tenta por essas vias informar possíveis vítimas dos procedimentos a serem tomados em caso de ameaça e agressão. Tais materiais, como a cartilha, tentam

---

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/lei-cria-semana-nacional-pela-n%C3%A3o-viol%C3%Aancia-contra-a-mulher-1.1248485>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/cartilha-diz-como-agir-em-caso-de-viol%C3%Aancia-contra-a-mulher-1.818372>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/cartilha-diz-como-agir-em-caso-de-viol%C3%Aancia-contra-a-mulher-1.818372>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

modelar condutas, tanto da mulher ofendida que talvez compartilhe de um ideário machista sem pensar em defender seus direitos, ou não conheça os mecanismos para sua proteção, quanto do agressor, que, provavelmente, se julgará superior à agredida, “daí se pode concluir que a moral não está dentro da cabeça das pessoas: está inscrita nas relações de poder, e apenas a modificação das relações de poder pode trazer modificação da moralidade” (FOUCAULT, 2015, p. 106).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de uma temática vasta e atual, passível de análise nos mais diversificados vieses, a prática do crime de feminicídio vem suscitando grande interesse em estudiosos de distintas áreas, como as ciências sociais, a medicina, o direito (criminal), a psicologia e o discurso. Tais trabalhos demonstram a necessidade de pesquisas mais detalhadas, que abarquem um número considerável de fatores e interferências e possuam cuidadoso aparato teórico-metodológico.

Outra questão que nos foi cara na composição deste trabalho, diz respeito aos processos de subjetivação e simbolização do discurso referente ao corpo da mulher, da violência padecida e, principalmente, de como tais processos interferem na formação de um saber nessa área. Interessou-nos perceber como o poder e as resistências dele oriundas fazem falar uma memória repleta de sentidos que não cessa em se reinventar em novas e reformuladas vozes e enunciados, e como adquirem o status de verdade em nosso momento histórico. Para Navarro (2014, p.176), “o poder deve ser pensado como algo que produz o real, os domínios de objetos e rituais de verdade”.

Assim, procuramos compreender as regras de formação desses enunciados entendendo-os como frutos dos processos de valoração históricos e sociais que permitem sua formulação. De acordo com Navarro (2014, p.177),

Um discurso, com seu dispositivo institucional e social, só se mantém enquanto a conjuntura histórica e a liberdade humana não o substitui por um outro. Saímos então do aquário (o *a priori* histórico), por conta de novos acontecimentos do momento ou porque apareceu um novo discurso que obteve sucesso.

Os enunciados que constituem os discursos jornalísticos em O popular, tomados como *corpus* para esta dissertação, conforme demonstraram as análises, estão eivados por uma latente indiferença, destituindo o homem de sua humanidade, insuflando-lhe de uma animosidade passiva que o transfigurou em um autômato inerte frente ao padecimento alheio. Suplício este amplamente rebuscado pelo discurso jornalístico, que, com todo esmero, confere um tom suntuoso ao que é funesto, outorgando ares teatrais a um infortúnio que foge à ficção e instaura-se em uma realidade banalizada. Em relação à análise dos enunciados, Foucault explicita que

Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de

signos (não sendo esta forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica. Esta a faz aparecer não como um simples traço, mas como relação com um domínio de objetos; não como resultado de uma ação ou de uma operação individual, mas como um jogo de posições possíveis para um sujeito; não como uma totalidade orgânica, autônoma, fechada em si e suscetível de - sozinha - formar sentido, mas como um elemento em um campo de coexistência; não como um acontecimento passageiro ou um objeto inerte, mas como uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2008, p.123).

Conforme o pensamento desse autor, a análise pertinente de um enunciado constitutivo de determinado discurso não está ancorada na dissociação do contexto em que é produzido, nem tampouco se encontra restrito a elementos gramaticais com existência pré-determinada, mas na capacidade de formular sentidos, múltiplos, retomados em sua corporeidade.

Nesse panorama, importa destacar a importância de estudos que se dediquem à análise dos discursos jornalísticos, abordando e reinterpretando formações discursivas, posições-sujeito, acontecimentos discursivos, o enunciado e o arquivo donde provêm determinados blocos de discurso, o poder exercido e as resistências dele oriundos. Ademais, é claro, a espetacularização massiva que já entorpeceu a sensibilidade coletiva. A respeito da interseccionalidade entre AD e mídia, Gregolin (2007, p. 13) salienta que

A análise do discurso, campo de pesquisa solidamente instalado no Brasil, interessa-se cada vez mais em tomar a mídia como objeto de investigação. A articulação entre os estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos.

Pela análise de alguns excertos retirados do portal Ludovica (LDVCA) pudemos observar pelo posicionamento discursivo do jornal, pelas temáticas abordadas e posição-sujeito daquele que enuncia, o jornalista, uma série de forças de resistência dentro da própria instituição jornalística, mostrando mais uma vez que o poder jamais é uma instância polarizada, mas, que está sempre em interstício com uma força antagônica que ao mesmo tempo que lhe faz frente e permite sua manutenção.

À guisa de uma conclusão, sublinhamos o que foi exposto por Foucault em *O sujeito e o poder* (1984, p.234): “finalmente, todas essas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós? Elas são uma recusa a essas abstrações, ao estado de violência econômico e ideológico” a fim de reiterar a importância da reflexão acerca da causa feminina e suas vicissitudes e, nesse ínterim, debruçarmo-nos sob os discursos jornalísticos contemporâneos que fazem menção a essa causa.

Ao enunciar que “não nos deixaremos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher”, Beauvoir (2016, p. 17) atinge o cerne de

uma questão que nos é demasiadamente cara. Não apenas no momento histórico em que a filósofa francesa versava acerca dos dissabores, aos quais a *femme* esteve subordinada desde épocas imemoriais. Sobretudo, para a sociedade brasileira contemporânea, personificada pelas instituições governamentais, tão *benfazejas* no fomento de políticas públicas destinadas à proteção da mulher, mas, isocronamente omissas, em salvaguardar determinados direitos *abstratamente* reconhecidos.

Todavia, os órgãos estatais não são os únicos agregadores das penúrias às quais as mulheres estão fadadas cotidianamente. Os discursos jornalísticos, quando não cômicos de suas atribuições éticas e, de sua incongruente engenhosidade no inculcamento de padrões e comportamentos relacionados a questões de gênero, acabam prestando um desserviço à coletividade.

Em inúmeras ocasiões, utilizando-se de um discurso torpe, misógino e sexista, tais profissionais agem em desacordo com os preceitos firmados pelo código de ética que regulamenta a profissão. Salientamos a importância dos mecanismos da Análise de Discurso que encontram em Michel Foucault aporte teórico necessário para as análises que se arrolaram neste trabalho, e reiteramos a necessidade de trazer a lume questões relacionadas a gênero e as violências e coações delas oriundas.

Ressaltamos ainda a urgência na (re)formulação de políticas públicas que se destinem a proteção de mulheres, não apenas em âmbito doméstico, mas, em todas as esferas sociais, coibindo situações de vulnerabilidade e risco à dignidade de todas as brasileiras, essencialmente as mulheres goianas, imersas em uma aura ainda muito colonialista no que tange a sua representação em meio social.

No labor empreendido por jornalistas a fim de enredar um maior número de leitores, não faltam artifícios. Desde a exposição de uma carnificina por meio de imagens grotescas, que ferem a memória das vítimas e constroem os familiares, a um discurso machista, estapafúrdio e por vezes *humorístico*, levando-se em consideração que a satirização dos infortúnios imputados à vítima tornou-se recorrente. Tais profissionais não medem esforços para impressionar uma sociedade em que o espanto perdeu completamente sua eficácia.

A simbolização da violência praticada contra a mulher e os dispositivos de poder que incidem na formatação de acontecimentos misóginos e sexistas materializados pela posição discursiva assumida pelo jornal demonstram uma série de preceitos sociais que encontram subsídios em períodos remotos de nossa história e que, por intermédio de uma memória gregária, não cessam em formular novas formações discursivas.

Todavia, quando não cômicos dessa influência no inculcamento de padrões e comportamentos de gênero, tais profissionais acabam ferindo não apenas a diretriz magna que regimenta a profissão, mas, sobretudo, as regras mais elementares de ética e respeito que deveriam nortear qualquer relação humana, prestando um desserviço à coletividade e representando um retrocesso a todos os avanços angariados no campo dos direitos humanos no que tange à vida e à proteção das mulheres.

Por se colocarem como um discurso de *verdade*, os jornais são inegavelmente grandes produtores de identidade e subjetividade em nossa sociedade. Assim, majoritariamente o jornal *O Popular* age a condensar e perpetuar formações discursivas misóginas e sexistas, donatárias de uma cultura patriarcalista, legitimando condutas atrozes, em um discurso que não quer calar, o da impunidade e do menosprezo a mulher. Afinal, quem somos nós?

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C, N. **Sejamos todos feministas-** 1ª. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D, M, de. **Raros e rotos, restos, rastros e rostos:** os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. In: ArtCultura. Uberlândia, v.15, n.26, p. 7-28, jan-jun, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **Da terceira Margem eu so(u)rrio:** sobre história e invenção. In:\_. História: a arte de inventar o passado. Ensaios da teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 19-37.
- ALCÂNTARA, J.C de. **Goiás mata mulheres.** 2016. Disponível em: <<http://www.policiacivil.go.gov.br/artigos/goias-mata-mulheres.html>>. Acesso em: 14 de jun. 2016.
- ARENDT, H. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s).** Campinas, 1990. Disponível em: <[http:// http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3012/4095](http://http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3012/4095)>. Acesso em: 15 mai. 2016, 09:34:28.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica.** 3ª ed. São Paulo: IBRASA, 1972, 247 p.
- BANDEIRA. L. **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil:** 1976 a 2006. Revista: Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 2, p. 401-138, mai/ago- 2009. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/se/v24/04.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922009000200004>
- BEAUVOIR, S de. **O segundo sexo:** fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- \_\_\_\_\_. **O segundo sexo:** a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BLAY, E. A. **Assassinato de mulheres e Direitos humanos.** São Paulo: USP, Curso de Pós-graduação em Sociologia: Ed. 34, 2008.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina:** A condição feminina e a violência simbólica. 5.ed.- Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.
- BRASIL. Decreto lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006 (Maria da Penha). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 03 jul 2017.

BRASIL. Decreto lei nº 13.104 de 09 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940- Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm)>. Acesso em: 03 jul 2017.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In:\_. **A Escrita da História: novas perspectivas**, SP: EDUNESP, 2011. P. 7-38

CAMARGO, M. H. **Apenas homens pensam?** Revista de filosofia- Ano IX Nº123. Editora Escala, 2017.

CERTEAU, M de. A Operação Historiográfica. In:\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 31-119.

COULOMB-GULLY, M. Gênero, política e análise do discurso das mídias. In: PIOVEZANI, C. CURCINO, L. SARGENTINI, V (Orgs). **Presenças de Foucault na análise do discurso**. São Carlos: EduFSCar, 2014, 207 p.

COURTINE, J, J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. **Foucault**. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ELUF, L. N. **A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

EVARISTO, C. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In:\_. **Cadernos Negros vol. 19**. Quilombhoje. São Paulo: Ed. Anita, 1996.

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Sancionado em: 04 de agosto de 2007. Vitória, ES. Disponível em: <[http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 03 jul 2017.

FERNANDES, C, A. **Análise do discurso: Reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Práticas inovadoras de enfrentamento à violência contra as mulheres: experiências desenvolvidas pelos profissionais de segurança pública**. São Paulo, FBSP 2017.

FOUCAULT, M. Sobre a arqueologia das ciências. **Resposta ao círculo epistemológico**. Em: Estruturalismo e teoria da linguagem p. 19-55, VOZES, Petrópolis, 1971, p.21.

- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOV, Paul; Dreyfus, Hubert. **Michel Foucault: Uma trajetória Filosófica- para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. p. 229-249.
- \_\_\_\_\_. **O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. O que é um autor? In: Barros, Manoel. **Foucault Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos, p. 89, 118).
- \_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro- Editora Nau, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)**. –São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...*um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault- Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ditos e escritos, Volume IX: **genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: edições Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972-1973)**. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015- (Coleção obras de Michel Foucault).
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2017.
- FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. 48.ed. São Paulo: Global, 2003.
- GREGOLIN, M do R. **Análise do discurso e mídia: A (re)produção de identidades**. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>>. Acesso em: 12 mai. 2016.
- \_\_\_\_\_. (Org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- HARARI, Y. N. **Sapiens- uma breve história da humanidade**. – 1.ed.- Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

LAKATOS, E.M. MARCONI, M de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).

Mc LAREN. M, A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. – São Paulo: Intermeios, 2016.

MARTINO, L,M, S. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**.- São Paulo: Paulus, 2003.

NADER, M. B. LIMA, L. L. da Gama (Org). **Família, mulher e violência**. Vitória: PPGHis, 2007.

NAVARRO, P. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In:\_\_\_\_\_. (org). **Estudos do Texto e do Discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. NAVARRO, P. Dispositivo da sexualidade, discurso da mídia e o corpo feminino. In: JÚNIOR FERNANDES, A.; SOUSA, K, M. de (Orgs.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2014.

NENHUM DE NÓS. CORRÊA, T. Camila, Camila. Faixa 2. BMG- Vinil/LP, Plug/RCA, (5: 06 min), 1987.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto história**, São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1993, p. 7-28.

NIETZSCHE, F. W. **O anticristo**. Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1988.

O POPULAR. **Inconformado com fim de namoro, jovem mata ex em borracharia de Anapólis; ele já está preso**. 07 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/inconformado-com-fim-do-namoro-jovem-mata-ex-em-borracharia-de-an%C3%A1polis-ele-j%C3%A1-est%C3%A1-preso-1.1254922>>. Acesso em: 17 nov.2017.

\_\_\_\_\_. **Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por Whatsapp- O último contato feito pela jovem com a família foi em um posto de combustíveis na BR-153, quando ela parou para abastecer o veículo**. 02 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/jovem-de-22-anos-desaparece-depois-de-dar-carona-que-combinou-por-whatsapp-1.1384356>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido na cadeia- Em seu depoimento, Jonathan Pereira Prado, de 33 anos, contou que arrastou a vítima amarrada a uma corda por quase 3 km**. 05 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/acusado-de-matar-jovem-durante-carona>

combinada-por-whatsapp-%C3%A9-agredido-na-cadeia-1.1386134 >. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após assassinato de jovem em MG- As viagens compartilhadas entre Goiânia e Cristalina serão feitas somente com checagem de informações feita pelos administradores da ferramenta criada no WhatsApp por estudantes.** 03 nov. 2017. Disponível em:<<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/grupos-de-carona-degoi%C3%A1s-estabelecem-regras-de-seguran%C3%A7a-ap%C3%B3s-assassinato-de-jovem-em-mg-1.1385316>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex-namorado em Goiânia-Homem, que não aceitava o fim do relacionamento, foi preso e encaminhado com a arma à Central de Flagrantes.** 13 fev. 2017. Disponível em:<<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/adolescente-de-15-anos-%C3%A9-morta-com-16-facadas-pelo-ex-namorado-em-go%C3%A2nia-1.1224794>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás. Testemunhas dizem ter visto quando José Fernando baleou e matou a dona de casa Marli Silva; ele pode responder por feminicídio.** 27 jul. 2016. Disponível em:<<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/motorista-%C3%A9-suspeito-de-matar-mulher-ap%C3%B3s-26-anos-juntos-em-flores-de-go%C3%A1s-1.1120284>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis- Principal suspeito é o ex-namorado que não aceitava o fim do relacionamento.** 18 maio 2015. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/mulher-%C3%A9-assassinada-com-11-facadas-em-an%C3%A1polis-1.925701>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos- De acordo com a polícia o crime foi motivado por ciúme.** 27 dez. 2016. Disponível em:<<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/adolescente-morre-ap%C3%B3s-ser-enforcada-por-namorado-de-73-anos-1.1201273>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Jovem mata companheira e deixa filha de um mês.** 27 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/jovem-mata-companheira-e-ap%C4Cb-deixa-filha-de-um-mes.1.1201274>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulheres são executadas com tiros na cabeça- Crimes aconteceram em um intervalo de 12 horas, ambos na região sudoeste da capital.** 02 set. 2015. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/mulheres-s%C3%A3o-executadas-com-tiros-na-cabe%C3%A7a-1.936726>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **“Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou ex-namorada com 16 facadas- Adolescente foi atingida no toráx, braço e rosto, chegou a ser socorrida, mas não resistiu aos ferimentos.** 14 fev. 2017. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/eu-n%C3%A3o-aceito-trai%C3%A7%C3%A3o-fiquei-cego-de-raiva-diz-homem-que-matou-ex-namorada-com-16-facadas-1.1225242>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para casamento- Kelly entrou no grupo de caronas para reduzir os gastos com viagens.** 04 nov. 2017. Disponível em: < <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-morta-ao-dar-carona-por-whatsapp-economizava-dinheiro-para-casamento-1.1385689> >. Acesso em: 17 nov.2017.

\_\_\_\_\_. **Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona- Suspeito identificado como passageiro da radiologista confessou o assassinato, mas negou abuso sexual.** 04 nov. 2017. Disponível em: < <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/homem-afirma-ter-estrangulado-e-arrastado-jovem-morta-durante-carona-1.1385677> >. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto em Alexânia era seu vizinho e já tinha feito ameaças- Rapaz teria tentado presentear a estudante, mas ela não teria aceitado; delegada disse que há indícios de crime passionai.** 06 nov.2017. Disponível: < <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/jovem-que-matou-garota-com-11-tiros-no-rosto-em-alex%C3%A2nia-era-seu-vizinho-e-j%C3%A1-tinha-feito-amea%C3%A7as-1.1386767>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Femicídio: Avanço na luta das mulheres.** 02 abr. 2015. Disponível em:<<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/lazer/femic%C3%ADdio-avan%C3%A7o-na-luta-das-mulheres-1.817370>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei cria semana nacional pela não violência contra a mulher.** 29 mar. 2017. Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/lei-cria-semana-nacional-pela-n%C3%A3o-viol%C3%A2ncia-contra-a-mulher-1.1248485>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Cartilha diz como agir em caso de violência contra a mulher.** 03 abr. 2015. Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/editorias/comportamento/cartilha-diz-como-agir-em-caso-de-viol%C3%A2ncia-contra-a-mulher-1.818372>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 11º Ed. Campinas- São Paulo: Pontes Editores, 2013.

RAGO, L, M. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. <https://doi.org/10.7476/9788526814691>

REVEL, J. **Michel Foucault: Conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

SAFFIOTI, H, L, B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** In: Cadernos Pagu - (16) 2001. ISSN 0104- 8333. Unicamp- SP. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>

SARGENTINI, V. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: MILANEZ, N. GASPAR, N. R.(orgs). **A (des)ordem do discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.

STEARNS, P.N. **História das relações de gênero.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

VIEGAS, R et al. Análise: **Resultado de pesquisa expõe tolerância social à violência contra as mulheres em espaços públicos**. In: Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

VILLELA, W, V et al. **Ambiguidades e contradições no atendimento de mulheres que sofrem violência**. Revista: Saúde social. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 113, 123- 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n1/14.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000100014>

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**- Homicídio de mulheres no Brasil. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres- ONU Mulheres. 1.ed. Brasília- DF. Disponível em: <[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)>. Acesso em: 03 mar. 2016.

WALKER, A. **A cor púrpura**. 12ª ed. Editora: José Olympo- RJ, 2016.

## ANEXO

## Mulher-Vida e Morte

 VIDA URBANA

## Inconformado com fim do namoro, jovem mata ex em borracharia de Anápolis; ele já está preso

Rayane Araújo da Silva, de 25 anos, foi atingida por seis disparos de arma de fogo; ela havia parado no local para consertar o pneu da moto

07/04/2017 - 22:25



Rayane Araújo da Silva foi morta em borracharia (Foto: Fotos: Reprodução/TV Anhanguera)

Daniel Ermes Pinto, de 19 anos, suspeito de assassinar a tiros a universitária Rayane Araújo da Silva, de 25 anos, em uma borracharia de Anápolis, foi preso na noite desta sexta-feira (7). De acordo com o delegado responsável pelo caso, Vander Coelho, o rapaz, que é ex-namorado da vítima, se apresentou na delegacia e confessou o crime. Ele disse que matou a jovem por não aceitar o fim do relacionamento de um ano e meio.

Ainda de acordo com o delegado, o jovem esperava que não fosse ficar preso por ter se apresentado espontaneamente no dia seguinte. No entanto, a polícia já havia solicitado um mandado de prisão temporária que foi cumprindo no momento em que ele prestava o depoimento. Familiares de Rayane disseram que ele a ameaçava.

Algumas imagens de circuito de segurança foram utilizadas para identificar o carro usado por ele para cometer o crime. O suspeito disse à polícia que pegou o veículo emprestado com o primo.

### O caso

Rayane Araújo da Silva morreu, na manhã da última quinta-feira (6), depois ser atingida por seis disparos de arma de fogo. Segundo a Polícia Militar, ela parou na borracharia para consertar o pneu da moto.



Registro do enterro da jovem

Continue lendo

- 1 Inconformado com fim jovem mata ex em bo
- 2 Encapuzados invade Anápolis e matam mori
- 3 Homem é assassina casa em Nerópolis
- 4 Homem é encontrad baldio de Catalão
- 5 Guindaste encosta e caminhão pega fogo e

Continue lendo

- 1 Inconformado com fim jovem mata ex em bo
- 2 Encapuzados invade Anápolis e matam mori
- 3 Homem é assassina casa em Nerópolis
- 4 Homem é encontrad baldio de Catalão
- 5 Guindaste encosta e e caminhão pega fogo e

Continue lendo

- 1 Inconformado com fim jovem mata ex em bo
- 2 Encapuzados invade Anápolis e matam mori
- 3 Homem é assassina casa em Nerópolis
- 4 Homem é encontrad baldio de Catalão
- 5 Guindaste encosta e e caminhão pega fogo e

## ANEXO

## Regularidade 01: Machismo (3.1.1)

 Cidades

## Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex-namorado em Goiânia

Homem, que não aceitava o fim do relacionamento, foi preso e encaminhado com a arma do crime à Central de Flagrantes

13/02/2017 15:50



Uma adolescente de 15 anos morreu após ser atingida por 16 golpes de faca, em várias partes corpo, na tarde desta segunda-feira (13), no setor Bairro da Vitória, na região Noroeste de Goiânia.

Redação

De acordo com a Polícia Militar (PM), a jovem foi morta pelo ex-namorado, que não aceitava o fim do relacionamento.



Segundo a polícia, o ataque à vítima aconteceu próximo à casa do criminoso que fugiu do local, mas foi localizado pela polícia nas proximidades. A menina foi atingida no tórax, braço e rosto, chegou a ser socorrida por pessoas que passam pelo local e encaminhada a UPA do Jardim Curitiba, mas não resistiu aos ferimentos e morreu.

O homem foi autuado e encaminhado com a arma do crime à Central de Flagrantes de Goiânia.

Navegue pelo assunto



Comentários 

Os comentários publicados aqui não representam a opinião do jornal e são de total responsabilidade de seus autores.

RECOMENDAMOS

## ANEXO

## Regularidade 01: Machismo (3.1.2)



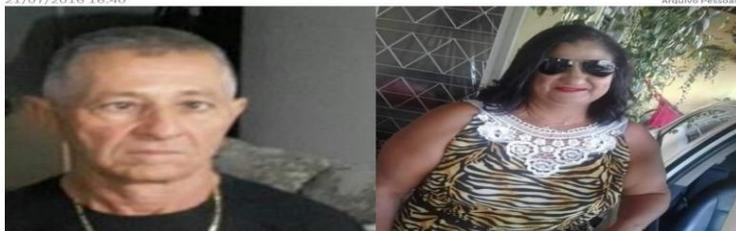
Cidades

## Motorista é suspeito de matar mulher após 26 anos juntos em Flores de Goiás

Testemunhas dizem ter visto quando José Fernando baleou e matou a dona de casa Marli Silva; ele pode responder por feminicídio

21/07/2016 16:40

Arquivo Pessoal



Motorista de ônibus, de 62 anos, pode responder por feminicídio pela morte de sua mulher

O motorista de ônibus José Fernando Soares Meireles, de 62 anos, é suspeito de balear e matar sua mulher, a dona de casa Marli Silva Meireles, de 57 anos, após 26 anos de casamento, em Flores de Goiás. Para o delegado responsável pelo inquérito, Jandson Bernardo da Silva, de Formosa, não há dúvidas sobre a autoria. "Já está provado que foi o marido em processo de separação".

Segundo testemunhas, na noite do dia 15 de julho, José Fernando chegou até a chácara onde Marli morava, cerca de 2 km da área urbana de Flores de Goiás, dizendo que queria conversar para reatar o casamento. O casal estava separado há alguns dias.

"Ele sempre foi um cara com muitas relações extraconjugais. No momento que ela deu um basta e falou que não queria mais ele, ele falou que não aceitaria a separação", conta a filha de vítima, a professora Márcia Regina da Silva Fernandes, de 40 anos.

Ao ouvir uma nova recusa de Marli, José Fernando teria sacado uma arma de fogo e atirado cinco vezes contra a companheira. Um dos tiros acertou a cabeça da dona de casa. Amigos e familiares, que estavam na chácara, socorreram Marli, mas ela morreu no hospital.

Depois de balear a mulher, José Fernando ainda teria agredido uma amiga da vítima, que tentou controlá-lo. "Ele jogou essa senhora no chão, engatilhou e disparou, mas a arma falhou porque não tinha mais munição", relata o delegado Jandson.

A amiga agredida da vítima, que preferiu não se identificar por ter sido ameaçada, teve uma fratura no joelho e foi internada.

De acordo com relato escrito dos policiais militares que atenderam a ocorrência, José Fernando fugiu do local em uma camioneta prateada, modelo Ranger, sem o parachoque dianteiro, que estava estacionada em um ponto fora da chácara de Marli.

### Ameaças

Desde que anunciou que queria se separar do marido, Marli vinha sendo ameaçada por José Fernando. "Minha mãe acreditava que se não ficasse sozinha, ele não teria coragem de fazer isso com ela", conta Márcia, filha da vítima.

No dia em que foi morta, Marli estava com quatro amigos e um irmão em sua chácara, que também foram ameaçados pelo motorista. Ele acusava os amigos e familiares de Marli de serem "cúmplices" de sua decisão pela separação.

### Investigação

A 2ª Delegacia de Polícia de Formosa, que responde por Flores de Goiás, fica mais de 100 km de distância da cidade e só funciona meio período. Uma vez por semana, um delegado de Formosa vai até o município realizar oitivas.

As testemunhas que presenciaram o homicídio foram ouvidas nesta terça-feira (19) por iniciativa dos filhos de Marli, que entraram em contato com o promotor de Flores e levaram as testemunhas até a delegacia de Formosa. Como a vítima foi retirada do local do crime, não houve perícia.

De acordo com o delegado Jandson, José Fernando já responde por um outro homicídio. "Nós estamos agora agilizando para poder representar contra ele pelo mandado de prisão preventiva. O objetivo é conseguir a prisão dele ainda essa semana".

Se capturado, o motorista pode responder por feminicídio. "A morte se deu pelo gênero mulher, pela questão da violência doméstica. É o típico feminicídio", explica o delegado.

Enquanto a pena para homicídio comum é de 6 e 20 anos de detenção, se condenado pelo tipo penal do feminicídio, José Fernando pode pegar de 12 a 30 anos de prisão.

A família de Marli pressiona pelo andamento das investigações. "Ele calou o sorriso da minha mãe, que era amada por muita gente. Queremos que ele seja capturado logo", lamenta Márcia, filha da vítima.

Navegue pelo assunto

Cidades > Flores de Goiás > Feminicídio > Assassinato > José Fernando > Mandado de Prisão

PUBLICIDADE

## ANEXO

## Regularidade 01: Machismo (3.1.3)

Cidades

## Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis

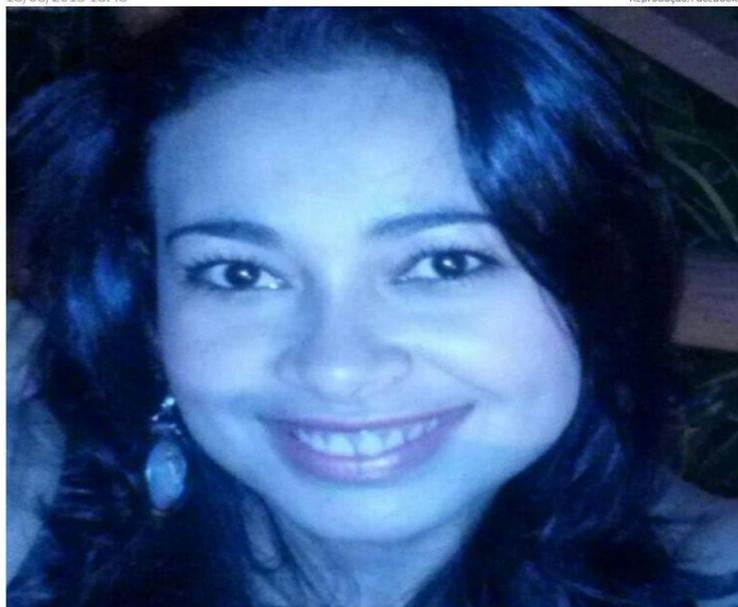
Principal suspeito é o ex-namorado que não aceitava o fim do relacionamento.

18/08/2015 18:48

Reprodução/Facebook



Redação



Gerlândia Maria da Silva Costa

Uma jovem foi morta com 11 facadas, na manhã desta terça-feira (18), na Rua Antenor Joaquim Rodovalho, em Anápolis, a 55 km de Goiânia. De acordo com a Polícia Civil (PC), o namorado da vítima é o principal suspeito do crime.

Segundo o delegado que investiga o caso, Cleiton Araújo, Gerlândia Maria da Silva Costa seguia de moto pela rua, quando foi abordada pelo suspeito, que também conduzia uma motocicleta. Ela desceu do veículo e correu após o suspeito ter mostrado a faca. O homem a seguiu e desferiu 11 golpes nas costas e no peito de Gerlândia. Ela não resistiu aos ferimentos e morreu no local.

### Histórico de violência

Ainda de acordo com o delegado, a vítima registrou um boletim de ocorrência contra o namorado por ameaça, no último domingo (16). No mesmo dia, Gerlândia postou uma mensagem em seu perfil no Facebook, comentando sobre o fim de seu relacionamento de cerca de 10 meses e a dificuldade do ex em respeitar sua decisão.

"Gente me Desculpe pelas fotos e coisas orriveis (sic) compartilhadas aqui no meu Facebook recentemente, e porque Eu terminei recentemente com o meu Ex. Ai ele nao quer aceitar o fim do nosso Namoro então ele veio na Mha (sic) conta e compartilhou tudo isso pois nao quer aceitar que terminamos mas Graças a Deus eu já exclui tudo e mudei de Senha e peço Desculpa a Todos..."

Gerlândia deixa duas filhas gêmeas de sete anos, de outro relacionamento. Até o momento, o suspeito continua foragido. Caso seja preso, irá responder por feminicídio.

Navegue pelo assunto

Cidades Polícia Assassinato Mulher Facadas Anápolis feminicídio

PUBLICIDADE

### Continue lendo

- 01 Mulher é assassinada com 11 facadas em Anápolis
- 02 Mulher é assassinada em frente à igreja
- 03 Jovem anapolina continua desaparecida em Portugal
- 04 Jovem mata companheira e deixa filha de um mês
- 05 Familiares pedem justiça à mulher que levou facadas e teve 70% do corpo queimado

## ANEXOS

## Regularidade 02: Mulher-Corpo (3.2.1)

 Cidades

## Jovem mata companheira e deixa filha de um mês

27/04/2015 08:16

Wikimedia Commons



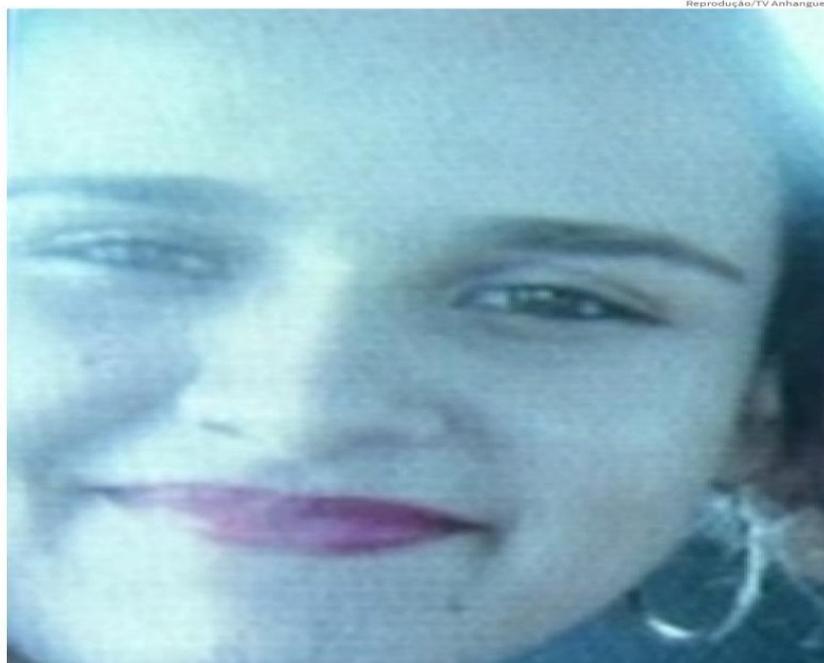
Um jovem matou sua companheira, Nayara Sales da Silva, de 22 anos, com três golpes de faca nas costas, depois de uma discussão na casa onde viviam, em Goianápolis. O casal tinha um bebê, uma menina de apenas 22 dias, que foi levada pelo pai logo depois do crime e agora está sob os cuidados do Conselho Tutelar da cidade.

Segundo a polícia, Izaac de Campos Freitas, também de 22 anos, discutiu com Nayara por volta das 3 horas da manhã e depois acertou as facadas na jovem.

Depois de preso, ele confessou o crime e admitiu que o casal brigava muito. Izaac tem passagem na polícia por furto e tráfico de drogas. A mãe do suspeito disse que ele tinha problemas com bebidas alcoólicas. Já a mãe de Nayara confirmou que sua filha já havia sido vítima de agressões outras vezes.

**Reportagem publicada no domingo pelo POPULAR mostrou como as mulheres podem identificar os sinais de que o relacionamento conturbado com o parceiro correr risco de resultar em tragédias, como aconteceu no caso de Nayara.**

Reprodução/TV Anhanguera



Navegue pelo assunto

[Cidades](#) [Mulher](#) [Conselho Tutelar](#) [Goianápolis](#) [Facadas](#)

Comentários 

Os comentários publicados aqui não representam a opinião do jornal e são de total responsabilidade de seus autores.

## ANEXO

## Regularidade 02: Mulher-Corpo (3.2.2)

 Cidades

## Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos

De acordo com a polícia, o crime foi motivado por ciúme

27/12/2016 18:37

Reprodução / Facebook



Redação



Uma adolescente de 17 anos morreu após ser enforcada pelo namorado de 73 anos em Tupã, interior de São Paulo. A jovem Michelle Fernanda Pereira Rocha chegou a ser socorrida, mas não resistiu. O crime aconteceu no último domingo (25).

De acordo com a polícia, ao ser golpeada com uma "gravata", a vítima teve uma parada cardiorrespiratória e foi encaminhada ao hospital em estado grave.

Segundo o delegado responsável pelo caso, Paulo César Pardo Soares, o crime foi motivado por ciúme. O idoso desconfiava que a adolescente estivesse com outro rapaz. Os familiares da vítima foram ouvidos pela polícia e o assassino foi preso em flagrante e encaminhado à cadeia.

A ocorrência está sendo investigada como feminicídio qualificado, com os agravantes de traição - por usar a confiança da vítima -, dificultar defesa e motivo fútil.

O velório de Michelle Fernanda Pereira Rocha foi realizado no Velório Municipal e seu sepultamento foi no Cemitério da Saudade de Tupã.

Navegue pelo assunto

[Cidades](#) [Morte](#) [Adolescente](#) [Idoso](#) [Enforcamento](#) [Ciúmes](#) [Cadeia](#)

PUBLICIDADE



### Continue lendo

- 01 Adolescente morre após ser enforcada por namorado de 73 anos
- 02 Idoso é suspeito de matar homem a facadas em Aparecida de Goiânia
- 03 Jovem é preso suspeito de participação em morte de idoso em Três Ranchos
- 04 Homem mata mulher e envia mensagem para a filha revelando onde está o corpo
- 05 Ao vivo no Facebook, adolescente atira em colega por acidente

## ANEXO

## Regularidade 02: Mulher-Corpo (3.2.3)

 Cidades

## Mulheres são executadas com tiros na cabeça

Crimes aconteceram em um intervalo de 12 horas, ambos na região sudoeste da capital

02/09/2015 08:02

Mantovani Fernandes



Rosana Melo



*Andreia Oliveira Araújo foi executada com 10 tiros na cabeça*

Duas mulheres foram executadas com dezenas de tiros na cabeça em Goiânia. A manicure Stefanny de Sousa Faria, de 21 anos, foi morta com pelo menos nove tiros no rosto dos 13 disparados contra ela por um homem que invadiu o quintal da casa da amiga dela, na Rua Fonte Nova, no Jardim Ana Lúcia, no final da tarde de terça-feira (1).

Stefanny tinha deixado a filha na creche e ido até a casa da amiga. Assim que entrou na casa, o homem entrou no quintal e a alcançou, disparando os tiros de curta distância e fugindo em seguida. O executor usava uma pistola calibre 380.

A albergada Andreia Oliveira Araújo, de 34, que cumpria pena por tráfico de drogas, foi executada às 5 horas de quarta-feira (2), a duas esquinas da Casa do Albergado, na Rua do Salermo, no Jardim Europa. Ela e uma colega foram liberadas no início da manhã para o trabalho e foram abordadas pelo executor. O homem deu 10 tiros na cabeça da vítima, usando uma pistola calibre 9 milímetros.

A delegada Myriam Vidal, adjunta da Delegacia de Investigações de Homicídios (DIH) esteve nos dois locais de crime. Os autores ainda não foram identificados.

Navegue pelo assunto

 Cidades  Polícia  Disparos  Goiânia  Jardim Ana Lúcia  Jardim Europa

Comentários 

Os comentários publicados aqui não representam a opinião do jornal e são de total responsabilidade de seus autores.

## ANEXO

## Regularidade 03: Espetacularização (3.3.1)

 Cidades

## “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou ex-namorada com 16 facadas

Adolescente foi atingida no tórax, braço e rosto, chegou a ser socorrida, mas não resistiu aos ferimentos

14/02/2017 10:48

Reprodução



Redação



“Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva e matei ela”, uma suposta traição foi o motivo para que um homem **matasse a ex-namorada, de 15 anos, com 16 facadas** no Setor Bairro da Vitória, na região Noroeste de Goiânia, na tarde dessa segunda-feira (14).

Em um vídeo, o homem conta que detalhe do crime. Segundo ele, durante a manhã a vítima ligou para ele e o chamou para acompanhá-la até uma consulta odontológica. No consultório, ela deixou o celular com ele. Durante o atendimento, o telefone tocou e ele atendeu.

De acordo com o relato dele, a ligação era de um homem e o mesmo contou que estava tendo um caso com a jovem. “Ele me disse que ela estava me traindo, que eu tinha que deixar ela e largar de ser moleque”, conta o suspeito.

Ainda no vídeo, ele conta que após a consulta foram até a residência dele para buscar objetos que a adolescente tinha deixado no local. “Ela ficou aguardando na calçada. Quando eu entrei vi a faca sobre a mesa e peguei. Entreguei as roupas para ela, quando ela viu a faca ficou desesperada e tentou correr e eu acertei a primeira”, confessa.

A adolescente foi atingida por 16 facadas no tórax, braço e rosto. Ela chegou a ser socorrida e encaminhada para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Jardim Curitiba, mas não resistiu aos ferimentos.

O suspeito foi preso, a faca apreendida e encaminhados para a Central de Flagrantes de Goiânia.

PUBLICIDADE



### Continue lendo

- 01 “Eu não aceito traição, fiquei cego de raiva”, diz homem que matou ex-namorada com 16 facadas
- 02 Adolescente de 15 anos é morta com 16 facadas pelo ex-namorado em Goiânia
- 03 Adolescente é executado enquanto brincava na porta de casa em Goiânia
- 04 Marido matou a ex-mulher a facada em Aparecida de Goiânia, conclui Polícia Civil
- 05 Adolescente de 14 anos tenta estuprar jovem de 13 e é morto a facada em Goiânia

## ANEXO

## Regularidade 03: Espetacularização (3.3.2)

 Cidades

## Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para casamento

Kelly entrou no grupo de caronas para reduzir os gastos com viagens

04/11/2017 12:52

A jovem Kelly Cristina Cadamuro, de 22 anos, morta ao dar carona para um desconhecido, entrou no grupo de caronas para reduzir os gastos com viagens e economizar dinheiro para o casamento, segundo seus familiares.

Ela viajava com frequência de Guapiaçu, na região de São José do Rio Preto, onde morava, para Itapagipe, em Minas Gerais, onde reside o namorado, o engenheiro Marcos Antônio da Silva, de 28 anos.

Para dividir as despesas, a jovem compartilhava as viagens com pessoas do grupo formado por meio do aplicativo WhatsApp.

De acordo com um tio, Adriano Barcelos Augusto, a jovem era dedicada ao trabalho e fazia economia porque planejava ter filhos e formar família. Ela trabalhava numa loja de óculos e fazia estágio como técnica em radiologia, sua área de formação. Segundo ele, a jovem era muito apegada à família, que está "arrasada" com o crime.

O namorado confirmou que o plano do casal era financiar uma casa, por isso os dois guardavam dinheiro. Alguns móveis já haviam sido comprados.

Kelly desapareceu na noite de quinta-feira, 2, depois de combinar pelo aplicativo WhatsApp uma carona com um casal de Rio Preto - na hora da partida, só apareceu o rapaz, depois identificado como Jonathan Pereira do Prado, de 33 anos. Prado cumpria pena por vários crimes e foi beneficiado com a saída temporária da Páscoa, mas não retornou à prisão e foi considerado foragido.

O corpo de Kelly foi encontrado no dia seguinte, seminu, com as mãos amarradas e sinais de estrangulamento, e com a cabeça mergulhada num córrego, entre Frutal e Itapagipe, em Minas. Câmeras de uma praça de pedágio mostraram Prado voltando sozinho com o carro. O veículo foi achado depenado, próximo de Mirassol.

A Polícia Civil de Frutal trabalha com a hipótese de latrocínio - roubo seguido de morte. Exames preliminares não confirmaram violência sexual. De acordo com a confissão do matador, a jovem resistiu e lutou, obrigando-o a amarrá-la. Ele negou o estupro e disse que a calça dela saiu quando ele a arrastava pelo mato até o córrego.

Exames confirmaram que ela foi agredida e estrangulada. Prado teria dito que pretendia apenas roubar e escolheu a vítima aleatoriamente, mas a polícia acha que ele premeditou o crime.

Outros dois suspeitos de participação no assassinato, Wander Luís Cunha, de 34 anos, e Daniel Teodoro da Silva, de 24, teriam sido apenas receptadores dos objetos furtados da jovem.

A advogada de Daniel, Patrícia Ferreira Barbosa, pediu sua soltura para que responda em liberdade, mas a justiça ainda não decidiu. Wander e Prado não tinham advogados constituídos até a manhã deste sábado, 4.

Navegue pelo assunto

[Cidades](#) [Kelly Cristina Cadamuro](#) [WhatsApp](#) [Carona](#) [Minas Gerais](#)



Estádio  
Conteúdo



## ANEXO

## Regularidade 03: Espetacularização (3.3.2)



Redação O  
POPULAR

Com informações d  
o G1

CIDADES

## Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona

Suspeito identificado como passageiro da radiologista confessou o assassinato, mas negou abuso sexual

04/11/2017 - 12:37



(Foto: Reprodução/TV TEM)

O homem, que confessou ter matado uma jovem de 22 anos durante uma viagem combinada em um grupo de caronas, contou ter amarrado os braços da radiologista com uma corda e arrastado o corpo.

Kelly Cristina Cadamuro foi encontrada na quinta-feira (2) seminua próxima a um córrego. Jonathan Pereira do Prado confessou o crime, mas negou ter cometido abuso sexual. Em depoimento à Polícia Civil de Frutal (MG), ele afirmou que parte da roupa da jovem saiu enquanto o corpo era arrastado. A calça da jovem foi localizada a 3km do local onde o corpo foi localizado.

Segundo o G1, o atestado de óbito aponta morte em decorrência de asfixia e estrangulamento.

Jonathan conta ter premeditado o crime com o objetivo de roubar o carro e demais pertences da radiologista. Os dois se conheceram por um grupo no WhatsApp para pessoas que desejam compartilhar veículos, oferecendo e pedindo caronas. A jovem encontraria o namorado, no entanto desapareceu na última quarta-feira (1ª). O homem foi identificado como o passageiro que viajava com ela.

De acordo com o G1, no percurso entre o interior de São Paulo com destino à região do Triângulo Mineiro, ele pediu para que ela parasse o carro porque ele precisava urinar. Jonathan teria se aproveitado da situação para desferir vários golpes no rosto da radiologista.

“No depoimento, ele diz que ela reagiu e que houve luta corporal forte. Ela tentou fugir e até chegou a abrir a porta do carro, mas ficou presa pelo cinto de segurança. Após isso, ele a estrangulou, amarrou os braços dela com uma corda que já estava na mochila dele, abandonou o corpo e fugiu com o veículo e os pertences dela, disse o delegado César Felipe Colombari da Silva em entrevista ao G1.

O enterro da jovem foi realizado na cidade natal, Guapiaçu (SP), na última sexta-feira (3).



4 Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido n...

5 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para...

Continue lendo

Mais lidas

1 Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por WhatsApp

2 Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona

3 Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após...

4 Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido n...

5 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para...

Continue lendo

Mais lidas

1 Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por WhatsApp

2 Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona

3 Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após...

4 Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido n...

5 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para...

Continue lendo

Mais lidas

1 Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por WhatsApp

2 Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona

## ANEXO

## Regularidade 03: Espetacularização (3.3.3)

 Cidades

## Jovem que matou garota com 11 tiros no rosto em Alexânia era seu vizinho e já tinha feito ameaças

Rapaz teria tentado presentear a estudante, mas ela não teria aceitado; delegada disse que há indícios de crime passional

06/11/2017 12:43

Reprodução/Whatsapp



Redação O  
POPULAR

com informações do  
Metrópoles



*O suspeito, Misael Pereira, de 19 anos, já foi detido pela polícia. Ele foi localizado e preso momentos após o crime, bastante nervoso.*

Misael Pereira, 19 anos, suspeito de matar a adolescente Rafaela Novisk, 16 anos, na manhã desta segunda-feira (6), na sala de aula do 9º ano do ensino fundamental, do Colégio Estadual 13 de Maio, em Alexânia, era seu vizinho e já tinha feito ameaças em 2016. “Aí neste ano, ela recebeu uma ligação e ele perguntava se ela estava preparada”, contou a prima da vítima, que não quis se identificar.

Para a delegada Rafaela Azzi, Misael afirmou que tentou presentear a jovem, mas ela recusou e então, com muito ódio, disparou 11 vezes contra o rosto de Rafaela. “Ela não estaria dando moral a ele. Ou seja, há indício de crime passional”, explicou a delegada.

Misael estava mascarado quando invadiu a escola. Fora da instituição, um amigo da família do suspeito o esperava dentro de um carro. Para a delegada, esse amigo foi conivente com a ação, mesmo dizendo que desconhecia a intenção de Misael.

O suspeito foi indiciado por homicídio qualificado e segundo a investigadora ele não demonstrou arrependimento.

Navegue pelo assunto

[Cidades](#) [Misael Pereira](#) [Polícia Civil](#) [Rafaela Novisk](#) [Colégio Estadual 13 de Maio](#) [Alexânia](#)

Comentários 

Os comentários publicados aqui não representam a opinião do jornal e são de total responsabilidade de seus autores.

## ANEXO

 Cidades

## Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido na cadeia

Em seu depoimento, Jonathan Pereira Prado, de 33 anos, contou que arrastou a vítima amarrada a uma corda por quase 3 km

05/11/2017 12:58

Reprodução/TV TEM



Estádio  
Conteúdo



Divulgação/Polícia Militar

Jonathan Pereira Prado, de 33 anos, acusado de matar Kelly Cristina Cadamuro, de 22 anos, durante uma carona combinada por aplicativo de celular, foi agredido na cadeia. Ele sofreu um corte no supercílio e outros ferimentos na cabeça, que precisou ser enfaixada na noite de sexta-feira, 3. Isso horas após prestar depoimento e contar detalhes do crime, inclusive, que arrastou a vítima amarrada a uma corda por quase três quilômetros.

Jonathan Pereira do Prado

O suspeito era fúgitivo da cadeia e já responde por outros oito crimes. Ele está no Presídio de Frutal (MG), na região do Triângulo Mineiro. De acordo com a Secretaria de Estado de Administração Prisional (Seap), a agressão é investigada e ele foi transferido para uma cela individual após ser medicado.

Kelly viajava de São José do Rio Preto (SP) para se encontrar com o namorado em Itapagipe (MG) quando foi agredida e estrangulada pelo acusado, que se inscreveu no aplicativo e conseguiu carona com a jovem. Seu corpo foi localizado na quinta-feira, 2, em um córrego, para onde o acusado a arrastou, segundo ele, após matá-la.

### Reconstituição

Ele foi preso no mesmo dia do crime em São José do Rio Preto. O delegado Heli Andrade, de Uberaba (MG), contou que Jonathan deverá permanecer no presídio em Minas até que seja feita a reconstituição do crime, o que deve ocorrer ainda nesta semana. "Por isso, é importante que ele continue aqui na região", falou.

Navegue pelo assunto

[Cidades](#) [Carona](#) [WhatsApp](#) [Crime](#)

## ANEXO

 CIDADES
Redação O  
POPULAR

## Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por WhatsApp

O último contato feito pela jovem com a família foi em um posto de combustíveis na BR-153, quando ela parou para abastecer o veículo

02/11/2017 - 15:19



(Foto: Reprodução/TV TEM)

A polícia está procurando uma jovem de 22 anos que desapareceu desde a tarde desta quarta-feira (1º) depois de combinar uma viagem com carona por um grupo de WhatsApp. As informações são do G1.

De acordo com a publicação, Kelly Cristina Cadamuro combinou com um casal em um grupo de caronas a viagem, que sairia de Guapiáçu (SP) e iria para Itapagipe (MG). Na hora da viagem, no entanto, a mulher desistiu e apenas o homem pegou carona com Kelly, que não conhecia o rapaz.

Segundo as investigações, o último contato feito pela jovem com a família foi em um posto de combustíveis na BR-153, quando ela parou para abastecer o veículo. Câmeras de um circuito de segurança de um pedágio em Minas Gerais registraram o momento em que Kelly passou pelo local, dirigindo. Mais tarde, o mesmo carro é visto no pedágio fazendo o caminho de volta, mas, dessa vez, é um homem que está ao volante.

O carro da jovem foi encontrado pela polícia abandonado em uma estrada rural sem as quatro rodas, o rádio e o step. As autoridades fazem buscas pela região à procura de Kelly.

### Navegue pelo assunto:

[Cidades](#) [Desaparecimento](#) [Carona](#) [WhatsApp](#)


Continue lendo

Mais lidas

- 1 Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por...
- 2 Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona
- 3 Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após...
- 4 Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido n...
- 5 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para...

Continue lendo

Mais lidas

- 1 Jovem de 22 anos desaparece depois de dar carona que combinou por...
- 2 Homem afirma ter estrangulado e arrastado jovem morta durante carona
- 3 Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após...
- 4 Acusado de matar jovem durante carona combinada por WhatsApp é agredido n...
- 5 Jovem morta ao dar carona por WhatsApp economizava dinheiro para...

## ANEXO

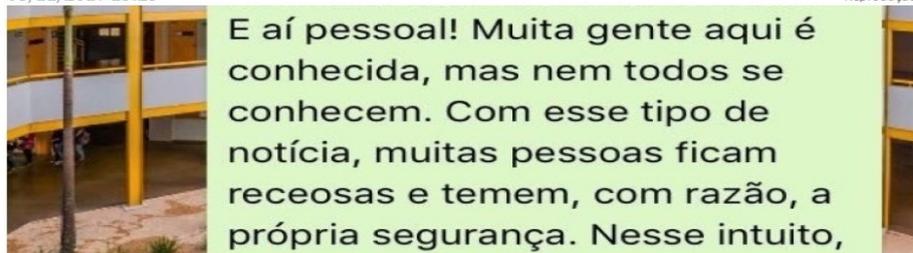
 Cidades

### Grupos de carona de Goiás estabelecem regras de segurança após assassinato de jovem em MG

As viagens compartilhadas entre Goiânia e Cristalina serão feitas somente com checagem de informações feita pelos administradores da ferramenta criada no WhatsApp por estudantes

03/11/2017 19:25

Reprodução



O caso de Kelly Cristina Cadamuro, de 22 anos, que foi assassinada em Minas Gerais após dar carona a um homem na última quarta-feira (1) tem repercutido entre pessoas que costumam compartilhar carros durante viagens. A notícia tem se espalhado em grupos de Facebook e WhatsApp com discussões sobre maneiras de garantir a segurança dos participantes. Em um deles, de Goiás, novas regras foram anunciadas nesta sexta-feira (3).

O grupo “Caronas Gyn-Crt” de WhatsApp possui 180 integrantes que buscam compartilhar veículos em viagens entre Goiânia e Cristalina, que fica 288km de Goiânia, entorno do Distrito Federal. Segundo o administrador da plataforma, o estudante de Direito Heitor Soares, 23, todos os participantes apoiaram a decisão de mudar a forma de inclusão de integrantes.

“Antes os participantes pediam para incluir os amigos e nós fazíamos. Depois do caso, decidimos que o novo participante para ser aceito tem que conversar com os administradores, dar referência de local onde trabalha, de qual família é e nós vamos checar tudo que for repassado”, explica Heitor.

De acordo com o estudante, o grupo atende apenas os moradores de Cristalina, e por ser uma cidade do interior, ainda que com mais de 50 mil habitantes, não é difícil saber o histórico dos moradores.

Apesar de ter sido criado em 2015, os administradores nunca haviam estabelecido regras para garantir a segurança dos participantes. O “Caronas Gyn-Crt” tinha, no início, 10 integrantes, todos amigos de Heitor que acharam na ferramenta uma forma de fazer com as despesas com visitas aos pais não pesassem no orçamento.

“Hoje o grupo é uma utilidade pública porque tem várias pessoas que saem de Cristalina e vêm a Goiânia em busca de tratamento médico, por exemplo. Com alta dos combustíveis e de vários preços, fica difícil a viagem. É um jeito de todo mundo se ajudar”, diz.

O estudante de Direito afirma que a discussão para as novas regras no grupo abriu debate sobre a segurança até em outros casos adversos, como problemas nos veículos e acidentes de trânsito. “Nossas mães sempre questionavam com que estávamos indo, mas nunca pensamos na possibilidade de algo parecido acontecer”, relata em referência ao caso da jovem encontrada morta em Minas Gerais.

Hoje até mesmo as mães fazem parte do grupo e se utilizam da iniciativa. Elas comemoraram as novas regras.

## ANEXO

## Portal Ludovica – LDVCA (4)

J. JAIME CÂMARA O POPULAR CLUBE O POPULAR JORNAL DAQUI JORNAL DO TOCANTINS CLASSIFICADOS O Popular

LDVCA Ludovica

CAPA BELEZA LAZER COMPORTAMENTO MODA CASA NOIVAS ACONTECE BLOGS

f | | CADASTRE-SE | LC

Lazer

## FEMINICÍDIO: AVANÇO NA LUTA DAS MULHERES

02/04/2015 13:00

Arquivo/Fernando Frazão/Agência Brasil



Agência Brasil



A aprovação pela Câmara dos Deputados do Projeto de Lei 8305/14 do Senado, que tipifica o feminicídio como homicídio qualificado e o inclui no rol de crimes hediondos, é considerada por especialistas ouvidas pela Agência Brasil um avanço na luta pelos direitos das mulheres. O texto modifica o Código Penal para incluir o crime – assassinato de mulher por razões de gênero – entre os tipos de homicídio qualificado. O projeto aguarda sanção presidencial.

Para a representante da ONU Mulheres Brasil, Nadine Gasman, a aprovação do projeto representa avanço político, legislativo e social. “Temos falado há muito tempo da importância de dar um nome a esse crime. A aprovação coloca o Brasil como um dos 16 países da América Latina que identificam o crime com nome próprio”, disse. Segundo Nadine, a tipificação do feminicídio poderá aprimorar procedimentos e rotinas de investigação e julgamento, com a finalidade de coibir assassinatos de mulheres. “Essa lei dá uma mensagem muito clara para os perpetradores [da violência contra a mulher] de que a sociedade está identificando o feminicídio como um fenômeno específico. Esse tipo de lei tem caráter preventivo”.

A proposta aprovada estabelece que existem razões de gênero quando o crime envolver violência doméstica e familiar ou menosprezo e discriminação contra a condição de mulher. O projeto foi elaborado pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Violência contra a Mulher. As penas podem variar de 12 anos a 30 anos de prisão, dependendo dos fatores considerados. Além disso, se forem cometidos crimes conexos, as penas poderão ser somadas, aumentando o total de anos que o criminoso ficará preso, interferindo assim no prazo para que ele tenha direito a benefícios como a progressão de regime.

O projeto prevê ainda aumento da pena em um terço se o crime acontecer durante a gestação ou nos três meses posteriores ao parto, se for contra adolescente menor de 14 anos, uma pessoa adulta acima de 60 anos ou ainda pessoa com deficiência e se o assassinato for cometido na presença de descendente ou ascendente da vítima.

Navegue pelo assunto

feminicídio crime lei violência machismo mulher

## Portal Ludovica – LDVCA (4)

## ANEXO


 Comportamento

## LEI CRIA SEMANA NACIONAL PELA NÃO VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

29/03/2017 09:00

Shutterstock


 Agência  
Brasil


A lei que cria a Semana Nacional pela Não Violência contra a Mulher foi publicada no Diário Oficial da União dessa terça-feira (28). Aprovada pelo Congresso Nacional como forma de homenagear o Dia Internacional da Mulher, a nova legislação estabelece que todo ano, na última semana de novembro, o setor público desenvolva, com o apoio de entidades da sociedade civil, campanhas e atividades, como palestras, debates e seminários visando a esclarecer e conscientizar a sociedade sobre a violação dos direitos da mulher.

“Trata-se, assim, de mais uma medida para combater a violação dos direitos da mulher, em linha com a prioridade conferida à promoção da igualdade de gênero pelo governo federal”, diz trecho de nota divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, ao anunciar a sanção da lei. Dentro das homenagens feitas pelo Dia Internacional da Mulher (8 de março), foram sancionadas também leis que determinam a inscrição dos nomes de Clara Camarão e Antonia Alves Feitosa no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

“A inscrição de nomes de heroínas no Livro dos Heróis da Pátria preenche uma lacuna na historiografia oficial e serve como estímulo à reflexão pelas gerações atuais e futuras sobre o papel decisivo desempenhado pelas mulheres brasileiras nos episódios mais críticos e relevantes da história nacional”, conforme nota o Palácio do Planalto.

Clara Camarão teve papel decisivo no combate aos holandeses na Batalha dos Guararapes, em 1648. Antonia Alves Feitosa, conhecida como Jovita Alves Feitosa, combateu a discriminação ao juntar-se ao Exército para tentar lutar na Guerra do Paraguai.

Navegue pelo assunto







 Comentários 

Os comentários publicados aqui não representam a opinião do jornal e são de total responsabilidade de seus autores.

## ANEXO

## Portal Ludovica – LDVCA (4)

Comportamento

## CARTILHA DIZ COMO AGIR EM CASO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

03/04/2015 19:00 Foto: Reprodução / Facebook



LDVCA  
Agência Brasil

Mais de 10 mil denúncias em todo o estado e quase 5 mil só na cidade do Rio de Janeiro dão as dimensões da violência doméstica contra a mulher, tendo como resultado um terço dos inquéritos policiais abertos em nível estadual, dos quais a maior parte – 50% – na Baixada Fluminense. Por isso, A cartilha Conhecendo um Pouco Mais da Lei Maria da Penha, foi lançada, voltada para os jovens, com informações sobre como agir nessas situações.

As mulheres mais atingidas pela violência doméstica têm idade entre 19 e 30 anos e os homens agressores, entre 31 e 40 anos. Tudo isso é também tema do debate promovido também hoje pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ), sob o tema Violência Doméstica contra as Mulheres: a Importância das Ações para a Prevenção, para discutir a aquela lei, em vigor há quase nove anos. Para a coordenadora do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (CAO Violência Doméstica), Lúcia Iloizio Barros Bastos, ainda ocorrem alguns entraves para a efetivação completa da Lei.

"A Lei Maria da Penha está em vigor há nove anos e, ao longo desse período, pudemos acompanhar a instalação de diversos serviços especializados de atendimento à mulher que se encontra em situação de violência doméstica familiar." Lúcia reconhece que ainda faltam melhorias na estrutura desses equipamentos e acrescentou: "muitos profissionais são mantidos por meio de convênios e falta aprimoramento. "As polícias, de um modo geral, vêm se capacitando para prestar melhor atendimento, e todas as instituições estão em uma crescente mobilização para a questão do enfrentamento a essa forma de violência", disse Lúcia. Segundo ela, já foram feitos avanços importantes que não podem ser desconsiderados.

Para ela, é importante a repressão a esses crimes para a melhor tutela da mulher que se encontra nessa situação. É preciso, porém, que o Estado observe também a necessidade de adotar outras medidas de prevenção, ações informativas e orientações para homens e mulheres. "Poderíamos estar melhor, por exemplo, se focássemos também em orientações voltadas um pouco mais para uma linguagem masculina, de compreensão desse fenômeno, de forma a evitar mais práticas de dominação em relação a mulheres."

De acordo com Lúcia, está o momento de investir mais nesse campo. "Temos de conjugar ações de prevenção e de repressão e é necessário que todas as instituições que trabalham com essa temática se unam para fazer um esforço coletivo." Durante o percurso das ações desenvolvidas em prol da mulher, o MP percebeu um aumento da violência entre o público jovem e por isso desenvolveu essa cartilha, que ensina os recursos da Lei Maria da Penha através de uma história em quadrinhos. A atuação do órgão e a disseminação dessa informação estão sendo desencadeadas através de visitas a escolas, em ações sociais e seminários.

"Esse tipo de violência tem sido recorrente. O tema dessa história é baseado em um fato real. Esse contexto de dominação, ele é muito cultural e vai passando de geração em geração. Tais comportamentos são na verdade aprendidos pelos jovens. Essa situação também se encontra presente quando os jovens iniciam seus relacionamentos", disse a coordenadora.

Navegue pelo assunto

[violência](#)
[mulher](#)
[maria da penha](#)
[cartilha](#)
[jovens](#)
[educação](#)
[lei](#)